

OBSERVAÇÃO

D'esta comparação tambem Macedo se serve em mais do que uma parte.

No canto 8.º, est. 15:

Qual em Zara leão, que o gado assola,
Batendo a longa cauda e espessa juba, etc.

No mesmo canto, est. 31:

Qual sanhudo leão que erricha a juba, etc.

No mesmo canto, est. 42:

Qual rompente leão fero e indomado, etc.

E no canto 11, est. 70:

Qual Massilio leão que vem ferido, etc.

A paginas 95 lê-se: «Na oitava 96 do mesmo canto foi despojado Estacio d'uma das suas mais admiraveis comparações:

Qual parida leoa fera e brava;

e o grande Estacio diz:

Qual parida leoa, que, assaltada
Do caçador Numidico em cruento
Covil, aos filhos olha, e duvidosa
Torva se volve e lastimosa brame.»

OBSERVAÇÃO

Tambem d'ella se serve Macedo, e cremos mesmo que imitando mais Estacio, do que o imitou Camões, no canto 3.º, est. 15:

.....
Ou qual leoa em Zara erma, estuosa
Se o negro caçador lhe atiça a insana
Furia co'a setta, ou lança temerosa,
Que vendo o sangue que do golpe emana,
Ruge de raiva, e espuma, e duvidosa
Ora o dujo agressor correndo alcança
Orá aos filhos bramindo os olhos lança.

Pelo que fica exposto, qual será o homem imparcial que negará a originalidade aos «Lusiadas», dando-a ao «Oriente»?

Temos quasi concluido o nosso trabalho, e apontamos os logares em que nos parece ha similhança entre os dois poemas. Para o formar só nos servimos dos «Lusiadas» de Luiz de Camões, do «Oriente» de J. A. de Macedo e da «Análise dos Lusiadas de Luiz de Camões» por Jeronymo Soares Barbosa, mas 'nesta obra muito poucas vezes pegámos. O bem ou mal que está feito devemol-o ás muitas combinações que fizemos dos dois poemas, e cremos ter respondido á maior parte dos pontos que Macedo allega a Camões ter copiado, imitado ou traduzido d'outros poemas estrangeiros, com cópias e imitações que o mesmo Macedo faz, não só de Camões, mas d'outros auctores: penalisa-nos ainda uma cousa, e é não podermos ter os auctores citados por Macedo, para mais mostrarmos a pouca ou nenhuma originalidade do Oriente.

Contudo, sempre diremos que o Oriente é um bom poema (no nosso fraco entender), que tem boas imagens, que está bem acabado e que custou muito estudo ao seu auctor, e mais dizemos que a Historia Sagrada que elle faz contar por Vasco da Gama ao rei de Calecut é uma das suas melhores partes, e que nos agradeou em extremo.

Já que fallámos no merito da obra, como imparciaes, notar-lhe-hemos tambem um defeito.

«É regra que nem tudo o que a historia diz, se pôde tractar em um poema epico. Nella ha uns incidentes que estão bem á magestade do poema, e que porisso podem tomar lustre nas mãos d'um bom poeta; e ha outros que são improprios e indecentes da sua grandeza, os quaes postos em uma Epopia serão como nodos em um vestido. Aristoteles diz que Homero não é menos admiravel no que deixou de dizer do que no que disse. Camões não se esquece d'esta regra. Pela historia sabemos que a frota portugueza, no dobrar o Cabo da Boa Esperança, experimentou tão grandes prejuizos, que julgaram todos que iam perecer; pelo que a gente toda e ainda os officiaes pediram instantemente a Vasco da Gama quizesse voltar para traz, porém elle insistiu sempre na sua empreza.»¹

Segue-se, pois, que Macedo errou muito e foi contra a regra em mencionar no seu poe-

¹ Extrahido da «Análise dos Lusiadas de Luiz de Camões», por J. S. Barbosa.

ma este incidente, o que faz no canto 3.º, est. 72 a 78.

Concluiremos por dizer, que é impossivel fazer um poema inteiramente original, porque todos os poetas lêem os outros seus antepassados, d'onde tiram materia com que formam as suas obras. Apresentem-nos o primeiro poema que viu a luz do mundo e nós então diremos—este é original porque o seu auctor não teve a quem imitar.

A. N. C.

Expediente

Os «Hymnos e Flores» vão entrar no 2.º semestre; no 1.º a benevolencia pública chegou a ponto de se extinguirem todas as collecções, e por isso é que temos fé em que os nossos assignantes continuarão a concorrer com a sua protecção para o augmento d'este periodico; não queremos tirar lucro; é nosso unico empenho dar publicidade a escriptos de mancebos cheios de esperanças, para os animarmos a proseguir na carreira da litteratura; tambem nos têm ajudado 'neste empenho, concorrendo com suas valiosas produções, pessoas de muito merito, a quem d'aqui tributamos um sincero agradecimento. Os «Hymnos e Flores» darão aos assignantes do 2.º semestre um volume de poesias e romances de 100 paginas de impressão, aperfeiçoado quanto for possivel; é uma prova de que pretendemos ser gratos aos srs. assignantes.

Pedimos aos que estiverem ainda em debito o obsequio de mandar satisfazer o importe da sua assignatura em vales do correio ou em estampilhas a Alfredo Elycio, Coimbra: aos srs., que não declararem até ao dia 10 do presente, que cessam com a sua assignatura, continuará a ser-lhes enviado o periodico.

Continuará o periodico a ter a mesma colaboração, que no 1.º semestre; começando, entre outros romances, a publicar-se no n.º 13 um da ex.^{ma} sr.^a D. Henriqueta Elysa.

Temos a agradecer o obsequio de trocar com os «Hymnos e Flores» ás redacções do — Archivo Pittoresco — Aurora Litteraria — Mensageiro das Damas — Defensor do Traba-

lho — Vóz do Alemtejo — Pharol do Alemtejo — Scholastico Eborense — Bejense — Correio de Setubal — Liberdade — Conimbricense — Tribuno Popular — Commercio de Coimbra — Instituto — Jornal dos Artistas — Magriço — Districto de Aveiro — Viannense — Religião e Patria — Clamor do Norte — Mercantil — e Imprensa.

Tambem agradecemos o obsequio de nos pedirem a troca ás redacções do — Jornal da Pharmacia — Album Litterario — Cosmorama — Camões — Grinalda — Vimaranesense — e Tentativas Litterarias.

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

FATALIDADES DO AMOR

POR

Antonio Gomes da Silva Sanchez

Brevemente sahirá á luz este romance, em que o auctor, á luz d'uma critica judiciosa, descreve e analysa as differentes phases que se antolham aos namorados.

Não pretendemos tecer-lhe elogios. O que elle merece dil-o-hão os sensatos leitores, que sabem desculpar os defeitos que sempre se encontram nas estrêas dos mancebos que encetam a carreira da litteratura. O auctor recebe com gosto as justas censuras que se fizerem ao seu primeiro opusculo; mas desprêsa tambem a critica mordaz, que costumam fazer os despeitados e invejosos.

Preço

Por assignatura 240 réis || Avulso..... 400 réis

EXPLICAÇÃO DAS CHARADAS ANTERIORES

Concordia — Romaria — Miseria — Bofetada — Andaluz.

ERRATA IMPORTANTE

A paginas 23, col. 2, lin. 24, sahiu erradamente — continua.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE



O QUE É A SOCIEDADE

ROMANCE ORIGINAL

A MINHA ESTIMADA MÃE

INTRODUÇÃO

A sociedade é um livro; quem o abrir ao acaso, e folhear algumas páginas, depara logo com as tendencias mais pronunciadas do seculo! Os seus vicios e as suas virtudes, as suas crenças ou os seus desejos, a sua religião ou o seu cálculo, tudo alli está marcado em cada linha, e cada linha revela um typo, e cada typo o papel que foi chamado a representar.

O individuo que se propõe a estudar 'neste livro, esse mesmo é um estudo, porque faz parte da sociedade: por mais que forceje por partir os liames, que a ella o prendem, é escravo dos seus preceitos, e é escravo da propria vontade, porque ésta o arrasta para um obstaculo que não póde fender.

'Nesta lucta desigual, o mais que se consegue é esquecermo-nos de nós mesmos, desprezarmos o nosso papel, e tomarmos um, que, sem o sabermos, vae fazer rir as turbas, que nos apontam como *dominó*, em tempo de quaresma.

O seculo XIX é um seculo materialista; o cálculo e o dinheiro são as suas divindades, e não ha ahi ninguem que queime incenso nas aras d'outro nume.

O poeta, se sonha, ve ouro; e, quando acorda, vende a sua lyra pelo ouro d'uma mulher, que é o anjo (diz elle) que sempre víra em seus *dourados* sonhos!

A mulher ideal, poetisa pelo coração, a virgem fagueira dos campos, pura como a rosa que lhe desabrocha aos pes, modesta como a violeta que sua mão protege, finalmente, a fada encantadora dos poetas, o rouxinol das suas canções, despreza as galas singelas da natureza pelo brilho facticio d'uma sala, vende as imagens queridas da sua ju-

ventude, as affeições mais nobres da sua alma, pelo contos de algum gordo brasileiro, ou pelos bigodes frisados d'um aspirante a deputado.

O papá e a maman da menina enfeitam a sua mercadoria com o annúncio do dote, e assim a levam de salão em salão, ou antes de leilão em leilão, offerecendo-a a quem mais der.

Ora ahi está o que é o seculo actual, não geralmente fallando (quero que haja algumas excepções, mas éstas tão raras, que ou passam despercebidas, ou são apontadas ao dedo como uma irrisão ao bom senso!)

Todo o homem que faz um casamento, onde não entra o cálculo, nem as conveniencias da sociedade, é tolo, excéntrico ou romantico: toda a mulher que escutar primeiro o coração do que a cabeça e a vaidade, é uma imaginação esquentada, com pertenções a heroína de romance!

Assim vae o mundo!...

Basta de exórdio: isto que deixo dito serve só para prova, que é um conto moral, descripto, não bem, mas fielmente, que eu vou ter a honra de apresentar ao publico: possa elle colher algum fructo do meu trabalho.

CAPÍTULO I

... coração de ouro mais nobre, tão puro não havia em peito portuguez.

REBELLO DA SILVA.

Era 'num dos salões da philharmonica no Porto; havia concérto, e baile de costumes, pois estava-se no domingo gordo.

Tinha-se ha pouco servido o cha; e, apoz ésta interrupção de pequeno espaço, o baile recommençára mais brilhante, ou para melhor dizer, mais furioso.

Uma unica pessoa alli parecia não tomar parte na alegria d'aquella festa. Lance o leitor comigo os olhos para dentro das cortinas d'uma das janellas, e vera um mancebo de rosto pallido, encostado ao peitрил, e com a frente apoiada na mão.

Era este joven de vinte primaveras, que assim fugia do bulicio d'um baile, onde o ruído o encommodava, para se insular no mundo das suas reminiscencias, ou saudades! É que Hyppolito era pobre e amava

15 DE MAIO DE 1863

com todo o ardor dos seus vinte annos, com toda a poesia que lhe cabia na alma, poesia, unica herança que Deus concedêra ao orphão!

Antes de entrarmos por diante na historia d'este mancebo, que elle mesmo nos contará, dêmos alguns ligeiros traços de seu rosto.

Quem olhasse Hyppolito de relance achava-o um homem vulgar e de poucos attractivos; ao passo que, examinando-o com reflexão, sentia-se um effeito totalmente contrário. A causa d'isto era o pouco esmero com que elle vestia, e o acanhamento do seu character, que mais augmentava, pela posição a que a fortuna ou antes a desgraça o lançára. Para dizermos tudo em poucas palavras, os defeitos de Hyppolito eram, não ser rico, não ser janota, não usar de luneta, não fumar, não frisar o cabello, e não trazer a cabeça sempre erguida á maneira de grimpal!

Ora agora um observador imparcial podia-lhe notar muitas bellezas, taes como, um ar de nobreza, muito distincto, mas sem orgulho, em todas as suas maneiras que seriam graciosas, se não fôsem um tanto acanhadas; uma estatura elevada, e com toda a elegancia, que um aprimorado estatuario poderia dar ás suas figuras; a fronte larga e saliente, carregada de melancholia e pezares; a cabeça bella, mas inclinada com desalento, como se o desengano tivesse passado sôbre ella, por mais d'uma vez, a sua aza maldicta, crestando-lhe o viço das mais rescentes flores de primavera! Era uma soberba cabeça de poeta! O rosto devia ser oval, se não fôsse a extrêma magreza das faces pallidas e encovadas, onde realçava o bello e comprido bigode, em que a bôcca de todo se perdia, quando um sorriso não vinha patentear duas fileiras de dentes pequeninos e alvos como os d'uma criança. Os olhos eram castanhos e talhados em fôrma de amendoa, e franjados de compridas pestanas louras. O seu olhar revelava o desgosto d'um espirito muito superior, que se ve encerrado e confundido na esphera mais vulgar da sociedade, aonde as circumstancias o arrojaram sem esperanças.

Poderíamos estender mais esta descripção se nos demorássemos ne análise da mão, do pe, do traje, finalmente, em todas estas pequeninas cousas tão necessarias ao escriptor

que se ve obrigado a encher papel; mas nós desejámos quanto antes proseguir na historia, para não ganharmos fama de massadores: porisso passámos adiante.

Em quanto nos demorámos 'nesta análise, uma scena curiosa se pæssou alli mesmo 'naquelle cantinho da janella.

Hyppolito, que ha mais d'uma hora estava 'naquelle postura em que o notámos, e com os olhos fixamente pregados por entre as cortinas 'numa formosa donzella, que lhe ficava fronteira, tirou do seio uma pequena caixa, abriu-a, e, tendo observado um retrato que ella continha, exclamou com desanimo:

«É ella, é ella!...»

E, depois de alguns momentos, continuou, como-se falasse aos echos da alma:

«A última que me fogue!...»

— O que? interrogou uma voz, muito conhecida de Hyppolito.

— A última esperanza, a última crença... a última illusão! respondeu o mancebo, estendendo a mão á que, levantando as cortinas, procurava a sua.

— Não sabia que estavas aqui, disse o recém-vindo, que era um janota em toda a accepção da palavra. Ainda te não vi nos salões.

— Pois tão alto falla a voz da amizade, que, quando entrei, te conheci logo sob a mascara e sob a farda de general, que te serve de disfarce, e ao mesmo tempo realça a tua airosa cintura.

— Então se me conheceste, porque me não fallaste? interrogou o mancebo, que chamarem Gustavo de Miranda.

— Porque estavas no meio d'um encantador grupo de senhoras, e não gostarias da interrupção!

— Ora essa, Hyppolito! a desculpa não é de amigo! Mas vamos ao caso; quero saber a explicação d'aquellas palavras que me trouxeram para juncto de ti.

— Não têm explicação, respondeu o mancebo, com voz quebrada por soluços.

— Então para que é esse mysterio comigo? não sou eu o confidente de todos os teus pezares? Ja alguma vez te trahi?

— Não!... nunca! exclamou Hyppolito com vivacidade, mas é que eu tenho um segredo, que até hoje guardei de ti mesmo, que és o meu unico amigo!

— Obrigado pela escolha! é demasiado li-

songeiral! Um amigo que não serve de confidente, é grande amigo!

— Não gracejes, nem te irrites, Gustavo. Se eu sou infeliz, que mal faço á sociedade, que me não repelle completamente por piedade, e não por não me podêr dispensar das suas festas?! Sê tu ao menos generoso; não me dês a tua amizade e confiança como esmola, dá-m'a antes como uma sympathia de coração, e ver-me-ás então, inteiramente confiado, depositar em ti os segredos mais intimos da minha alma!

A um gesto que fez Gustavo, Hyppolito replicou:

— Espera, não me contradigas; se eu tivesse conhecido em ti essa amizade de instincto, essa sympathia involuntaria e inventível, que me levou a apertar-te a mão, e a travar intimas relações contigo; então acreditada, que não teria exitado em confiar-te o unico segredo da minha vida, e que eu guardo, como o avaro guarda o thesouro, sua unica felicidade neste mundo, e que elle teme ver passar a segundas mãos! Agora, Gustavo, ouve da minha bocca algumas verdades, e não as julgues dictadas pelo despeito, não! hoje mais do que nunca te estimo; e se, no meu egoismo de desgraçado, o mais perdoavel de todos, algumas vezes anathematizo a sociedade, pelo odio implacavel que lhe votei e ella a mim, crê que tu foste sempre exceptuado d'esta regra. Se o ceu me concedesse um irmão, devias ser tu, pelo extremo affecto que te consagro!

Hyppolito fez uma pausa, durante a qual Gustavo lhe lançou um braço ao redor do pescoço, e lhe disse maviosamente ao ouvido:

— Obrigado, amigo. Agora passemos a outra sala, porque o buliço d'esta não me deixa ouvir bem; e eu quero estar a sos contigo.

Os dois amigos deram-se o braço e passaram ao salão contiguo.

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA.

Une femme est une fée! bienfaisante, un anje, un pouissance entre Dieu et la créature pour élever l'âme de l'homme aux joies du ciel.

A. KARR.

REDEMPÇÃO

Oh! Uma santa! Celestial anhelol
Sentimento purissimo! memoria
Acaso triste de un perdido cielo;
Quizá esperanza de futura gloria!

ESPRONCEDA.

Se ao v'lludo de teu collo encosto a fronte
Ebrio da candura de teu pejo,
Bebendo o doce mel d'um casto beijo,
Gozando um puro ceu, cujo horizonte
Na luz dos olhos teus se desvanece...
Não ves alar-se a alma nos perfumes
Do halito que teu niveo seio exhala
E a vista desmaiada que se embala
— Como a gotta na nuvem — nesses lumes
Pendida como a flor que ao sol fenece? —
É que um anjo me prende e me arrebatá
Nas azas transparentes e me encerra
'Naquelle região, longe da terra,
De flocos d'alva gaze, que desata
Em perolas á noite o manso vento!

De ti esse adejar me vem mansinho,
Como sópro suave d'um suspiro;
E a ti volta, outra vez, do seu retiro
Como a ave que voou, volta ao seu ninho.

Se me doem os espinhos d'esta vida,
Peristilos escuros d'outros mundos,
Abysmos tenebrosos e profundos
Em cuja aresta vae, pára esquecida,
Instantes, a sonhar nossa existencia,
Que val assim soffrer? que val se o calix,
Tu me afastas risonha com brandura
Deixando-me entrever o que fulgura
De passagem, ás vezes, nestes valles
Tão tristes!... minha doce providencia!

A. T.

PARA QUE SERVE UMA MULHER

I

O sr. barão do Chão do Bispo era uma figura como a dos outros srs. barões: á primeira vista não tinha nada que o differenciasse d'um homem. Já não assim quando se tractava de perto: encontrava-se-lhe finura e cortezia. Nascêra s. ex.* no solar de seus maiores pouco mais ou menos quarenta an-

nos antes da epocha em que vamos ter a honra de conhecê-lo, e virá-se rodeado de quanto havia de illustre nesta cidade, que como todas as outras cidades, acode com seus mimos e festejos aos bem-vindos da fortuna. A concorrência tinha sido extraordinária, a função de encher o ólho, e o pae do futuro barão não dava a gloria d'esse dia pela de Napoleão, seu contemporaneo, no dia de Austerlitz. Neste mundo tudo é relativo.

Depois d'isso, porém, passaram quarenta annos, e o barão, no momento em que vamos encontrá-lo, parece nem recordar-se d'esse bom tempo que la vae.

Era de manhan. Já tinha nascido o sol havia muito tempo, mas não entrava ainda no segundo andar d'umas casas amarellas, sitas ha hoje trinta annos no Largo do Castello, defronte mesmo do arco. E por um motivo muito simples: duas unicas janellas por onde podia entrar estavam ainda fechadas. Atraz d'essas janellas, para quem pudesse olhar ca de fóra, era de ver... escuridão e mais nada. Ha ahí uma expressão falsa, mas não sei dizer melhor. Fique-se entendendo que com as janellas fechadas estava o quarto escuro. Nós porém podêmos ver, como Eugenio Sue via as pégadas do judeu nos gelos polares.

So por éstas e outras vale a pena fazer-se a gente chroniqueiro de anedotas.

A um canto mais afastado das janellas estava uma cama arrimada á parede, e n'essa cama resonava aristocraticamente um homem. Era o sr. barão do Chão do Bispo.

Á direita da cama havia uma porta, que se abriu de mansinho. Uma cabeça grisalha com uma cara cheia de rugas introduziu-se receiosa no quarto, demorou um instante a olhar para o lado da cama, e retirou-se do mesmo modo, fechando-se outra vez a porta com geito. O proprietário d'ella era um homem alto e delgado, figura retezada e transparente, que dirieis um D. Quixote en carne e osso, se a falta dos bigodes, tradicionaes no D. Cavalleiro, não desconcertasse a similhaça. Era o escudeiro do fidalgo, que ja o fóra de seu pae, em cuja casa nascêra, filho d'outro de seus avós.

Depois de ter fechado a porta do quarto, atravessou, pe ante pe, uma saleta que lhe era contigua, e achou-se de cara com um individuo que fazia com a sua pessoa singular constraste. Estatura mean, cara reboluda e

estupida, trajar de peralta e ademanos de recadista.

— Então? perguntou este.

— O sr. barão ainda dorme? respondeu o servo.

— Deu-lhe o meu recado?

— Não senhor.

— Então que veio ca fazer? Ora ande, va dizer-lhe que eu estou aqui para o que elle sabe.

— Mas ja disse a v. s.^a que ainda está a dormir.

— E que me importa a mim com isso?

— Mas importa a mim, que o sr. barão não gosta que o acordem.

— Não se dá maior desafôro! exclama o janota enchendo as bochechas vermelhas como medronhos. Que a gente faça favores a estes pelintras, que tenha de os vir procurar a sua casa, e que ainda assim se veja em risco...

— De eu lhe tapar a bôcca e pol-o pela porta fóra, se continúa n'esse destempêro: acudiu o velhote dando dois passos.

E sem lhe dar tempo de attender ao que dissera, continuou em voz mal segura, mas baixa:

— Tenha paciencia, sr. Christovão: meu amo não tarda a erguer-se, e fique descansado que lhe dou logo o seu recado. Elle bem sabe que lhe deve, e não lh'o nega. Os seus rendeiros tambem ainda lhe estão a dever.

O que de esforço custou ao bom do homem esta linguagem aveludada, não o digo por escusado, e mesmo porque não ha tempo. A campainha do quarto do donô da casa acaba de tocar, e é necessario que elle la va. Agora pelas costas não gôsto de fallar de ninguém.

Deixemos o credor, e vamos la com elle.

Por hábito velho provavelmente, entrou com afoiteza, e foi descerrar uma janella.

O barão ficou destapadamente visivel.

É sabido que não ha homem grande nem mulher bonita ao levantar da cama. Pois o barão era bem menos do que um homem grande. Salvo n'uma cousa: diante d'uma mesa de jôgo. Alli disputava galhardias com o mais pintado. Perdia sem mágua, ganhava sem enthusiasmo. Verdade seja que lhe custava isso o ter o morgado empenhado no dôbro, e acordar todas as manhans com o vozear dos credores. Mas honra e proveito não

cabem no mesmo sacco. Nem eu sou dos que avaliam os feitos pelos resultados. Por se ter feito obsequios a um ingrato não se segue que um obsequio seja má acção.

Entretanto vestiu-se s. ex.^a e está de pé diante do espelho, concertando o colleirinho postiço da camisa.

O criado acaba de pousar as botas engraxadas.

—O caturra foi-se? perguntou o barão sem se voltar.

—Saiba v. ex.^a que ainda está á espera.

—Disseste-lhe que eu não podia agora falar com elle?

—Tudo o que v. ex.^a mandou.

—Pois então deixa-o. Que espere até que canse. Estes diabos d'estes homens cuidam que estamos sempre de paciencia para os aturar... O José.

—Criado de v. ex.^a

—Vae aparelhar os cavallos, que temos de sahir.

—Para fóra ou para a cidade?

—Para perto.

—É preciso que va pedir emprestado o selim do sr. visconde?

—Não sera mau. Vae, vae, que é bom dar na vista.

Á proporção que iam fallando, José ia escovando o fato, e o barão ia-o envergando.

D'ahi a meia hora dizia o barão ao seu visitador matutino:

—Sr. Christovão, eu vou sahir, e porisso não posso agora fallar-lhe, mas acredite que vou trabalhar por afranjar os nossos negocios do melhor modo.

—Estou acostumado a esse palanfrorio ha muito tempo, e por fim de contas não vejo nem cinco réis. Olhe, sr. barão, a paciencia ja me falta, e eu não me tirei hoje de minha casa para voltar com as mãos vasias. Ou me paga, ou metto-lhe uma penhora pela porta dentro.

O barão devia muito e desde muito para lhe dar cuidado aquella bravata. Não lhe convinha, porém, indispor o homem, e respondeu macio:

—Deixe estar, meu amigo, que não é preciso tanto. Dou-lhe minha palavra de cavalheiro que de hoje a oito dias ha de ter o seu dinheiro.

—La em promessas ninguem é mais prompto; murmurou o credor encolhendo os hom-

bro: agora em cumprir... Cuida v. ex.^a que eu não sei que ja não tem nada de seu?

O barão sentiu gemer no tumulto a honra de seus maiores, e gemido tamanho que o fez dar um pulo. Tocou uma campainha, no sentido de chamar os seus criados para o livrarem do impertinente, mas soffreu o desapontamento de so ver entrar o velho magri-sela de que ja fallámos. A honra de seus maiores teve de calar-se em vista de tão triste realidade. O dono da casa curvou a cabeça um momento, como se o mettessem no samnitico jugo triumphante.

Depois ergueu-se, como o aço fino comprimido um instante, e disse de estalo:

—Sr. Pimenta, tenho de sahir; nós fallaremos.

E sem esperar resposta, atirou comsigo pela porta fóra.

Era o unico partido que tinha a tomar.

(Continúa)

7. SIMÕES FERREIRA.

VERSOS¹

Ja viste a luz brilhante d'uma lampada
Engrossar e crescer, quando lhe sobra

O oleo excitador?

Depois, mal se desdobra

A rispidez do vento,

Não viste num momento

Sumir-se pelas trevas seu 'splendor?

É a vida, do homem como a luz!...

Brilha um so instante!...

Té que a sorte cruel... sempre inconstante...

Que em tudo nos seduz,

Venba apagar essa luz, que era d'um dial...

E depois transfigure em agonia

Esse viver d'amor!...

E d'alma a sancta paz, sancta alegria

Transmude no soffrer d'intensa dor!...

O mundo é sempre assim!... É o seu fadario,

Que n'alma lhe escreveu occulta mão!...

É o impio, que tocou no sanctuario

Do Deus da creação!...

¹ Offerecidos ao meu amigo o sr. Francisco da Silva Trindade Sardinha e seus dois graciosos e sympathicos filhinhos. Recitados em sua presença no theatro de Pedrogão Grande na noite de 6 de abril de 1863.

Embora se enebrie em seva orgia
 E s'erga contra nós e contra os ceus!...
 Não ha de extinguir nunca ésta harmonia
 Do genio, que em nós mora, e que é de Deus!

Embora contra nós vomite o inferno
 Labaredas, que o mundo nunca viu,
 O genio não fallece; que é eterno
 Como o foco de luz, d'onde partiu!

Póde o ceu desabar feito estilhaços.
 O sol póde negar-nos seu clarão.
 Póde o globo voar em mil pedaços,
 Mas o genio morrer! oh! isso não!

Meteoro, que partiu da sacra estancia,
 Onde fulgem as luzes do Senhor,
 D'esse jardim do ceu meiga fragancia,
 Que não hão de apagar as leis da dor!...

O genio conquistou-te feixes mil
 De c'roas e de rosas, que vejo inda
 'Nessa frente gentil
 Brilhar de gloria infinda!

Porisso de que val, sublime artista,
 Que um pobre, como eu sou,
 Ajuncte humilde arista
 Ás palmas, com que o genio te adornou?

Melhor c'roa te deu quem póde mais,
 Que os mores potentados, que ha no mundo,
 Que com saber profundo
 Pela tua carreira pedragosa
 D'espinhos e de dores
 Plantou o *lyrio* e a *rosa*
 Que são do teu jardim as melhores flores!...

Dois anjos, ambos puros
 Singelos como a flor,
 Por mão de Deus pousada
 Na lyra ao trovador.

Mandou-os Deus á terra
 Pousar ao lado teu,
 Dizer que bens encerra
 Quem vive la no ceu!

Mira-te 'nelles, meu saudoso amigo,
 Verás, que tens o ceu sempre contigo!...

SIMÕES DIAS.

UM PASSEIO Á LAPA

Aqui se estreitam laços de amizade
 Ao doce murmurar das aguas brandas.

L. C.

Era uma manhan de maio, e na Lapa dos
 Esteios.

Tempo e sitio não os escolhêra melhores
 o mais mavioso poeta ou o namorado mais
 sensível, este para devaneios, para inspira-
 ções aquelle; ambos para seus sublimes des-
 varios, que muitas vezes se convertem em
 gloria para um e felicidade para outro.

Era o mez dos amores e a lapa dos poe-
 tas. Maio foi sempre o predilecto da natu-
 reza; o sol escolhe para elle seus raios mais
 suaves, a terra despeja-lhe no regaço cornu-
 copias de flores. Com o nome de poetas ba-
 ptisaram aquella amena estancia, osculada
 pelo rio, onde o zephyro segreda amores ás
 dryades do bosque, e a philomela publica
 seus sonorosos queixumes, que a desditosa
 echo machinalmente repetê.

E nós todos quatro, alli á beira do Mon-
 dego, vivemos 'numa hora muita vida, de
 que apenas resta a saudade, tenue perfume
 da flor do coração. E como essa hora se nos
 volveu ligeira, livre de enfados, doce e tran-
 quilla como o fio da corrente, inexoravel am-
 pulheta d'aquelles deliciosos instantes!

Um barco rasgava amoroso o seio das
 aguas. Que assumpto para uma anacreontica
 está de si avivando aquelle barquinho ligei-
 ro! exclamou Carlos.

Debruçada sôbre a margem, viçosa roseira
 refrescava os botões, roçando de leve o lí-
 quido crystal. Es minha! gritou Luiz, des-
 prendendo a custo do tronquinho uma das
 flores. E, remirando no botão outras ima-
 gens, amigos! continuou, este sitio é o tem-
 plo do amor, mas falta o nume!

Antonio, o silencioso Antonio, sentado na
 lapa, deixava divagar os olhos, ora pelos
 amigos que se lhe sorriam, ora pelos outei-
 ros defronte, ora pelos choupos e salgueiros
 que se reviam no limpido espelho aos doces
 clarões da madrugada. E aquelle alvorecer
 do dia era para elle alvorecer de ideias na
 mente juvenil, que se desatava em doces pen-
 samentos, exprimidos claramente no vago
 scismar ou na distracção das vistas.

E eu, profano 'naquelle templo, ouvindo sôbre mim o ramalhar das árvores que asombrom a lapa, e a meus pes o murmuro do rio dos nossos poetas, remoçava para o presente com a profunda saudade das recordações preteritas. A lapide commemorativa de Castilho e a sétina de João de Lemos pareciam-me epitaphios de sepulturas, coroadas de flores. E epitaphios eram cada um de meus pensamentos, reminiscencias d'outros tempos e pessoas, agora distantes ou irremissivelmente perdidas...

E aprazia-me o ver-me alli; mas aquella primavera quasi que me era outomno; aquella manhan era uma das rosas do meu viver, das raras que nos Deus concede 'neste mysterioso trãnsito que chamãmos vida; mas 'naquelle gosar soffria muito... Por entre as flores se occulta o aspide, e a taça mais preciosa abriga fezes:

Quem rosas colhe sem lhe a mão sangrar?

pergunta o poeta da recente «Beatrice», livrinho que é um grande livro,

Gôta, que alaga o mundo!...

Éstas singelas e toscas palavras valem uma commemoração apenas; um marco que aqui fica levantado para penhor de futuras saudades. Quasi que foi compromisso que alli fizemos os quatro. Por mim

My little all... I give.

10 de maio.

A. A. F. P.

ANAGREONTICA

Na quadra amena
De mil perfumes,
Quando arde o seio
Com doces lumes;

Quando em tua alma
Talvez se embala
Terno segredo
Que o labio cala;

Quizera, ó bella,
Que em sitio caro,

Propicio a votos,
Do mundo ignaro,

Nos fôsse a vida
Que amor governa,
Nas penas curta,
No gôzo eterna...

Alli te erguêra,
Sem vãos temores,
Altar singelo
De myrto e flores.

Foras o nume
So 'nelle posto;
Fora meu culto
Teu lindo rosto...

Mas contra o fado
Não val' queixume,
Pois vejo o templo...
Mas falta o nume!

Lapa dos Esteros, 10 de maio de 1863.

LUIZ CARLOS.

FRAGMENTO

.....
Meia noite!... Hora solemne!...

E eu contemplo, sentado 'num rochedo, na encosta d'um monte, o ceu diaphano, todo matizado de scintillantes estrellas.

E como é bello para mim o silencio profundo que aqui reina, apenas interrompido de quando em quando, pelo balouçar vagaroso de alguns arbustos, que me cercam, impellidos pelo sópro ligeiro da brisa!

Oh! como é bello!

Que prazer não sinto 'nalma, 'neste momento, em que tudo dorme e repousa!

Como se me avivam as saudades bellas e gratas do passado, 'nesta hora para mim benedicta!

Que poesia não tem a lua tão pallida, a retratar-se nas crystallinas aguas d'aquelle regato, que corre tão sereno la em baixo!...

Ah! so o poeta, so o verdadeiro poeta sabe apreciar tão bellos momentos de doces extasis, em que a alma inspirada parece elevar-se até aos ceus!

É então que em sentidas estrophes, elle

canta suas máguas, ou em alegres cantos mostra a sua ventura! É então, que elle dedica mais um hymno á mulher que adora, ou faz os seus queixumes áquella que o enganou! É então, que aquelle, que soffre, derrama as suas lagrimas de dor!

Oh! bemdicta é esta hora!

Bemdicta, sim, porque, longe do tumultuar das cidades, aonde se reina a mentira e a intriga, eu sinto aqui neste instante, um sentimento puro affagar-me o coração!

E, ao mesmo tempo que as lagrimas me marejam nas palpebras, uma a uma, eu sinto com ellas um prazer intenso, que não posso explicar!

Julgo-me feliz, tão feliz como o homem, que habita alem'naquella choupana, tendo, ao lado, a esposa e os filhos queridos, que são no mundo a sua ventura!

Julgo-me tão feliz! mas, ah!... é passageira esta minha felicidade!...

Passados estes curtos momentos, a dor vem de novo com mais força povoar-me o coração! E coméço então a libar, góttá a góttá, todas as fezes amargas do calix do infortunio! E minha alma agonisante parece retalhar-se com ellas! E meus labios, arados pelo fel da desventura, ficam tão roxos, como o lirio que vegeta em formoso jardim, rociado pelo orvalho da manhan, que cae do ceu!

E então eu digo baixinho:

«Felicidade, que és tu na terra, senão um sonho momentaneo? Que és senão uma illusão pura, que nos doura a vida um instante, e que, perdida, nos dá so tormentos e lagrimas de dor!...

Vizeu, abril de 1863.

ALFREDO CAMPOS.

ODE ANACREONTICA

(Imitação de Bocage)

Ligeiro barquinho,
Com garbo gyrando
Um puro desejo
Me estás avivando;

Desejo mui puro,
Desejo bem grato,
Pois d'ella apresentas
Perfeito retrato;

Não por ser voluvel
E os olhos brilhantes
Dirigir p'ra todos
Gentis, penetrantes;

Mas porque, assim como
D'agua estás á flor,
Ella está constante
No meu puro amor.

Lapa dos Esteios, 10 de maio de 1863.

c. r.

Charada

Procura la na lareira
Que la mesmo encontrarás; 1
Para, pois, não vas mais longe,
Que em parando a toparás. 1

Exprime ideias diversas
A palavra da charada,
Conforme se juncta a outra,
Ou é d'ella separada:

Se juncta, exprime brandura,
E sitio propicio a vates;
Quando so, é sêcca e dura...
Agora espero que a mates.

10 de maio de 1863.

A. V.

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

SCENAS ROMANTICAS

Um volume de 260 páginas. Acha-se á venda em Lisboa, Coimbra, Porto, Vianna do Castello, Leiria e Vizeu, pelo preço de 500 réis.

Para as outras terras custa 600 réis, que serão enviados a Alfredo Elysio, Coimbra, em vales do correio ou estampilhas.

ERRATAS IMPORTANTES

Em o número anterior, pag. 90, lin. 16, onde se le — batalbar, leia-se — baralbar: e lin. 38, onde se le — desarraujar, leia-se — desarranjar.



O QUE É A SOCIEDADE

CAPÍTULO II

Os bons não são os que choram sempre, mas os que andam risonhos estando tristes, e consolam precisando de ser consolados.

REBELLO DA SILVA.

Alli, depois de se terem sentado 'num sôpha, Gustavo, reclinado negligentemente, saboreava o aroma d'um delicioso charuto de Havana; em quanto que escutava seu amigo.

Antes, porém, de começarmos este dialogo, não sera mau darmos um leve esboço das feições, e vida, e posição de Gustavo.

Era um mancebo de vinte e tres annos de idade, e pertencia á classe d'essas bellezas vulgares, que o mundo chama sympathicas; faces morenas, levemente carminadas, nariz fino e um pouco arrebitado, bôcca pequena e ironica, dentes estragados pelo fumo, bigode pequeno e anelado e cabello côr de azeviche, assim como os olhos, que eram vivos e travessos. Haveria alguma cousa de effeminado 'naquella physionomia, se não fôsse certo atrevimento polido com maneiras de boa sociedade, que se lhe notava no caracter, e se lhe trahia no olhar.

Gustavo passava 'naquella epocha por um dos leões da sociedade portuense; era extravagante como todos os mancebos que vão aos quinze annos para Coimbra estudar direito e gastar dinheiro á familia, se ésta está nas circumstancias em que estava o pae de Gustavo, barão de fresca data, graças á escravidão, e mais algumas especulações innocentes que exercêra em seis annos que estivera no Brazil.

Todavia Gustavo não herdára o character baixo de seu pae; era moço pretencioso e um pouco estragado, mas de bom coração e cheio de brios.

Havia tres annos que estava formado, e andava á cata d'uma cadeira em S. Bento,

HYMNOS E FLORES, 1.º VOL. — N.º 14.

para o que o pae cooperava, gastando o seu dinheiro (á falta d'influencia) pois que, quem cortejava o barão, resmungava sempre por entre dentes «que era muito recente o verniz, que deixava ainda ver a qualidade do paul!»

Gustavo e Hyppolito encontraram-se ambos um dia a cortejar uma janella, que pelos modos não se rendia a nenhum; e desde então juraram-se mútua amizade, e uma confiança illimitada. Depois o tempo corrigiu a obra do acaso; tirou a confiança e deixou so a amizade; viviam em esferas separadas, e porisso continuaram a ser amigos, mas nunca confidentes um do outro.

Hyppolito, era desconhecido no Porto e escrevente e simples escrevente d'uma casa commercial: Gustavo, tinha o pae barão, uma boa somma de contos que herdar, e um logar em S. Bento em perspectiva. A differença era visível e palpavel; era aonde batia a allusão de Hyppolito.

Depois d'estes esclarecimentos, retomemos o fio da historia.

—Gustavo, exclamou Hyppolito quasi com modo paternal, sou uma criança pela idade, porque apenas conto vinte annos; mas esquece-te d'esta circumstancia para me ouvires, como a um homem largamente experimentado em pezares e desenganos, e que tem profundamente estudado o mundo, e acha no seu estudo bastantes motivos para aborrecer a sociedade! Ouve-me como a um velho de sessenta annos; da minha bôcca vaes ouvir verdades, que esse mesmo na sua longa carreira não pode esclarecer! É que a desgraça instrue, e ninguem tem tantas razões para se achar instruido, como eu! Cansa-te o exordio? tem paciencia, preciso de costumar teu espirito a ouvir-me. Ainda não dei um passo 'neste mundo, sem que calcasse um espinho, ainda não toquei uma flor d'esse formoso eden chamado «esperança», que ésta não purchasse ao meu contacto. Desde o berço fui assinalado para o martyrio; e deve ser elle a minha parte de gloria 'neste mundo. Acabei o exordio; mas, antes de entrar na historia, preciso de que me digas uma cousa. Então que queres? necessito de que me abras o teu coração, antes de eu lhe depositar la a minha vida, urna de amargas lagrimas!

—Falla, disse Gustavo.

—Dize-me, desde quando conheces aquella

1 DE JUNHO DE 1863.

mulher, vestida á turca, com quem dansaste uma polka e ficaste a conversar?!

— É muito recente este conhecimento, respondeu Gustavo; e contudo em breves dias sera minha noiva! Não achas singular?

Uma exclamação de dor e espanto esteve para escapar dos labios de Hyppolito; mas, por um esforço sobre-humano, conteve-se, comprimiu com ância o peito, passou a mão pela testa e levantou-se para ir tomar ar a uma janella, e, depois de ter passeado algum tempo pela sala, voltou para junto do amigo, que ficára estupefacto com aquella repentina mudança, e disse-lhe:

— Obrigado, agora vamos ao promettido.

— Mas que tiveste tu! exclamou Gustavo.

— Uma vertigem, e nada mais.

— Então espera; sempre te direi por que concurso de circumstancias estou hoje ligado áquella mulher, sem muito lastimar as minhas cadeias.

— Fico por essa, respondeu seccamente Hyppolito.

— E continuou: Mas anda depressa, porque precisas de ir para a sala e eu tambem.

— Sirvo-te ja em duas palavras. Como tu sabes, meu pae enriqueceu no Brazil; ora, na sua estada la, tomou relações com um patricio, que em breve chegaram a ser íntimas. Esse homem tinha uma filha; meu pae tinha e tem um filho, que sou eu. Pareceu-lhes caso tão talhado pela Providencia, que prometteram ajudar-se mutuamente, e, se voltassem ricos para Portugal, fazerem uma aliança entre as duas familias. Meu pae veio alguns annos antes d'elle, mas nunca deixou escapar uma palavra ácerca d'este passo. Um d'estes dias disse-me: «Veste-te para ires comigo fazer uma visita» e, na volta para casa, como me perguntasse naturalmente se eu gostára da menina Maria, respondi tambem com toda a ingenuidade, que gostava muito. Revelou-me então o seu segredo, e disse-me que desejava ver effectuado este casamento quanto antes. Podes adivinhar facilmente, meu amigo, que a minha impaciencia e a d'ella tambem excede a de meu pae, que está namorado dos contos, ao passo que eu o estou da sua possuidora.

— E esta menina é do Porto? interrogou Hyppolito indifferentemente.

— Não, respondeu Gustavo; é uma pro-

vinciana, sempre creada na aldeia, mas que em verdade tem mais merecimentos do que as mulheres da cidade. Ha poucos dias ainda que aqui está, e tem as maneiras delicadissimas; é d'uma candura perfeita, se bem que me parece um pouco vaidosa da sua belleza e posição. Isto é o pouco hábito da sociedade; dentro em breve estará corrigida d'este defeito.

— Muito bem, murmurou Hyppolito com voz concentrada. E dizes que se chama Maria?

— Maria da Gloria, sim, respondeu Gustavo.

— É singular a coincidencia; tambem ha uma joven chamada Maria na minha historia, com a differença de que é Maria Eugenia e não da Gloria, disse Hyppolito.

E continuou, como se fallasse a si mesmo.

— Isto podia-se dar; a mudança de sobre-nome é facil... Agora, Gustavo, é a minha vez; a minha historia não é tão divertida, tão esperançosa, nem tão bella como a tua, mas é mais instructiva. Aprenderás d'ella muita sciencia, que ainda te falta. Vives no centro da sociedade, e ainda a não sabes conhecer; a minha vida pôde-te ser uma proveitosa lição.

(Continúa) HENRIQUETA ELSA

A UNS ANOS

(A pedido)

Quando em azas de innocencia

Baixaste ao mundo a sorrir,

Os anjos por tua ausencia

Sentiram prantos cabir!

Mas tu, sorrindo contente,

Lhes disseste: «Eu voltarei;

«Se desço á terra innocente,

«Porque ao ceu não subirei?»

E vieste; e dentro em breve

Eis-te involta em graças mil!

Grinalda pura te deve

Cingir a fronte gentil.

Cada vez que mais um anno

Nos reuna em dia equal,

Sem leve sombra de engano,
Veja alegre o teu natal.

Corra-te a vida tão pura
Entre affectos maternos,
Que te sejam na ventura
Os dias todos rivaes.

Maio de 1863.

LUIZ CARLOS.

AMOR E TYBANNIA

ROMANCE ORIGINAL

CAPITULO I

O homem perverso

Dos entes que creára Auctor supremo,
Es, homem, o peor! Nunca dos labios
Te sae palavra de verdade! Nunca
Em teu vil coração moros justiça!

N. M. DE S. MOURA.

Numa frigidissima e tetrica manha de fevereiro do anno do Senhor de 1859, apresentára-se em Ponte de Lima um mancebo decentemente vestido, e que se dizia genro do visconde de ...

Como trouxesse cartas de credito e recommendação para algumas familias foi logo recebido pelos limarenses com aquella bondade que tanto os caracteriza, e com a indulgencia que elles de tão bom grado dispensam a quem os visita.

Dois mezes passados, seu character perverso e sanguinario se declarou e desinvolveu. Os lupanares, o jôgo, o roubo, a traição, o assassinio, emfim todos os vicios e todos os crimes lhe eram conhecidos; tão practico estava nelles e de tal forma o mostrou, que a maior parte das familias que lhe haviam franqueado suas salas lh'as fecharam com a mesma promptidão com que lh'as tinham aberto, e aquelle que tão pouco tempo antes havia sido alli objecto de estima entre os homens e de admiração entre as damas, era então olhado com desprezo quasi geral, pois que havia familias que se jactavam de receber em seus salões, apesar de seu pessimo comportamento, o atraioeiro Joaquim de Mendonça.

Era assim que se chamava o genro do visconde de ...

Este homem com o coração d'um Nero ja no Porto era conhecido pelas gentilezas que practicára. Atraioando alli um dos seus mais intimos amigos, a quem devia favores que nem com a vida seria capaz de pagar, foi estygmatisado como merecia.

Vendo que no Porto se conseguira o ferrete odioso de ladrão e de assassino, passou ao Minho onde com astucia e dissimulação se insinuou no coração da filha do visconde de ...

Fez o pae d'esta o que um bom pae poderia fazer para impedir que sua filha, lançando uma nódoa indelevel numa familia illustre, casasse com um homem que so lhe ambicionava a riqueza.

Conselhos, supplicas, ameaças, tudo foi baldado: ella queria desposar Mendonça. O visconde fez então prendel-o por ladrão, mas Candida conseguiu com lagrimas a soltura do seu amante.

A auctoridade, que recusou o apóio, a protecção e os ricos thesouros que lhe offercia o visconde, dobrara-se antes as lagrimas da virgem supplicante.

É que ás vezes têm mais força que o ouro as lagrimas da mulher, essas lagrimas de que ellas sempre dispõem, cujo segredo, apesar de mulheres, nunca confiaram a pessoa alguma.

É, talvez, o único que são capazes de guardar, e, ainda assim, quem sabe?

Solto Joaquim de Mendonça, Candida, que por elle havia feito tantos sacrificios e arrostado intrepida tantos perigos, offertou-lhe ebria de contentamento suas mãos e sua riqueza.

Feitas as pazes com o visconde foram todos tres viver para Lisboa.

Joaquim de Mendonça, que, como o dissera o visconde, so tinha em mira a riqueza de Candida, não achou sufficiente o amor de sua mulher e pagou quanto lhe devia com desgostos e maus tractos, porque ella não assignava quantas falsificações elle queria. Não lhe succedia como hoje: então affluia-lhe ao rosto todo o sangue; corava: hoje, ja não.

Aborrecido da vida monotona que passava na companhia de sua esposa, resolveu viajar pelo Minho, tencionando demorar-se em Ponte de Lima.

Como vimos, passados dois mezes, tinha grangeado das familias limarenses o desprezo

de que tão digno era. Voltou então a Lisboa, e, contra a expressa vontade de seu sogro, arrastou para Ponte de Lima sua mulher.

Queres agora saber, leitor, quem era Joaquim de Mendonça, no tempo em que D. Candida se adornava com sua aureola de innocencia?

Era um gallego; e fóra, exercendo este mister, que ella o conhecera e d'elle se agradára, crendo, como todas as mulheres, nas palavras dos homens, d'esses monstros d'essas feras, que atraíam as virgens, matando-lhes suas mais sagradas affeições, dissipando-lhes seus mais doces sonhos, para em vez de lhes dar uma vida de rosas dar-lhe uma de espinhos.

E fez Deus o homem á sua imagem, dando-lhe coragem para ver as lágrimas da donzella atraíçoadá sem immediatamente lhe calarem a alma e despedaçarem o coração?

Oh! o homem sera tudo menos um ente creado á semilhança do Deus de bondade e misericordia.

Com a volta de Joaquim de Mendonça originaram-se dois partidos em Ponte de Lima; um pro, outro contra elle.

Por essa causa duas familias, que até então tinham vivido na mais sancta harmonia, deixaram de conviver entre si.

(Continúa).

PERGUNTA

Teus olhos, que fallam tanto,

Que dizem elles a mim?...

Que me diz teu rosto lindo,

Acceso em vivo carmim?...

Posso crer no fogo d'elles?

Posso crer no teu rubor?...

Acaso nesta linguagem

Me traduzes teu amor?...

27 de maio.

A. A. F. P.

É tão difficil ao bom provar a sua innocencia, quanto é facil ao malvado fazer uma accusação.

BERNARDINO PINHEIRO.

A FLOR E O REGATO

No manso espelho da agua crystallina

Mirava, rindo, a flor a sua imagem,

Perfumes lhe levava a doce aragem,

Cobria-a d'ondas leves a neblina.

D'istante a instante as pétalas rociava

Nas bolhas vaporosas da alva espuma,

Que vinham oscular-a, uma a uma,

Como á altiya senhora a pobre escrava.

Era-lhe a vida assim um paraíso,

Deusa, tinha o seu ceu em quanto via,

Amante, tudo a amava, e não havia

Quem lhe não desse, ao vel-a, um doce riso.

Mas um dia nas dobras sussurrantes

Do regato increpado e em desalinho

Viu-se a flor arrastada ir seu caminho,

Perdido o viço e a côr que tinha d'antes.

SANTOS VALENTE.

AMOR COM AMOR SE PAGA

ROMANCE ORIGINAL

Corria o mez de agosto de 1861.

Para me distrair um pouco decidi ir com sóz mais dois amigos visitar Luso e Bussaco: e digo visitar, por isso que, nascido e vivendo aqui sempre em Coimbra, ainda não tinha ido ver as maravilhas do Bussaco, o que é uma cousa realmente muito para se admirar.

Uma tarde pois mettemo-nos a caminho, e em poucas horas eramos chegados a Luso. Depressa se passa uma noite, demais sendo ella de verão: la nos arranjámos pois como pudemos, e toda a noite foi levada d'um somno.

Na madrugada seguinte fui junctar-me aós muitos curiosos que aguardavam a ida para o banho das meninas e moças, e muito para se ouvirem eram os espirituosos ápartes que por aqui e por alli se diziam.

E'eu em boa hora chegára a Luso: nessa mesma noite havia na sala do edificio dos banhos a costumada reunião das familias que alli se achavam. Ora ja se deixa ver que a uma festa d'estas não se podia de modo al-

gum faltar, sob pena de ser tachado de pouco amante dos folguedos civilisadores, aleive este que eu de modo algum queria me levantasse.

Quando entrei na sala poucas meninas ainda la haviam, e isso estimei eu porque muito desejava vel-as entrar uma a uma: assim aprecia-se melhor a sua belleza, e o seu trajar, o que ás vezes não é cousa de pouca monta.

Vi entrar muitas e muitas, todas lindas e formosas; mas, horror dos horrores! de tão fragrantés rosas nenhuma me fez a minima impressão! Nem sei como tenho cara para tal dizer!

Mas que astro brilhante desponta no horizonte?! Um anjo aqui?! o caso é estranho!

Espreitemos por traz d'este meu amigo, que nada dirá, e vejamos passar aquella sublime belleza.

Eil-a que passa: que garbo, que gentileza, que elegancia! Tudo pára, conversas, passeios, discursos! Todos os olhos nella se fitam. Sentou-se; aperta as mãos de suas amigas, sorri-se. Lindos dentes! mimosas mãos!

Mas agora reparo que ainda vos não retratei este anjo; perdoae-me este descuido que foi muito involuntario.

Comêço por dizer-vos o seu nome, que o sube do tal meu amigo: chama se a menina D. Anna Eugenia de Sarmiento: o rosto é um pouco sóbre o comprido; dois olhos negros inquietos, sombreados por compridas pestanas dão vida e animação áquelle rosto em que o leite se mistura com as rosas e em que se abre uma pequena e mimosa bócca que está desafiando os beijos: um sorriso meigo lhe adeja de continuo nos labios rosados; lindos cabellos castanhos descem em compridas tranças sóbre o collo da côr da neve; e... em summa é uma d'aquellas physionomias que raro se esvaem da memoria quando uma vez se viram: e depois, como lhe ficava bem aquelle simples vestido branco atado na cinta por uma fita côr de rosa! Nunca vi nada de mais bello, nem de mais encantador! De mim digo que presumo foi aquella a primeira mulher que me fez presentir o paraíso na terra: e seria? talvez!...

Começaram as contradanças, as valsas, e polkas: eu sou inimigo de tudo isto; mas não obstante almejei dansar essa noite com D. Anna. Tinham sido ja tantos os que me haviam

antecipado, que só obtive dansar com ella a quarta ordinaria, e a segunda extraordinaria; de modo que se vou um pouco mais tarde passava por vez.

Esperei pois com áncia, como é de presumir, o momento ditoso:

Em silencio passo o que então dissemos: de trivialidades descemos a fallar do coração, e o coração é um campo vasto, ainda não bem explorado, d'onde, quando la entrámos, não podêmos saber sem mais d'uma vez nos perdermos e tropeçarmos no caminho. Animada correu a conversa, que a materia a isso dava margem, e ficámos em continuar a nossa discussão na segunda extraordinaria.

Sahi da sala encantado: a uma grande belleza reunia ella muito espirito e profunda penetração e discernimento. Que mulher, que mulher! El quanto todas as outras meninas que alli estavam me pareciam então fatbas, feias, frias, fofas, fuscas! Que são as estrellas ao pe do sol?

Da segunda extraordinaria sahi ainda mais allucinado!

D. Anna seria o anjo mau que me apparecia para me tentar? seria o anjo bom que me viria prometter felicidades? Não sei! Lembra-me apenas que só a ella via em toda aquella sala, e que tudo mais se me afiguravam sombras.

Acabou-se o sarau: as familias volvem a suas casas, e eu sigo D. Anna até á sua.

(Continúa)

SEBASTIÃO VICTORINO.

COMO A VIDA É BOA!

Bueno es el mundo! bueno! bueno! bueno!
Ha cantado un poeta amigo mio.

ESPRONCEDA.

A natureza folga; os campos tecem
Os lyrios e as rosas com que enfeitás
O peito em que me poisas e me deitas
A fronte que reflecte a côr das messes
Quando a luz vem beijal-a ao romper d'alva!
E dizes: «Vem comigo; o sol ja nasce;
«Vamos ver a montanha; ouvir seus cantos;
«E na flor que pendida verte prantos
«Ver como o prazer nella ja renasce.
«E como abraça o musgo a verde malva
«La sóbre aquelle choupou s'espaneja

«A copa verde e branca, que se enflora
«Com a florida planta sertaneja
«Que o enlaça risonha, simples, candida!»

É doce a vida assim! o mal esquece;
O pranto não se ve; é tudo riso;
O mundo converteu-se em paraíso;
O ceu á terra baixa, á terra desce!

A senda que se leva nada impece!
É tão ledo e suave e doce o piso!
O mal — o pomo avelludado e liso —
Não nos pôde tentar, não apparece!

Vão-se os dias... as noites... corre a vida
Em gózo puro e sancto, em gózo eterno
Como o que nos promete a voz da ermida!

A barca voa! o vento é bom, galerno!
Nem sombras ha sequer de s'ir perdida!
E é sempre primavera e nunca inverno!

A. T.

ERCILO E AUGUSTA

ROMANCE ORIGINAL

A. L.

CAPÍTULO I

... todos os mais preciosos the-
sours do coração, que são in-
comparavelmente mais aprecia-
veis do que os da belleza.

D. HENRIQUETA ELYSABETH

Se a mulher é um ente que nos arrasta á
perdição com seus mal-entendidos caprichos,
e com sua louca vaidade, tambem ás vezes,
se bem que raras, cumpre o seu destino de
nos suavisar a vida; para éstas não ha vai-
dade, não ha ciu-me, não ha rivalidades;
existe so a virtude e abnegação! E é so en-
tão que a mulher tem valor e que merece o
nome de anjo.

De ordinario a mulher possui-se de ideias
que lhe grangeiam o odio de suas amigas;
que ainda assim, detestando-se mutuamente,
se juram uma eterna amizade; é que jura-
mento em bocca de mulher quasi nunca tem
valor.

Mas se ella tem sentimentos verdadeira-

mente nobres, se o seu espirito se despe de
pretensões, e se, contemplando o que é a
sociedade em geral, desvia os olhos da terra
para fital-os em Deus, então a mulher me-
rece não so que a respeitemos, mas até que
a adoremos!

E comtudo succede o contrário! a mulher
não pôde ser boa, porque a sociedade, quando
lhe não pôde desarreigar os bons sentimen-
tos, e ve a belleza de suas acções, teme o
seu brilho e não ousa fital-a; mas entrega-a
á calúmnia, cospe-lhe no rosto e impelle-a
com o pe com desprêzo!

Augusta era um d'esses bons anjos, d'essas
creaturas que na terra nos fazem presentir
as doçuras do ceu: de seus labios sahiam so
palavras de bondade; nunca sua consolação
faltou a infelizes, nunca em seu seio germi-
nou o odio.

Era-lhe unica ventura o amor de Camillo,
amor de seis annos, que nem um so dia fóra
menos firme.

Camillo, em quanto estudante em Coim-
bra, praticára mil doudices de rapaz; mas,
depois que viu Augusta, socegou; o seu es-
pirito ardente aquietou-se, a sua imaginação
exaltada concentrou-se num so objecto, e
nunca mais o viram em orgias; é pois bem
certo que o amor regenera muitas vezes o
homem.

D'ahi em diante Camillo foi bom, pois ti-
nha no seio o germen da virtude, que desa-
brocharia ao primeiro relampejar da espe-
rança e ao primeiro sorriso do amor.

Camillo era poeta; o amor elevava-o d'esta
prisão de limos em que o espirito se prende,
á falta d'um sentimento qualquer.

Augusta vira-o tambem com os olhos da
alma; e ficara-lhe la gravada para sempre a
sua imagem, que revelava tudo o que tinha
de bom no seio.

Fôra mútuo o amor; corações que se com-
prehendem, para logo se amam.

(Continúa)

AO DISTINCTO ACTOR BRAZ MARTINS

Artista sublime, que apoz o teu genio
As almas arrastas do mundo real!
Que á voz do talento dás vida ao proscenio,
E as almas elevas ao mundo ideal!

Embora nos deixes!... A tua memoria
O tempo não pôde jamais apagar!
Cercada com raios d'esplendida gloria
O tempo não pôde seu brilho ofuscar!

Embora nos deixes!... Não pôde olvidar-te,
Quem sempre ao talento seu culto votou!
Quem, hoje, quizera de louros c'roar-te,
Se acaso os tivera, quem nunca os ceifou!...

Na falta dos louros... aceita essas rosas...
Tributo modesto da nossa afeição!...
Não ves como tremem nas hastes mimosas?!
Ampara-as, Artista! E dá-lhes a mão!

SEVERINO DE AZEVEDO.

O DIA 17 DE MAIO

Ha dias 'nesta vida, em que o homem sente
no peito sensações tão fortes, que a sos com-
sigo não pôde calar-as.

Foi um d'esses o dia 17 de maio de 1863.
Davam os sinos da Lusa Athenas meio
dia, quando um sem número de foguetes e
girandolas annunciava um jantar dos estu-
dantes do 5.º anno de direito.

Das tres para as quatro horas da tarde os
convivas, acompanhados de alguns amigos,
entravam no «Hotel do Mondego», para ahí
gozarem parte do dia; dia este que jamais
sera sepultado no esquecimento.

Deu-se principio ao jantar, durante o qual
houve varios brindes.

Perto das nove horas sahiram do «Hotel»,
acompanhados de duas philarmonicas, a per-
correr as ruas da cidade.

Confesso (embora o não creiam) que estreme-
ci! fui fraco talvez! não importa! a
sensação foi tão forte, que senti pullular o
coração com mais força do que a natural.
Pareceu-me ainda a mesma festa que, annos
ja, havia passado. Imaginei ver alli os meus
emigos e companheiros nas lides litterarias:
mas depressa essa illusão, que allumiou meu
espírito, foi perdendo seu brilho, até que
feneceu.

Apesar d'isso tive-os como taes, e por
esse motivo quiz participar do seu conten-
tamento.

Que entusiasmo, que fraternidade! cil-os
que, com a alegria no rosto, vêm dirigindo
seus passos para a Feira.

Um grande número de archotes deixa ver
duzias de bandeiras encarnadas, brancas e
azues.

É então que os vivos redobram, os laços
de amizade se estreitam; e alfim é chegado
o momento em que a flor da mocidade portu-
guesa se abraça com os olhos rasos de agua.

Coimbra, a rainha do Mondego, mãe adop-
tiva dos academicos, ufane-se por ter em
seu seio filhos tão doces, amigos tão sinceros
e portuguezes tão firmes nas crenças reli-
giosas, que seus paes lhes imprimiram na
alma.

Continuae, nobres e leaes academicos, com
vossa fraternidade; pois é chegado o momento
em que dareis a vossos estremosos paes o
premio colhido a custo de tantas vigalias.

BIBLIOGRAPHIA

O sr. Simões Alegre concluiu ja a publi-
cação do seu romance «Tavora».

Dir-vos-emos d'elle o que sentimos se-
gundo temos por uso; nem queremos assu-
mir as honras de «criticos mordazes» nem
de «lisongeiros»: imparciaes como somos,
diremos sempre o que a consciencia nos dic-
tar, apontando bellezas e defeitos.

E parece-nos que devia ser ésta a divisa
de quem se propõe a fallar d'uma obra qual-
quer; infelizmente de ordinario observa-se o
contrário: talvez devido isto a não gostarem
os auctores que lhes notem defeitos; o que
é um grande erro; pois um livro que é en-
viado a uma redacção ou a um amigo não
deve ser com o fim de o elogiarem so, mas
sim de fallar d'elle de boa fe, não vendendo
a sua consciencia nem á lisonja nem á ami-
zade.

E dizemos isto, porque, presando-nos de
sermos amigos do sr. Alegre, não quereria-
mos que interpretassem mal o nosso juizo;
aqui não olhámos á amizade que nos prende
a seu auctor, olhámos a que elle precisa de
quem o guie na senda da litteratura.

O auctor do «Tavora» planeiou o seu ro-
mance durante um anno; e d'ahi proveio o
enredo que nos interessa bastante; ao prin-
cipio o romance é frio, mas depois anima-se;
as côres têm mais brilho, a penna corre ja
mais senhora de si. O «Tavora» tem defeitos

e tem bellezas; a linguagem não é boa, e o estylo não se conserva na mesma egualdade; mas por vezes uma ideia feliz, um pensamento que nos mostra que o sr. Alegre tem bastante intelligencia, nos faz apreciar o livro: demais estreia sem defeitos ainda não vimos. O sr. Alegre soube tornar o seu romance superior a outros publicados aqui este anno; porque nos revela estudos e capacidade: ve-se que foi escripto ligeiramente pelas suas irregularidades, mas ve-se tambem que o auctor pensou muito, como compete a quem emprehe a ardua tarefa de escrever um romance e romance historico.

Sabemos que o sr. Alegre tem tido alguns detractores; aconselhámos-lhe que não escute nem elogios nem censuras mal cabidas; zoiros nunca faltam; e, não permittindo a pequenez d'este periodico que nos detenhamos mais, ficámos por aqui; mas brevemente falaremos mais extensamente noutro jornal.

O sr. Alegre deve continuar a estudar muito; e esperámos que na segunda estreia teremos novos louros a cingir-lhe na frente.

28 de maio de 1863.

Charada

Se cultivas a musica, esta syllaba

Lá a encontrarás, isso de certo. } 1

Se esta saber quizeres onde para,

Junto a pa te direi, que fica perto. } 1

É nome de homem pio e religioso } 2

E na historia da igreja conhecido. } 2

Toma conta com elle, que é larapio;

Isto te digo, e fica prevenido.

P. C.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

TAVORA

ROMANCE DO SEculo XVIII

por

Manuel S. Alegre

Quem o pretender pôde dirigir 400 réis em estampilhas a Alfredo Elysiô, Coimbra, que lhe sera enviado.

ARCHIVO PITTORESCO

EDITORES

Castro Irmão & C.^a—Rua da Boa-Vista, palacio do conde de Sampaio

Este semanario vae entrar no sexto anno da sua publicação, mais apurado nas gravuras, e impresso em typo excellente.

Os artigos hão de continuar a ser, como até aqui, encaminhados a reanimar e a influir o espirito de nacionalidade, e as esperanças de melhor futuro, pela recordação dos nossos descobrimientos, conquistas e glórias passadas, assim como pela menção dos recursos que ainda possuímos para nos erguermos da decadencia a que chegámos.

Condições da assignatura do «Archivo Pittoresco»:

Lisboa, anno (52 numeros ou 12 cadernetas)	2\$000 réis
Provincias, franco de porte.	2\$200 »
Brazil, moeda fraca.	6\$000 »
Número avulso.	50 »

Os 5 volumes publicados vendem-se em Lisboa, junctos ou separados, em broxura cada um 2\$000 réis, encadernados 2\$360 réis.

O pagamento de assignaturas é adiantado; das provincias pôde ser feito por meio de vales do correio, e sem que se receba a sua importancia não se fará remessa alguma.

Expediente

Lebrámos á ill.^{ma} redacção do «Archivo Pittoresco», que ainda não recebemos senão o n.º 1 do 6.º volume, pelo que pedimos providencias.

ERRATA IMPORTANTE

Sabiu errada a segunda errata do numero antecedente. Em vez do que la está deve ler-se: a pag. 90, lin. 38, onde se lê—desarranjar, leia-se—desarranjar.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE



AOS ANOS DE UMA AMIGA

Olha, a vida é transitoria;
 Apoz instantes de gloria,
 Apoz sonhada victoria,
 Ao mortal resta morrer!
 Qu'importa que mais um dia
 Venha c'roar de alegria
 Nossas fronte? Se a agonia
 Segue de perto o prazer!
 Hoje te fallam d'esp'rança;
 Acaso ves a bonança,
 Como em sonhos de criança,
 Sorrir-te do lindo ceu?
 Não, que a nuvem por instantes
 Rouba-te os raios brilhantes
 De teus astros scintillantes,
 Lançando-lhe um denso veu!

Tu ja provaste amarguras,
 Ja descreste de venturas
 Que são mentidas doçuras,
 Nos labios da turba van;
 Ja não podem mil enganos
 Transpondo o gèlo dos annos,
 Abrirem-te seus arcanos,
 A creença pura e loucan.

Portanto, venho saudar-te,
 Mas com prantos, pois a arte
 Nega um riso, quando dar-te
 Mil sorrisos desejei.
 Bem sabes que são meus cantos
 Reflexo sempre dos prantos,
 Que hei ja vertido, por tantos
 Martyrios que nem eu sei!...

Hoje te cercam de flores,
 De sorrisos e fulgores;
 E entre tantos esplendores
 Aceitas um voto meu?
 É que jamais a desgraça
 Te apresente negra taça
 E'nella sorver te faça
 As magoas que a mim me deu!...

Lodeiro, 1863.

HENRIQUETA ELYSA.

HYMNOS E FLORES, 1.º VOL. — N.º 15.

O QUE É A SOCIEDADE

CAPITULO III

L'amour est innocent, quand
 la vertu l'allume.

L. MARTINE.

«Nasci sem pae nem mãe; porque, se os
 tive, envergonharam-se de me chamar filho!
 percebes, fui engeitado; quero dizer, o ente
 mais desprezível e desprezado da sociedade.
 Não tive razão para te dizer que desde o
 berço fui assignalado para a desgraça!...

«Felizmente encontrei nas pessoas que me
 crearam dois protectores, dois paes, porque
 a Providencia me quiz substituir com elles
 os dois entes que me faltavam.

«Estes sanctos protectores eram o mestre-
 eschola d'uma aldeia do Douro e sua mu-
 lher, sancta e adoravel creatura, a quem
 Deus não quiz dar o prazer de ser mãe, se-
 não nos carinhos e cuidados que me prodi-
 galisava.

«O mysterio do meu nascimento, se o el-
 les sabiam, foi-me sempre cuidadosamente
 occultado. Como não viviam muito abastados,
 e tinham muitas vezes carencia de certas
 cousas menos necessarias, mas sempre com-
 modas, dos meus cinco annos por diante creio
 que recebiam por vias indirectas uma pe-
 quena mesada para a minha sustentação, que
 foi augmentando a proporção que eu crescia
 em annos; e com elles vinham certas neces-
 sidades indispensaveis para quem como eu
 devia apparecer um dia na sociedade, com a
 sufficiente instrução para ganhar a minha
 subsistencia diaria.

«E assim, tendo chegado á idade de dez-
 eiseis annos, meu protector fallou-me em pro-
 curar arrumo, e propoz-me o sacerdocio, como
 o meio menos dispendioso e mais facil de che-
 gar a uma posição independente. Por algu-
 mas meias palavras pude perceber, que, se
 até aos 22 annos não tivesse uma carreira,
 seria desamparado completamente por essa
 mão mysteriosa que me soccorria. Não foram
 necessarias muitas palavras para me esclare-
 cer sobre a minha posição; eu aos dezeseis
 annos ja não era criança; pensava como ho-
 mem, e tinha ja mais descreença na alma, do
 que muitos que têm chegado aos quarenta.
 A desgraça arrancou-me cedo o veu das il-

15 DE JUNHO DE 1863.

luses; porque eu devia entrar no mundo pela porta do desprezo, por onde muitos sahem. Levava na alma mais fel e odio contra a sociedade do que se a largos annos tivesse recebido de suas mãos o calix da cicuta, que me amargurava as minhas horas tristes! Chamavam-me na aldeia *lunatico*, e até o mestre-eschola participava d'esta opinião; minha boa mãe não, porque me queria muito para aventurar juizos sobre mim.

«So uma pessoa alli me comprehendia, e sabia tirar sons das cordas tristes da minha alma e suavisar-lhe o amargo; e esta pessoa era Maria, sobrinha de minha mãe!»

«Nunca vi criança mais feiteira, e ao mesmo tempo mais séria e triste; era um ente incomprehensivel como eu para aquella boa gente! Maria podia ser a imagem poetica de todos os trovadores, porque era o anjo tutellar de todos os afflictos!»

«Aos quinze annos não havia uma só nota de tristeza, de amargura ou de poesia na minha alma, que a sua de prompto não comprehendesse e reproduzisse! Os aldeãos velhos descobriam a sua cabeça encanecida e curvavam-se diante d'ella; os moços ficavam largo tempo a olharem para traz, quando a tinham visto.»

«Era o encanto, o menino Jesus de toda a aldeia!»

«É preciso dizer que nos amavamos? amavamos-nos, sim, mas com um amor que! tu, homem do mundo, não podes comprehender, nem eu hoje comprehendo tambem! Amavamos-nos como se amaram nossos primeiros paes antes de conhecer o peccado! Mal me avistava, Maria corria a lançar-se-me ao pescoço, e depois ficavamos largas horas extaticos diante um do outro, sem proferirmos palavra, mas felizes por nos vermos junctos. E esta affeição era tão innocente que ninguem a suspeitou: «Deixae-os brincar, são duas crianças, diziam todos!»

«Por isso experimentei uma agonia mortal, quando meu pae me disse—É preciso procurar vida—e me propoz o sacerdocio! A ideia era horrivel e inaccitavel; eu sabia que o sacerdocio era um insulamento infinito e eterno, uma renúncia a todas as affeições da terra, a todos os laços da sociedade; exclamei, pois, arrebatadamente: «Pae?!... nunca!...»

«O meu protector ficou-me com dessoce-

go, mas não se alterou, e disse-me: «Pois escolhe outro modo de vida... e todavia eu, se te obrigasse a ser padre, fazia a minha obrigação, e seria mais bem recompensado; mas não quero violentar-te; vae para o Porto; estudarás cirurgia». Beijei-lhe as mãos com transporte e fui, meio alegre, meio triste, participar tudo a Maria.

«A ideia da separação impallideceu; mas depois, quando eu lhe expuz fielmente as minhas tenções e lhe roguei que me não desanimasse, mas antes me desse coragem, tomou-me as mãos, e, tendo-as chegado ao calor de seus labios, disse com semblante risonho e meigo: «Vae, Hyppolito, vae; estuda, mas não arruines a saude; que, quando meu papá vier do Brazil, não te sera preciso estudar mais. Olha, elle ha de vir rico, muito rico; e tu, por seres mais nobre do que eu, não has de desprezar uma parte d'esta riqueza, não é assim?». Cabi de joelhos a seus pes, e só com lagrimas pude exprimir o meu agradecimento. «Espera... lhe disse eu, não sou mais nobre do que tu, meu anjo, nem tanto; mas por ti espero ainda alcançar nobreza e um nome immortal! Maria, tu es a minha inspiração, não me abandones!» E, como se fôsse tomado d'um subito receio, tomei-a pela mão, e, tendo-a feito ajoelhar nos degraus do cruceiro que havia á entrada do adro, exclamei: «Jura por esta cruz que jamais me abandonarás, e jamais teras affeição a outro homem!». «Juro não; ser d'outro, disse ella com voz firme». Trocámos um abraço; eu dei-lhe uma madeixa dos meus cabelos e um anel de ouro, e ella deu-me o seu retrato numa caixinha que lhe pendia do seio e lhe tinha lançado o pae antes de partir.

«Foi o nosso adeus; não a tornei a ver!»

(Conclúe)

HENRIQUETA ELYSA.

A UM NATALICIO

No formoso mez de maio,
Neste lindo mez das flores,
Quando o sol aquece a terra
Com seus mais doces fulgores,
Quando, vestida de gala,
A natureza nos falla,
Nos inspira ao coração
Mil ideias de ternura,

Mil esperanças de ventura,
Gratos sonhos de illusão;

'Nesta quadra tão mimosa
A vossa filha nasceu;
Como as flores nos sorriem,
Sorria-lhe assim o ceu;
Corram-lhe os dias serenos
Como os instantes amenos
Da primavera gentil;
Que seja formosa e bella
Como alva, nitida estrella,
Que desponta em ceus de anil.

Como a Susana da Biblia
Seja casta e virtuosa;
Da violeta á modestia
Reuna encantos da rosa;
Não prove nunca da taça
Da negra, cruel desgraça;
Das paixões que o mundo tem
Não soffra nunca o bafejo;
Seja emfim, como eu desejo,
Fiel retrato da mãe.

Maio de 1856.

A. A. F. P.

ALEXANDRE MAGNO

Alexandre Magno foi um conquistador famoso dos antigos tempos. Foi-lhe curta a vida, mas vae durando longa a memoria. E das memorias da historia antiga é ainda hoje das mais conhecidas e geralmente estimadas. Basta este facto para nos merecer attenção o estudo de sua vida e acções. E justificarão ellas esta consideração da posteridade? Temos que sim.

Alexandre Magno, se como homem teve fraquezas, como politico e como conquistador pôde ainda hoje ser modelo a quem quizer imital-o. A Grecia, retalhada por tantos annos com rivalidades poderosas, não occuparia hoje, talvez, o lugar eminente que tem na historia antiga, se este homem não concentrasse tantos elementos de grandeza que achou dispersos para fazer um imperio poderoso. Que a fortuna lhe desse mais dez annos de vida, que elle houvesse tempo de solidificar a sua obra, e Roma teria rival

condigno, se as ideias do tempo não consentissem que amiga fiel.

Lendo attentamente a sua vida como nol-a deixou Quinto curcio encontrámos acções grandes de envolta com infamias inauditas.

É a natureza humana. Mas a individualidade era boa, se pôde dizer. Discipulo estimado de Aristoteles, a sua vida correu digna geralmente. Se logo no principio vemos seis mil thebanos mortos e mais de trinta mil captivos debaixo das suas ordens, tambem vemos ahi respeitadas não so Pindaro e sua familia, mas algumas outras que a seu-pae ou a elle proprio haviam hospedado.

Por onde parece que, se a politica o obrigava a ser cruel, o seu coração sabia ser grato, e sabia respeitar as grandes qualidades. O modo cavalheiresco como tractou a familia de Dario, o respeito e consideração que lhe mereceu o cortejo dos sacerdotes e o templo de Jerusalem, e mais notavel ainda a distincção dignissima com que attendeu o rei Poro, que ousou dizer-lhe que queria ser tractado como rei, num periodo de sua vida em que alguns historiadores o dão ja como um persa devasso do Oriente, bem deixam induzir que não cahiram em mau terreno as boas sementes do sabio e virtuoso mestre.

Tinha grandes paixões, isso sim, como grande homem que era, e por ellas se podem explicar as acções decididamente más que lhe enodoam a historia. Em algumas porém ainda se revela pelo arrependimento a boa indole. Sirva de exemplo o que mostrou depois do assassinio de Clito.

A vida de Alexandre Magno é uma lição completa. Serve-nos para vermos que, grande ou pequeno, notavel ou ignorado, o homem é sempre um ente imperfeito, a sua vida tecido extravagante de acções contradictorias. Mas basta para bom conceito d'um homem que ao que é seu se possa attribuir o bom; á humanidade o que é desconcertado. E parece-me que neste caso está Alexandre.

A submissão é uma ignominia, quando o poder paternal é uma affronta.

NO ALBUM

J. J. COELHO

Como folha, boiando fugitiva
Na rapida corrente
Que tempestade ingente
Turbara ha pouco ainda;
Ou como secca flor, que não captiva,
Nem traz enlevo aos olhos,
Pois morre entre os abrolhos,
E sem aroma finda;

Assim d'amor tambem nos foge a crença
Que timida se esconde
Em triste sitio, aonde
Se envolve em fundo olvido,
Quando um raio, rasgando a sombra densa
Das trevas do passado
Nos mostra o veu sagrado
Das illusões perdido!

E qual virgem, roubada a sonho grato,
Os risos ja converte em magoa para,
Tambem nos alma chora sem ventura
A falta de tão brando e doce trato!

Por destino cruel, por fado ingrato,
Quando o bem 'nesta vida se procura,
Parece então folgar a desventura
Em que se nos esconda em mais recato!

Porém se amor ja foge, e se a desgraça
Nos muda em triste dor, nos muda em pranto
O tempo do prazer, que breve passa,

Eis nasce dentro em nós affecto sancto:
Pois quanto mais da vida amarga a taça,
Mais da amizade a voz nos traz encanto!

Junho de 1863.

LUIZ CARLOS.

Parece que Deus escolhe os bons e os que
fazem mais falta para pagarem pela maldade
dos que não fazem falta nenhuma.

AMOR E TYRANNIA

CAPITULO II

Duas familias

Estas duas familias são a de Francisco Telles e a de Augusto de Almeida. Não as deixemos no olvido, e digamos alguma cousa aos nossos leitores acerca d'ellas, sem contudo seguirmos neste romance, o systema adoptado pela mor parte dos romancistas. Estes de ordinario massam os indulgentes leitores com descrições, as mais das vezes fastidiosas, retratando os seus heroes com todos os defeitos ou bellezas que a sua caprichosa imaginação lhes suggerer.

Nós não; dizemos unicamente o indispensavel, apresentando os nossos personagens com todas as boas ou más qualidades que lhes conhecemos.

Francisco Telles, filho unico e descendente d'uma das principaes familias do Minho, era herdeiro d'uma bella casa, cujo rendimento orçava por quatorze mil cruzados.

Joven ainda, viajou por todo o nosso Portugal, e, agradando-se no Porto d'uma menina, a ella se ligára pelos sagrados laços do hymeneu.

Virginia Augusta de Sousa, linda e sympathica esposa do nosso joven, veio viver com seu marido para Ponte de Lima, onde, findo um anno, deu á luz uma criança que foi solememente baptisada, e que recebeu o nome de Alberto Telles.

Hoje esta criança tem 22 annos e é um dos heroes importantes do nosso amor e tyrannia.

As suas nobres qualidades, a delicadeza de suas maneiras e o seu bom comportamento tem-o feito estimado em Ponte de Lima, onde é conhecido pelo janota limarense.

Formado em direito, querido e amado por uma donzella, das poucas mas lindas donzelas que ha 'nesta malfadada villa, passa parte do tempo em casa de Augusto de Almeida, onde existe o encanto do seu coração.

Agora, visto que os meus leitores ja estão impacientes, e que eu não me quero mal com elles e muito menos com as sympathicas leitoras, fallemos sobre Augusto de Almeida,

a quem nem pela imaginação passa o motivo que tantas vezes leva Alberto a sua casa.

Augusto de Almeida, bacharel em direito, e, diga-se a verdade, um dos mais estúpidos bachareis que têm sahido dos escabellos da Universidade, viera advogar para Ponte de Lima, recommendado a Francisco Telles que se tornou seu protector e seu amigo íntimo; e que lhe franqueou a sua casa e a sua bolsa.

Sendo-lhe necessario ir a Vianna do Castello a uma audiencia, enamorou-se no pouco tempo que la esteve d'uma menina que possuia todos os requisitos para inflamar o mais frio coração.

Voltado a Ponte de Lima rogou a seu protector pedisse ao pae da joven annuisse ao casamento.

Este annuiu e em breve o dia foi determinado, pois se a joven vivamente impressionára Augusto, tambem este accendéra 'naquelle coração adormecido o volcão do amor, volcão tanto mais inflammavel e tanto mais ardente por quanto a donzella apenas tinha 15 annos.

Não é logar muito proprio neste romance, mas o auctor pede venia para dizer ás sympathicas leitoras uma ingente e talvez bem amarga verdade.

O amor de 15 annos, diz o sr. C. Castello-Branco é uma brincadeira, é a última manifestação do amor ás bonecas. Concordámos com o illustre romancista portuense, e concordámos porque a mulher logo que chega aos 15 annos, e se começa a ensaiar na comedia humana tracta so de procurar os meios de prender os jovens, fascinando-os ao ponto de os obrigar a, de joelhos, tributar as homenagens devidas á sua belleza.

Se com seus olhos seductores e travessos conseguem enganar algum innocente coração, arfa-lhes o seio, renasce-lhes a esperanza e sonham ideias futuras; depois, orgulhosas das suas conquistas, mostram as victimas á sociedade, dizendo— aqui estão os admiradores da minha belleza, e todos eu desprezei!

Eis a mulher! eis a sua vaidade! eis o seu louco capricho!

(Continúa).

A saudade é a poesia de todo o homem.

C. CASTELLO-BRANCO.

SURSUM

Em baixo o lodo! Aqui a luz dourada
Fulge brilhante na extensão dos ares!

Descubram-me esses mares,
Levantem-me essas ondas sôbre o abysmo!
Corram-me o veu, a tela assombreada,
Sob que penso e scismo.

Tu, ó etherea luz, que as almas banhas,
Que de perfumes doces a rocias,

Enche-me o espirito hoje!
Quando acima da nuvem a aguia foge,

Quando o pólo repelle as névoas frias,
Vae 'num pelago immenso d'harmonias

A mente inebriada;
E volve 'num momento, em baixo, o nada,

O nada, o grupo informe,
Que olha através da nuvem carregada
A luz do immenso, a luz do grande Enorme!

Ó doce viso e brando
Humedece-me em liquidos serenos

Estes olhos que veem o ceu... ao menos!
E elevando-me em raptos fervorosos

Acima d'esses mundos luminosos
Em bella noite, quando

O brilho mysterioso os aviventa,
Mostra-me na amplidão, que a alma alenta,

Em que as inspirações por vezes colho,
O espirito immortal, o grande ólho!

No inverno de 1862 a 1863.

A. L. SANTOS VALENTE.

ERCIJA E AUGUSTA

CAPÍTULO II

AH! quelque soi ton mon, ton destin, ta patrie,
O fille de la terre, ou du divin séjour,

Ah! laisse-moi toute ma vie
T'offrir mon culte ou mon amour.

LAMARTINE.

Não seguindo o geral da sociedade, Augusta e Camillo, antes de se unirem pelos laços da igreja, queriam conhecer-se mutuamente; e em seis annos de aturada correspondencia firmaram o amor e a estima que, desde o instante em que se tinham visto, lhes nascêra no seio, prenuncio de ditas.

Desligados da sociedade, seus espiritos comprehendiam-se, como duas notas sublimes da natureza, perdidas 'num deserto onde so

havia a rivalidade e todas as más qualidades.

Estava ja proximo o dia da união entre Augusta e Camillo, quando este teve que ausentar-se; negocios caseiros o chamaram a uma aldeia distante algumas leguas, onde tinha fazendas de algum preço.

Ahi viu Ercilia.

Um amor de seis annos, provado muitas vezes, o ligava a Augusta; demais ella amava-o com extremos de mulher que sabe as qualidades do homem que estima e o quanto elle valle; uma afeição tal não podia ter fim agora que mais a augmentava a lembrança de que breve a egreja os ligaria.

E comtudo Camillo amou Ercilia!

Mysterio inexplicavel!

É que Ercilia era mais do que mulher! não idealiso! Ercilia era uma jovem de dezeseete annos, virgem dos campos, fada dos bosques, anjo da solidão!

Era mulher para amar-se, mas devia ser o amor sancto e puro!

Melhor sera não retractal-a; que não era bella, mas o conjuncto de suas feições tinha tanta sympathia quanta pôde haver numa mulher.

Camillo adorou-a como anjo e esqueceu-se, para assim dizer, de Augusta; uma sombra lhe occultou o passado, e elle so viu Ercilia diante de si; aquella visão, talvez, era para seduzir todo o homem.

E eu vi antes prostrarem-se muitos diante de Ercilia; e ella todos olhava com indifferença!

Mas quando se avistou com Camillo pela primeira vez, ambos se olharam, e para logo se comprehendiram! se eram dois espiritos semelhantes!...

Volveram muitos dias; e o amor de mais subido ponto ligava as almas dos apaixonados jovens! Que iria ser de Augusta! pobre donzella, cuja lembrança por momentos se apagára do coração de Camillo! estavam ambos loucos! nada conheciam, nada lhes servia de estorvo, e em tudo buscavam o amor!...

(Continúa)

ALFREDO ELYSIO.

Deus! e este so nome encerra um mundo. Encerra a eternidade, os ceus, o espaço.

JOÃO DE LEMOS.

A L.

Pela vez derradeira a minha lyra,
A minha pobre lyra, vae soar
Um canto! assim o cysne de azas brancas,
Imagem da candura, solta ao ar,

Quando ja moribundo, triste endeixa,
Que as cordas d'alma todas vem vibrar!

Deixa sagrar-te meu affecto, deixa,
Oh virgem pura, e então suave o pranto
Banhará minhas faces, e a saudade,
Sem abrandar, sera um doce encanto!

Nem sempre o riso doce ventural ás vezes
Occulta dolorosos soffrimentos!
Assim me ves o riso nos revezes
Que a sorte infausta me prodigalisa.

À noite, ao som do murmurar da brisa,
Contemplando as alturas, e o Senhor,
Que vejo em cada planta e no perfume
Que então se exhala, folgo lembrar
Os mais doces momentos que ei gosado,
Momentos consagrados so a amor,
E que jamais, jamais, ei de olvidar!

Recordação, dasperatas a saudade
E então se augmenta minha inflicidade!
Mas vem depois o mais suave enleio!
Perde-se a alma em extasis divino,
O pensamento voa aos pes de Deus,
E soltâmos então notas d'um hymno,
Incenso puro que se eleva aos ceus!
Recordações, sois hoje o meu viver,
Viver de quem, apoz ardente amor,
Viu murcharem-se as crengas de sua alma!

À tarde, á borda d'uma lympha pura,
Sem cuidar do futuro, nem temer
Que leve sombra entibiasse o ardor!
Que se expandia em raios de ventura,
Fallava a sos com ella!

E se era á noite,
Quando a lua nos vinha d'entre os ramos
Reflectir de seus raios o esplendor
Nos rostos melancholicos, então,
Enlaçados, soltamos as notas
D'esse hymno que nos vem do coração.

Sumiu-se tudo! agora resta apenas
A saudade e o amor que ainda me accende!
Es allivio, saudade, a minhas penas.

E a ti so minha lyra tece este hymno,
Elo que nossas duas almas prende.

Pela vez derradeira te cantei;
Não mais, partida a lyra, a vibrarei...
Coimbra, 4 de abril de 1863.

ALFREDO ELYSIO.

OS DOIS VIZINHOS

Havia dois vizinhos, que viviam apenas de seu trabalho, e cada um tinha a sua mulher, e muitos filhos pequenos.

Um dos dois dizia para comsigo: «Se eu morro, ou cáio doente, o que virá a ser de meus filhos?» Este pensamento não o abandonava, e roia-lhe o coração, como um verme roe o pomô em que está occulto.

Logo que o mesmo pensamento occorreu ao outro pae, não lhe deu cuidados; porque, dizia elle, Deus que conhece todas as creaturas, e vella sôbre ellas, vellará também sôbre mim e meus filhos.

Este vivia tranquillo, em quanto que o primeiro não gosava interiormente um instante de socêgo e de alegria.

Um dia em que elle trabalhava nos campos triste e abatido, temendo o futuro, viu algumas aves entrarem para uma moita, sahirem, e depois tornarem a entrar.

Tendo-se aproximado viu dois ninhos, ao lado um do outro, e em cada um muitos passarinhos recentemente sahidos da casca e ainda sem pennas.

Quando tornou ao trabalho, d'espaco a espaco lançava a vista para as aves que iam e vinham trazendo o sustento a seus filhos.

Aconteceu, porém, que, no momento em que uma das mães tornava a entrar com o seu biscoito, um abutre a arrebatou, e a pobre mãe de balde se debateu, presa nas garras, dando gritos pungentes.

A vista d'isto o homem, que trabalhava, sentiu-se mais inquieto que antes, porque, pensava elle, a morte da mãe causará a morte dos filhos. «O que sera dos meus se eu lhes faltar?»

E todo o dia permaneceu triste e sombrio, e de noite não pôde roconciliar o somno.

No dia seguinte, voltando ao campo, disse: «Vou ver os filhos d'aquella pobre ave,

que naturalmente ja todos terão morrido.» Encaminhou-se para a moita, e viu os passarinhos bem nutridos; nenhum parecia ter soffrido.

Maravilhado d'este acontecimento, occultou-se para observar o que elles fariam.

Passado pouco tempo, ouviu um ligeiro grito, e apercebeu a segunda mãe, levando á pressa o sustento que tinha junctado, e distribuindo-o por todos os passarinhos indistinctamente, não sendo por este meio os orphãos desamparados na miseria.

E o que não tinha confiado na Providencia, contou á noite ao outro o que tinha visto.

Este respondeu-lhe: «Porque se inquietou? Deus nunca nos abandona. O seu amor tem mysterios que nós não conhecemos. Tenhamos fe, esperemos, amemo-nos e prosigamos o nosso caminho em paz. Se eu morrer primeiro, sereis vós o pae de meus filhos, e se morrerdes antes, serei eu o pae de vossos filhos. E assim, se nós morreremos antes que elles estejam em idade de poderem prover ás suas necessidades, terão por pae o Pae dos ceus.

Trad. de F. LIBANIO DE CACERES.

COINCIDENCIA!

Porque sera, que o genio
Que eleva o creatura,
É sempre um vil escravo
Das leis da desventura?

POETA

É que a desgraça e a poesia
Nasceram no mesmo dia!

SIMÕES DIAS.

BIBLIOGRAPHIA

Temos que fallar das *Fatalidades do amor*, romance do sr. A. Gomes da Silva Sanches, impresso primorosamente na imprensa da universidade, que está agora publicando edições lindissimas, o que, sabemos, muito con-

corre para a extracção de certas obras, e é justissimo, porque se não ha espirito, deve haver materia; se nada falla ao coração, alguma cousa deve fallar á vista; ás vezes sob uma ruim capa acha-se uma bella obra, e uma pessima sob uma capa lindissima.

Mas não se intende isto com as *Fatalidades do amor*; e livre-nos Deus de que seu auctor, mancebo de excellentes qualidades e que muito presamos pela sua intelligencia e aturado estudo, tal julgasse; se 'naquellas palavras ha porventura alguma ironia, não pertence ao sr. Sanches, mas sim a muitos que ahi vemos em toda a parte escrevendo cousas de mau gósto, que propendem muitas vezes para o disparate. Dizemos, o sr. Sanches é um joven que está fóra d'esta classe; o cuidado com que estuda os bons auctores, estrangeiros e nacionaes, e a sua muita vocação para as letras o elevam acima de todos estes *D. Quichotes e Sanchos Pansas* da litteratura.

E, vindo a fallar do livro, seremos breves, porque poucas palavras bastam para o acreditar para os nossos leitores, que de certo muito hão de presar ésta obra, como digna de todas as attentões.

As *Fatalidades do amor* trazem uma introdução do nosso amigo o sr. Simões Dias, em que elle mostra muitos conhecimentos litterarios e scientificos. E o romance está muito bem escripto; a concisão e clareza, e por vezes a elevação de linguagem nol-o-fazem apreciar muitissimo. E cremos que é um bom livro; se tem defeitos, bellezas não lhe faltam; podiamos até citar periodos, modelos de optimo estylo. O sr. Sanches ha de ser um bom romancista; quando o genio de prompto se patenteia com tanto brilhantismo, de certo lhe podemos augurar um futuro cheio de triumphos e gloria; mas torna-se preciso que o estudo seja pertinaz e a vontade immensa para affrontar os zoilos.

Charadas

Sente-se	1
Sente-se	2
Move-se	

S. F.

Uma das vinte e cinco. 2
Uma das vinte e cinco. 1

Quem quizer o meu todo
Atinar
Em uma planta o póde
Encontrar.

Vizeu.

P. DE FIGUEIREDO.

Caçador em mim divaga 2
Da Africa sou natural 2

Eis aqui o appellido
D'um infeliz sem egual.

F. A.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

POLKA SYMPATHIA

E

SCHOTISCH ENTHUSIASMO

POR

D. Carolina Amelia de Sousa

Estão-se lytographando éstas músicas, custando ambas 200 réis por assignatura e 240 réis avulso.

Assigna-se 'nesta redacção e na loja do sr. José de Mesquita.

FATALIDADES DO AMOR

ROMANCE DE

A. Gomes da Silva Sanches

COM UMA

INTRODUÇÃO

POR

J. Simões Dias

Preço..... 300 réis

Acha-se á venda na Livraria Central, Lisboa e Coimbra; quem o pretender dirija 400 réis ao auctor, rua dos Estudos, n.º 20.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE



O QUE É A SOCIEDADE

CAPÍTULO IV.

No homem, o sublime do genio é a desgraça.

D. ANNA AUGUSTA FLAGADO.

—Então, não voltaste lá? interrogou Gustavo, quebrando o silencio que tinha succedido á narração do seu amigo.

—Não voltei; e para que? que ia eu lá fazer? Podia-me apresentar a Maria sem corar de vergonha? Porventura não lhe tinha eu promettido voltar, so quando a podesse tornar feliz, dando-lhe um nome, glorioso ou nobre, em lugar do seu obscuro e pobre?! E que tenho feito? que gloria adquiri, que riqueza ou que mercês ganhei!... Eis a minha vida! Estudei dois annos cirurgia; depois este estudo repugnou-me e tive que o abandonar sob pena de perder o socego e a saude. Busquei na litteratura recursos e alguma gloria; a poesia, que tinha sido sempre o manancial das minhas consolações e dedicação intimas, não me podia enriquecer! Compunha um volume, escrevia um romance, um folhetim ou um artigo, e corria de porta em porta, mendigando para assim dizer, uma esmola. Na imprensa, perguntavam-me o nome; respondia humildemente: «Chamo-me Hyppolito!» «Hyppolito! isso não é nome! Não tem outro?!» A vermelhidão cobria-me as faces, que a sociedade fustigava com o stigma do seu desprêso! Tomava os meus papeis e sahia d'alli com o coração apertado de desespero, a alma fulminada de desalento e o fogo do odio a queimar-me o cerebro e a escaldar-me o sangue! Em casa dos livreiros repetia-se a mesma scena variando de palavras. «O sr. quem é? que provas dá da sua intelligencia? Já publicou alguma cousa? Sabe como o ac-

lherá o público?» Depois d'isto liam o titulo da obra e devolviam-na sem sequer a folhearem: «A sua obra poderá ser muito boa, mas tem o desgraçado inconveniente de não ser o nome do auctor ainda conhecido do público. Va, pois, e continue, que com bons desejos tudo se obtém!» Eis as consolações com que me despediam, quando eu precisava de dinheiro, e não tinha já com que pagar o aluguer do meu quarto nem a sopa do jantar! Aqui e acolá nas ruas encontrava sempre rostos alegres e risonhos, caleches sumptuosos e janotas sabindo do *Guichard* ou da luvreira. Ao dobrar d'uma esquina um annuncio de theatro, mais alem um rapaz que me dizia desapiedadamente: «Vou hoje ao baile de Fy; porque não vaes tambem?» e a fome ás vezes a roer-me as entranhas, e a minha roupa, rota, como um attestado de miseria. Mas ninguem notava isto; os espectáculos não se suspendiam, os bailes não tinham menos enthusiasmo, o *Guichard* menos frequentadores, e os que se diziam meus amigos, como tu, não deixavam de se divertir. Ve o inferno em que eu vivi; e ainda se isto não fôsse acompanhado da imagem de Maria! mas vel-a, vel-a sempre em imaginação, e não ter meios para a ver em realidade, nem sequer esperanças, era atroz. Finalmente propuz-me para escrevente; e, como tinha as habilitações, acceitaram-me; eis a minha felicidade, a minha vida de delicias, exclamou Hyppolito, levantando-se.

E soltou uma gargalhada estridente, e cortada como um soluço.

Gustavo levantou-se tambem, abraçou o amigo e disse-lhe:

—Mas ainda tudo isso não me explica o motivo, porque ha pouco disسته alli na sala aquella phrase que precedeu esta narração!

—Não? pois bem, eu te explico. Figura na tua imaginação que vim encontrar alli Maria, não o meu anjo d'outr'ora, mas uma mulher como as outras, vestindo sedas e plumas, sorrindo ás turbas e dançando *polkas* com um olhar embriagado de prazer e alegria! Maria não é ja aquella flor candida e fagueira de outro tempo; é a mulher desdenhosa e altiva das salas, que vende um sorriso pelo cumprimento lisongeiro do par que o enamora, e que troca as imagens puras e sanctas da innocencia, pelas fallas fi-

ctícias e ephemerias d'uma sala. Ora ahí tens Maria, ora ahí tens o que é o mundo, o que é o dinheiro, o que são as mulheres e o que é a vaidade! Prometti-te uma lição, creio que te não enganei; ora agora por último sempre te direi que aquella Maria, criança pura e innocente, que me jurou pela cruz do Redemptor eterna fidelidade, me eucorou ha pouco com desprêzo, ironia e indifferença, e, a uma pergunta que lhe fiz, abriu os olhos, espantada por me não conhecer! Não é um anjo esta mulher?

O final d'esta narração inquietou extraordinariamente Gustavo, que perguntou com dessocego:

— É Maria da Gloria?

— Não, é outra mulher, respondeu seccamente Hyppolito.

— Então qual?

Hyppolito levou o seu amigo ao humbral da porta, e, apontando ao acaso para uma senhora, disse:

— Olha, é aquella.

Felizmente Gustavo não a conhecia; era uma senhora do Porto e casada.

Os dois amigos entraram na sala, um, alegre e socegado, o outro, aparentemente indifferente.

Mas d'ahi a instantes Hyppolito dançava uma quadrilha com Maria da Gloria, sendo vis-a-vis de Gustavo.

Maria da Gloria não era uma mulher extremamente formosa, mas o fulgor de seus grandes olhos negros fazia eclipsar muitas formosuras; pois no decorrer da dança esse mesmo fulgor se extinguiu; a pallidez substituiu repetidas vezes o mimoso carmin das faces, e o tremer dos labios accusava uma viva commoção, ou uma lucta impossivel.

No fim da quadrilha ella vergava o collo como victima, e parecia pedir com os olhos piedade ao seu algoz.

O que Hyppolito lhe dizia, ninguem o ouviu; mas é certo que um sorriso de mofadora ironia estava sempre estampado em seus labios, o escarneo e o desprêzo em suas feições!

Ao sentar-se, Maria da Gloria cambaleava; levantou ainda os olhos supplicantes para o mancebo, mas este, sustentando com firmeza o olhar, respondeu-lhe com outro em que ia um anathema fulminante, e murmurou por entre dentes:

— Não! agora?!... nunca!...

E afastou-se.

Ninguem mais o viu na sala; nem depois o encontraram nas ruas; Gustavo procurou-o muitas vezes, mas ninguem lhe sabia dar relação d'elle.

CONCLUSÃO

A saudade, modesta e regulada, dá indícios d'um amor fino, casto e puro.

D. FRANCISCO MANUEL.

Dois mezes depois do baile da philarmónica, celebrava-se um casamento em Sancto Hdefonso; era o de Gustavo com Maria da Gloria.

Na occasião da cerimonia, ella soltou um grito e cahiu sem sentidos; tinha apercebido rapidamente o rosto pallido de Hyppolito, que ainda alli a fulminava com o seu olhar de fogo.

Todos se voltaram, mas nada viram.

Este incidente causou grande inquietação; a ponto que o sacerdote, antes de os abençoar, tornou a perguntar a Maria da Gloria se era por sua livre vontade que dava a mão de esposa a Gustavo.

Depois d'um signal affirmativo, e um «sim» bem accentuado, que Maria da Gloria pronunciou, a cerimonia concluiu-se.

Ao voltarem para casa, alguém viu, que uma sombra, especie de cadaver ambulante, envolvida em uma tunica preta, os seguia; quizeram conhecer nesta sombra Hyppolito, mas nenhuns dados tinham para o affirmar, porque ninguem o encontrava na cidade.

Agora, leitora amiga, eu, como fiel narradora, que sou, poderei dizer alguma coisa acerca do heroe da nossa historia.

Hyppolito ja foi riscado do catalogo dos vivos, e foi-o sem um discurso, sem um epitaphio, sem uma lagrima talvez!

Muita gente ignora ainda o fim tragico do apaixonado mancebo, e o suppõe ainda vivo na sua aldeia.

É engano; Hyppolito nem sete palmos de terra teve para repousar das fadigas da vida; nem mão desconhecida ou amiga gravou o seu nome em pobre e humilde lousa! Nem uma lembrança sequer resta d'elle, d'elle que poderia immortalisar o seu nome! E que se amortalhou com a sotaina de padre, até

ir receber no Libano a verdadeira mortalha e sepultura.

Hyppolito foi um dos christãos que pereceram no massacre do Libano; a sua descrença levava-o a ir pregar a creuça aos infieis; ou antes a ir procurar a morte, longe da sua patria, patria tambem de seus infortunios e desgraças.

A terra lhe seja leve; talvez que os vermes lhe façam menos guerra do que os homens. O martyr da sociedade devia trocar a sua coroa de espinhos pela aureola dos justos, e repousar a fronte laureada no po dos sepulchros!

Hyppolito talvez fôsse um sancto; outros menos martyres têm sido canonisados, e recebem hoje as orações dos fieis!

Lodeiro, outubro de 1862.

HENRIQUETA ELYSA.

RIMAS AO ACASO

Querida, apoz a tormenta

Surge o iris da bonança;

À dor succede o sorriso,

Ao desespero a esp'rança:

À vida succede a morte,

À morte ainda outra vida,

O botão que desabrocha

Succede á flor resequida:

So não se vae com o tempo,

No mundo sempre inconstante,

Tudo o que ao peito nos falla

De nossa primeira amante.

Este amor que nós jurámos

Findará no esquecimento,

Do vulcão restarão cinzas,

Nas cinzas um fogo lento.

De nova deusa nas aras,

Queimando profano incenso,

Lembrar-te-ei com saudade,

Como hoje quando em ti penso.

Porque o amor que primeiro

Entrou dentro de nossa alma,

Nem o tempo o diminui,

Nem a distancia o acalma.

Muito embora haja quem diga

Que o final é mais ardente,

Um é o sol que desponta,

Outro é o sol no occidente.

Um são transportes fogosos

D'um peito cheio de vida,

Outro a extrêma agonia

Do peito que ja duvida.

Não pensemos no futuro...

Querida, es minha, sou teu!...

P'ra que receios?... De nuvens

Não toldemos nosso ceu!

ALBERTO

AO MEU AMIGO

José da Silva Ferrellea

Era por uma d'essas noites poeticas e bellas da primavera.

E Alberto vertia copioso pranto, no gemitario, ajoelhado juncto á pequena cruz d'um tumulo!

E do intimo d'alma soltava crebros suspiros, que se perdiam no espaço infinito!

Triste mancebo! Sentindo no coração o fogo violento d'uma paixão ardente, ia alli depor aos pes da campa, que cobria os restos da mulher, que tanto amára e ainda amava, uma coroa de perpétuas e saudades, symbolo d'aquellas, que por ella no peito nutria!

Ia ainda mais uma vez, debaixo do verde cypreste, que servia de cabeceira ao tumulo da sua Laura, mostrar-lhe quanto a amava, e supplicar-lhe, rogasse a Deus lhe desse a morte, porque no mundo vivia vida de martyr!

Não tendo na terra um ente, que lhe afagasse a vida, aborrecia-a e implorava a Deus a morte para ir no ceu a seus pes ligar-se á mulher, que, quando apenas lhe mostrava a felicidade, o deixou cercado d'espinhos e dores, que lhe ralavam o coração; so pedia á sua Laura, que ainda mesmo sen-

tada entre os anjos ao lado do Senhor, o não esquecesse, e o não deixasse de amar!...

Triste mancebo!

II

Quantas vezes de noite, a horas mortas, debaixo do lethal cypreste, que guardava as cinzas d'uma virgem, a febre ardente que o devorava o não fazia delirar, julgando então nesses momentos achar-se juncto de Laura, contemplando-a, bella e pura, e estreitando-a em seus braços a dizer-lhe: «So vivo para ti!» E eram bellos esses delirios!

Mas apoz elles vinha a realidade, e com ella novas dores que lhe esmagavam o coração!

Então o pranto suffocava-o, e, com as mãos levantadas para o ceu, parecia implorar a Deus menos tormentos, e allivio para as dores que o alquebravam!

Outras vezes, parecia um louco, e, desvaireado, corria por toda a mansão dos mortos, soltando sarcasticas gargalhadas, e agudos gritos, que o echo repetia ao longe.

Como era doloroso e triste, tão penetrante espectáculo! Comprehendel-o, so pôde aquelle que um dia amou com tanta força como Camões amou a sua Natércia, e Bernardim a sua Beatriz!

Para Alberto, a vida ja nada valia; e não poucas vezes uma ideia horrivel-lhe assomava á mente — o suicidio!

Porém depressa se desvanecia, porque em Deus tinha a sua fe e a sua esperança!

III

Como são amargos e cheios de torturas os momentos da vida, para aquelles que, como Alberto, a odeiam!

E milhares d'entes, como elle, vivem, li-bando as fezes amargas do calix da amargura!

E outros, luctam braço a braço com a infelicidade, que os persegue por toda a parte, sempre vencedora, fazendo-os por fim cahir no abysmo horrivel do vício!

A Alberto custava-lhe supportar tantos mártirios, mas resignava-se com o seu destino adverso.

Sentia a falta d'aquella, que so na terra o faria feliz, do anjo para o qual so vivia, d'essa mulher que tanto idolatrara e ainda

amava; mas jamais deixava de conceber a esperança de unir-se-lhe um dia no ceu!

Chorava, porque nas lagrimas, embora lhe escaldassem as faces, achava allivio para os seus tormentos continuos, e lenitivo para as saudades por Laura que tanto lhe oppriam o coração!

IV

Pobre mancebo!

No florir da vida, quando ella a todos começa a sorrir, a elle so se mostrou medonha!

O horisonte, que principiava a ver brilhar, toldou-se em breve, e o futuro, que esperava risonho e feliz, mostrou-lhe horrendo aspecto.

Quem poderia olhá-lo, sem que visse uma a uma rebrantar-lhe as lagrimas, pallido, cada-verico, similhando um velho, ajoelhado alta noite, juncto ao tumulo da sua Laura, implorando a Deus piedade?!

So aquelle que não comprehendesse o seu soffrer; so aquelle que não soubesse quanto custa ver arrancar-nos uma a uma as fibras todas do coração com dores, que so com a morte podem findar.

E Alberto não faltava alli uma so noite!

Embora o vento sibillasse com força, parecendo querer abalar o universo, a chuva cahisse em torrentes, e os raios se cruzassem nos ares mil e mil, não faltava alli uma so vez; não deixava de ir depor sobre a campa de Laura as suas lagrimas de saudade!

Quantos infelizes não ha no mundo assim!... Um sem-número d'elles; mas, logo que seus olhos se cerram para sempre, sua alma voa para o ceu, a fruir as venturas, que Deus lhes concede, em recompensa dos tormentos, que em vez de gozos tiveram neste valle de lagrimas!

V

Alberto soffreu muito!

Um dia, porém, Deus compadeceu-se d'elle e deu-lhe a morte que tanto desejava!

Mas nem um amigo se lembrou d'elle; nem uma lagrima de saudade se derramou sobre o seu tumulo!

Alberto foi a-flor, que, ao desabrochar da vida, o vento agudo do norte arrojou por terra, e pouco depois desfez em pó!

Vizeu, março de 1863.

ALFREDO A. A. CAMPOS.

CANTO

(A Augusta)

Deves conservar no peito,
Dentro do teu coração,
Uma bem viva lembrança
Da minha viva paixão.

Eu amei-te sempre muito,
Amei-te com muito ardor;
Amor tão firme e constante
Tem somente o trovador!

Se via no azul da esfera
Brilharem astros aos mil,
Esqueciam-me esses astros
Pelo teu rosto gentil.

Se a lua os raios de prata
Reflectia ao rosto meu,
Via nos raios teus olhos,
Nos teus olhos via o ceu!

Se as auras frescas da tarde
Gyravam de em tórno a mim,
Pensava se acaso vinham
Dos teus labios de carmim.

Se via o sol todo gala,
Se ouvia a fonte a correr,
Pensava ver-te e ouvir-te
À minha voz responder.

Como a nuvem, vendo o sol,
Cora toda em seu pudor,
Assim corado teu rosto
O julguei co'o meu amor.

Como o perfume que exhala
Do seu calix casto lyrjo,
Julgava aspirar teu halito
Em meus sonhos de delirio...

Eu amei-te sempre muito,
Amei-te com muito ardor;
Amor tão firme e constante
Tem somente o trovador!

Neste canto ves tu que a tua imagem
Me segue a toda a parte, e que so vivo,
Unicamente vivo so de amar-te.

Cada objecto que avisto é ara sacra
Onde te diviniso e incenso alegre.

Se a lyra do poeta as cordas d'ouro
Não vibra sonoras e cadentes,
Que vão fundo ecoar em terno peito;
Se um peito que te adora, e que constante
Vive so de sonhar-te em ledos quadros,
Te não merece aos labios um sorriso,
Nem aos olhos formosos um lampejo,
Deixa por piedade que illudido
Viva o triste de seus doirados sonhos;
Não lhe desfolhes com cruel desprezo
As esp'ranças que em ti sincero nutre;
Não venhas esmagar-lhe deshumana
Esse amor, que tão lindo aos seios d'alma
Veio alegre florir-lhe ardente e puro.

E eu via-te, donzella, em toda a parte:
Em toda a parte tua imagem linda
No cetebro a gravava a mente em fogo;
E esse amor, que nasceu á luz suavissima
Do lume que teus olhos nos desferem,
Tão fundo a insculpiu, que nunca pôde,
Nunca mais apagal-a o esquecimento.
Ao meu sentido canto attende, ó virgem;
Ai! le-lhe compassiva os toscos versos,
Casa-me aos sons da lyra os teus suspiros.

AMOR COM AMOR SE PAGA

II

A noite estava de rosas; nem uma aragem
que corresse por entre as folhas das árvores,
nem uma nuvem sequer que velasse a lua;
silencio profundo cobria Luso e seus arre-
dores; so apenas de vez em quando la se ou-
via ao longe o alegre canto do vigilante gal-
lo. Com uma noite assim, e com a cabeça
a arder como estava a minha, pouco apetezia
ir para a cama; divaguei por ahi; quanto
tempo não o sei eu ao certo.

O chlar d'um carro me veio chamar a
este mundo de desenganos; reparei então que
a noite ia ja em mais de meia, e quiz voltar
a casa; mas *hoc opus hic labor est*: não po-
dia atinar onde me achava; por mais que
para uma e outra parte deitava os olhos nada
via que me orientasse. O caso porém não era
para indecisões; tomei pelo caminho que
primeiro vi ante mim, e assim fui andando

até que a final dei vista ao longe d'umas casas: era Luso.

Como isto foi não o sei eu: mas acaso seja, ou seja instincto, é certo que entrei em Luso por onde havia sahido.

Ainda bem não havia dado meia duzia de passos na rua que eu sinto, um pouco diante mim, um assobio prolongado e com uma certa intonação: parei; áquellas horas um assobio assim destacado, e como que á modo de signal, era cousa muito séria. A minha phanthesia logo alli começou a ideiar cousas medonhas e espantosas, seguindo-se umas traz outras com tamanha promptidão, que era cousa realmente muito para pasmar: o que porém a imaginação mais me representava como verdade era o ter sido aquelle assobio um signal de alguns larapios, e então quando me isto lembrava é que eram arripios pela espinha dorsal! mas ao mesmo tempo reflectia eu que, se o tal assobio tivesse essa procedencia, então ja eu de certo estaria a contas com os senhores amigos do alheio: e depois eu só ouvia silencio (expressão muito linda e que já li em certo poeta)! Por isso, apesar da imaginação me querer aterrar, uma voz ca dentro me segredava baixinho, que não tivesse medo, que não era nada.

Ora é bem que se saiba que eu discorria d'este modo no vão d'uma porta d'onde esperava ver o que succedesse.

Ouvi novo assobio: pouco depois senti tremmer-me nos ouvidos (expressão também d'um poeta classico) o ranger dos quicios d'uma porta que se abria: deitei a cabeça fóra do meu escondrijo e espreitei: eis o que então vi: do lado opposto da rua estava uma porta aberta, e ajoelhada no balcão uma fôrma branca: no meio da rua duas fôrmas mais de differente tamanho, e do lado em que eu estava outra porta aberta e nella de pe outro vulto.

Quiz ver no que aquillo dava e cingi-me mais ao fundo da porta em que estava, mas continuando sempre a espreitar. Alguns minutos estes vultos se conservaram assim: depois a fôrma branca ergueu-se, fechou a porta por fóra, tirou a chave, e a metteu por baixo: caminhou então para o meio da rua ao encontro do outro vulto; este fez um certo movimento e nas minhas orelhas me veio ciciar o som d'um beijo. Pizeram-se a cami-

nho: e aqui me vi eu em grandes apertos por isso que se vinham dirigindo para o meu lado: felizmente a lua estava a sumir-se no horizonte, e pouca claridade portanto então havia.

Perfilei-me, derrubei o chapeo, e esperei.

Vi passar ante mim os vultos; eis a fôrma por que elles iam: adiante e bem embuçados caminhavam um homem e uma mulher (ainda não haviam adivinhado que a tal fôrma branca era uma mulher?)

Quando 'nesta mulher fitei os olhos deu-me o coração um grande salto, e por mais que eu então o interrogasse nada elle me disse.

Traz estes vinha uma outra mulher, ao que parecia ja idosa: depois da velha seguia-se um rapaz com uma trouxa debaixo do braço, e no encaicho do rapaz um cão pequeno: distancia invariavel d'uns a outros cousa de 1 metro e 25 cent.; por esta fôrma vinham estes individuos a formar uma verdadeira pyramide, tendo por base os dois que iam adiante, e por vertice o cãozinho.

Quando os vi bem longe, sahi do meu escondrijo, e subi rua acima, isto é, em direcção opposta á que elles seguiram.

Outro qualquer no meu logar sôbre modo folgaria com haver presenciado esta comedia: eu não; sentia ca interiormente um não sei que de triste, que eu não sabia nem podia explicar, e que muito me penalizava.

Continupei subindo a rua com os olhos fitos na porta d'onde vira sahir a mulher vestida de branco, e para la fui direito: mas...

Toldam-se os ares,

Murcham-se as flores;

Morrei, amores,

Que Ignez morreu.¹

E de feito, não Ignez, mas Anna morrerá para mim! Era a casa de D. Anna aquella! Era pois ella que eu vira ir de braço dado com um homem, e que d'elle havia recebido um beijo!...

Não posso descrever o que então senti: aquelles que ja estiveram com a esperanza de alcançar um objecto querido, e de subito o vêem escoar-se-lhe das mãos, bem podem avaliar o meu soffrimento 'naquelle instante: aquelles que ainda não sentiram uma dor

¹ Bocage.

assim eu só lhes desejo que nunca cheguem a senti-la.

E choraria em então? Não sei, mas tormento assim nunca o eu senti!

(Continúa)

SEBASTIÃO VICTORINO,

ERMELEINDA

Era em fins de dezembro. Dona Julia
Sentada ao pé do lar contava contos
Aos filhinhos, que em roda adormeciam.

Linda ia a noite: o ceu limpo de nuvens
Retingia d'azul o puro espaço,
D'onde ardentes esferas, que rolavam
Torrentes d'alma luz enamorada,
Sóbre a terra choviam. Não soprava
O vento da estação, que sóe ser frio.
Era uma noite aquella, como poucas
Se desdobram no inverno á luz serena
Da suavissima lua, ao som das aguas.
Hora que lembra ao poeta o infinito,
Que lhe dilata a alma, e em doce enlêvo
Lhe inspira aquellas mágicas toadas,
Que é dado á raros pôr em lingua d'homens.
Era uma noite d'estas. No palheiro,
Que era á casa contiguo, estatelado,
Jazia eu em todo o meu descanso,
Involvido na sombra d'uma rima
De velhas cepas encostada ao muro.
O bom d'Ambrosio Pinto era a meu lado,
«Que irá lá no mar largo a taes deshoras,
Onde a barca ligeira, entregue aos ventos,
Deve neste momento vir sulcando
As arriçadas aguas?» Éstas fallas
E outras d'este teor (mas não em verso)
Estava eu fallando, em póz de longa pausa,
Aos ouvidos d'Ambrosio.

Quem diria,

Que 'naquelle remanso, em bella noite,
Me vinham de continuo anciadas mágoas
Pungir o coração amargamente?
Tu, Ermelinda, que em meus sonhos vinhas,
Como anjo de luz a perfumar-me
Com ambrula d'aromas la de cima
O suspiroso seio, que embalavam
O Tuas mágicas fallas, mas sonhadas,
Sonhadas, sim! e a ausencia, ao despertar-me,
Do coração as lagrimas contidas
Agora desprenhia em pranto amargo...

Tu, Ermelinda, as sabes, que em distancia
Duas almas que o amor uniu em uma
Nada lhes corta o laço enfeitado,
Que mãos d'alem prenderam. Tu as sabes,
Que qual eu te oiço aqui, te vejo e entendo,
Sei que la da saudade a doce mágoa
Te faz sentir minha alma, e neste anjo
Padecer dor igual, eguaes angústias.
Chora tambem nas praias afastadas,
Bella virgem d'amor, chora comigo
E não dava resposta o tal pascaio
Das incurvadas ventas entornaya
Uns tão medonhos roncros, que um momento
Por uivos d'algum lobo ia tomal-os.
Natural illusão... nunca ouvi lobos
Ergui-me arripiado; as mãos ás cepas
D'improviso lancei; mais promptas armas
Não as havia alli, nem talvez outras.
Sóbre o cepo d'Ambrosio as cepas ruem
Como chuva d'inverno se despeja
Nas mal guardadas costas do viajante.
Assim sóbre elle cahem. Vi-o erguer-se
E abraçado com furia á mobil rima,
D'uma figura tal Camões diria:
—Juncto d'um bronco cepo as bronças cepas!
Oh! perdoa, Camões, fazer entrar-te
Em taes grosseiros carnes! mas desculpa-me
O teu exemplo mesmo. Ás sanctas aras,
Onde a imagem da Virgem collocaste,
Porque é que em tão seraphica postura
Com grande affronta das piedosas almas,
Fizeste approximar o padre Bacho?
Em vão o bom Garrett quer defender-te;
Ah! Macedo, Macedo, é tua a causavelha
E era com effeito um cepo o meu amigo;
Um pouco ainda abaixo de tres quartos
Da vulgar estatura se ajunctava
A achatada cabeça envolta em carnes,
As curtas pernas, curtas, mas rotundas,
Como fustes quebrados de columnas
De portico pesado, so metade
Lhe divisava o olho embasbacado
Do ditoso mortal, que ao perto as visse.
Sumiam-se-lhe as curvas adiposas
Meio enterradas pelo vasto abdomen
Mas em quanto ao moral era dos homeas
Em cuja bôcca o delicioso Karr
Põe taes palavras d'importuno orgulho:
—*Je suis petit, mais fort...*— que não traduzi,
Porque hoje em Portugal é mais sabida
A linguagem franceza, que a materna.

O que eu quero dizer é que uma e outra
Andam por mãos d'indoutos aos retalhos.
E disse eu depois d'isto a Ambrosio Pinto:
«Eia, amigo, vac alta a noite... em balde
Temos perdido aqui o tempo á espera
Da descuidosa Lydia. Ao longe vamos,
Hei medo que nos ouça alguém, ou veja,
Ou nos fareje acaso algum molosso
Da alheia habitação».

«Trago as pistolas,
E tenho estes dois braços. Não receies!...»
«Mas... ouve!... eu sinto alli...»

«Talvez o vento...»
«Não é, vi' neste instante um vulto negro
La em baixo passar juncto aos pinheiros...
Olha, vem para nós...»

«Não vejo nada!»
«Vamos!... não é por medo... mas o escuro...»
Cortou-lhe a phrase a apparição de Lydia.

(Continúa)

A. L. SANCTOS VALENTE.

AMOR E TYBANNIA

A MINHA MANA

D. MARIA AUGUSTA DE SÁ COUTINHO

(Continuação)

D. Candida fascinára com seu terno e
magnético olhar Augusto de Almeida, que,
como dissemos, a amava com toda a força
de seu coração apaixonado. Passado bem
pouco tempo, porém, esse amor ardente, essa
paixão immensa acabou, e D. Candida arre-
pendeu-se então de ser tão precipitada na
sua escolha.

Com effeito dois annos depois do casa-
mento o som lugubre dos sinos annunciava-
nos que mais um anjo acabava de deixar este
mundo de amarguras para se abrigar no seio
immenso do Martyr do Golgotha.

Esse anjo era Candida que tinha sido vi-
ctima dos maus tractos e infidelidades de
seu marido.

Quanto a este, nada o affligiu menos que
a morte de sua esposa, pois acontecendo no
mesmo tempo morrer-lhe uma irman que ti-
nha no Porto, ésta o deixou herdeiro d'um
terço da sua fortuna sob condição de se en-
carregar da tutella de sua sobrinha, então

criança de oito annos, hoje virgem de dez-
enove.

Como é importante que a leitora conheça
ésta menina, dar-lhe-ei um leve esboço d'ella.

Era bastante polida e em seu rosto estava
gravada a resignação do soffrimento. Longos
cabellos pretos, annellados, desciam sobre
seu collo de jaspe; suas sobranceiras eram
espessas e bem lançadas; seus olhos pretos e
vivos tinham um encanto admiravel, quando,
depois de se elevarem ao ceu, poeticamente
se fixavam sobre qualquer objecto; e, á flor de
seus labios rosados, brinca constantemente um
sorriso angelical.

Se a estes encantos acrescentardes uma
mão bem feita, e um pé pequenino, e se
com alvas roupas cobirdes as fórmas airo-
sas da donzella, teréis exactamente o retracto
de Carlota, da linda sobrinha de Augusto
de Almeida.

Agora, leitores, visto que conheceis suffi-
cientemente éstas duas familias, vamos con-
tinuar, se vos apraz, o nosso romance, tres
mezes depois do seu comêço.

(Continúa)

LUIZ DE SÁ COUTINHO.¹

PHANTASIA

I

Ao nauta chama o porto
No horror da tempestade:
So eu na flor da idade
Não acho algum conforto.

THEOPHILO DRAGA.

Sonhei-te em lindo barco

Tranquilla, descuidosa,

Cortando a sos comigo os aguas mansas

Do Mondego gentil. Nem mais formosa

Eu te víra jamais, se la nas dansas

Deixavas fluctuantes

A capricho da walsa as louras tranças!

E se eu gozára d'antes

Assomos de ventura ao ver-te linda

No doudo afan das salas,

Agora quando as galas

Da propria natureza

Unidas se casavam

¹ Motivos justos impediram-me de pôr o meu no-
me e o da pessoa a quem é offerecido este romance,
nos dois numeros passados.

Aos cambiantes mil d'essa belleza;
 Tu julga quanto eu dera
 Porque tal vida alli nos fôsse infinda!
 Suave primavera
 Nos convidava então d' affectos brandos
 Ao suspirado gozo;
 As aves mesmo davam
 Nas tremulas virgultas
 De amor tão doce exemplo
 Em requiebro subitis trinando occultas;
 E' nesse ethereo templo,
 No azul do ceu formoso,
 Que inda um raio do sol dourava apenas,
 Havia tal concôrto de saudades
 E vagas harmonias, que noss'alma
 De arroubos delirante
 Não sei que tempo immenso
 Vivêra' nesse instantel!

II

Quando eu comigo penso
 Que poderás baixar do altivo solio
 Que te concede a sorte
 Não te dando rival na formosura,
 E converter-me os sonhos
 Em estos de paixão, que mal presinto
 Na louca phantasia!
 Porque não virás tu, visão das noites
 Que meu somno perturbas,
 Trazer-me ao coração conforto grato
 Na esp'rança d'um sorriso?!
 Ai! quando a solidão meus passos cerca,
 É sosinho divago.
 Pelos sitios que outr'ora percorrias
 Folgando em tarde amena,
 Imagens do passado então me avultam
 Na mente incendiada!
 Eu, que te vi pousando o braço niveo
 No colo todo graças
 Da joven companheira dos folguedos,
 Olhando a medo e a furto
 Que não ouvisse algum tens devaneios
 Que lhe contava, tindo;
 E que te vi no modo ingenuo e brando,
 O elo que me prende,
 E ainda me enamora dos encantos
 Que revelavas cedo:
 Saber-te agora longe d'estas plagas,
 Que, ouvindo meus gemidos,
 Por ti clamando estão, como sentidas
 Da ingratição que mostras!
 Mas de que serve o som de taes lamentos

Se a ausencia nos separa?...
 Os suspiros que solto, ao vento os solto,
 Ninguém meus ais escuta!
 Meu alento se perde em vão queixumes
 Que o echo te não leva;
 E tudo em torno a mim é mudo e triste,
 Porque meu sentimento
 Em tudo infunde pallida tristeza;
 Nem acho sôbre a terra
 Quem serene este anhelô, e em paz tranquilla
 A vida me transmude!
 Junho de 1863. LUIZ CARLOS.

ERCILIA E AUGUSTA

La joie est vite absente.

VICTOR HUGO.

CAPÍTULO III

Era á noite.
 Ercilia e Camillo, sentados juncto da janella, fallavam do seu amor.
 Depois reinou o silencio, e elles fitaram a lua no horisonte e as myriades de estrellas que enchiam o ceu; e então lhes entrou na alma aquella vaga melancholia, que so cabe a corações amantes, e que depois, muitas vezes, se converte em lagrimas. Têm as noites de estio, na aldeia, um attractivo inexplicavel, um elo que nos prende a alma, uma harmonia que nos seduz o coração e um perfume que nos embriaga.
 Foi assim que Ercilia e Camillo, como corações elevados na poesia da natureza, nessa hora se comprehenderam.
 Ercilia phantasiava quimeras a seu sabor; e Camillo em nada pensava; não sei por que regiões vagueava o seu espirito, mas é certo que para muito alto voára.
 Uma convulsão de choro estremeceu o joven, e acordou Ercilia do seu louco sonhar.
 — Que tens, amigo?
 Camillo não respondeu.
 — Dize, dize, o que te punge! Acaso não sou eu a mulher que mais te ama, e que tu mais estremecees?
 Os soluços embargaram a voz de Camillo.
 — Ai, ja me não amas! Bem o vejo! arrependes-te do que me tens jurado! E eu, infeliz, que ei de fazer?! Eu que te amo...
 Ercilia tomou a cabeça de Camillo, e col-

locou-a no seu regaço; depois algumas lagrimas, poucas, cahiram sobre a fronte d'elle.

Parece que lh'a queimaram; porque o joven ergueu-se pallido! depois estreitou as mãos da virgem com força, e disse com voz estridente e um riso convulsivo a encrespante os labios:

— Não sabes? estou para casar com outra mulher!...

Ercilia fez-se pallida e tornou-se triste. Depois, quasi inanimada e toda convulsa, tomou a mão de Camillo, beijou-a, e murmurou:

— Adeus, amigo; chora, e toma coragem; eu te salvarei!

Um abraço os ligou, e logo se apartaram.

CONCLUSÃO

Ceci est de l'amour, l'amour
vrai, l'amour des anges, l'amour
fier qui vit de sa douleur et qui
en meurt.

BALZAC.

No dia seguinte, Camillo e Ercilia reuniram-se á mesma hora no mesmo local.

Trocaram em silencio um abraço e sentaram-se.

Num dia, o rosto da donzella fizera grandes mudanças; de risonho tornou-se triste e melancolico; os olhos tinham em parte perdido o seu brilho vivissimo; as faces estavam decoloradas e macilentas e o todo mostrava um grande alquebramento, se bem que tambem uma força de vontade para se admirar ainda numa mulher.

— Camillo, disse ella, ámanhan, ao anoitecer, has de partir para a tua terra; e d'aqui a oito dias har de ter ja sanctificado pela egreja o teu amor por essa outra mulher. Antes d'isso não te quero ver; depois, passado um mez, traras a tua esposa para aqui; desejo-a para amiga, porque vejo que ha de ser uma nobre alma, que tu so mereces que te amem espiritos elevados. Nunca mais me fallarás do passado!

— Então assim repelles o meu amor? Foi o que prometteste? interrogou Camillo com ancia.

— Vae, parte ja, sou eu que te mando. Depois verás quanto es feliz. Eu... ja te não amo!...

Um momento á foice da morte esteve para ceifar Ercilia; aquelle sacrificio era superior ás forças d'uma mulher; e então que n'essa hora amava mais do que nunca. Mas a sua vontade de ferro superou tudo.

Camillo ajoelhou, e murmurou:

— Faça-se a tua vontade; mas, primeiro, perdoa-me e abençoa-me...

Então a virgem não poude reter ás lagrimas e abraçou Camillo com força.

Depois, como envergonhada d'aquelle momento de fraqueza, exclamou:

— Vae-te, não te amo, nem te quero aqui.

Ide hoje la á aldeia; vereis como Ercilia e Augusta se estimam; são o exemplo de verdadeiras amigas.

Camillo é feliz; e estima Ercilia como irman.

Augusta soube tudo, e cada dia mais estremece quem lhe deu a felicidade.

Ercilia, dil-o-emos? talvez que ainda ame Camillo!...

Coimbra, 1863.

ALFREDO ELYSIO.

A VOZ DO SUICIDA

Imitação-parodia

DA EX.^{ma} SR.^a

D. H. ELYSA

Tive esp'ranças, tive anhelos
Sonhos dourados, tão bellos
Que mais não!

Tive aspirações de gloria;
Julguei sorrir-me a victoria...
Tudo em vão!

Fadado para o martyrio
Levou-me ao delirio
Meu soffrer.

Destruida a minha crença
Tive por negra sentença
So descreer!

Ja não tenho meigo pranto
Que me seja orvalho saneto

Nesta dor.

Mas do peito mal fadado
Da descrença solto um brado
Não d'amor!
Amor... palavra maldicta
Que me deu esta desdita,
Meu penar;
Sonho vão que me acalenta
E que depois me atormenta
Recordar.
Se em momento de ventura
Pude erer 'nessa loucura
Que tal é,
Infesou-me o desengano
Com seu halito profano
Minha fe!
Hoje p'ra minha vingança
So me reluz uma esp'rança
'Num punhal!
Da minha vida no termo
Ficará meu peito ermo
D'este mal.
Extincto o sopro da vida
Alem da campa abatida
Que haverá?!
Ou alli finda a desdita
Ou então p'ra alma afflicta
Deus não ha!

19 de junho de 1863.

D. DE VASCONCELLOS.

DERRADEIRAS LAGRIMAS

A L.

E depois dentro em minh'alma
Extinguira-se uma luz;
Luz de fe que a dor acalma
Se se abraça com Jesus.

D. BENRIQUETA ELYSA.

I

Restava-me inda uma esp'rança
Como luz de redempção!
Firmava 'nella venturas
Da mais doce aspiração!
Era-me tudo suave
Como sopro da manhan.

Era sonho deleitoso
Qual não sonha a turba van.

Deus e amor eram-me ideias
Que não podia affastar.
Deus era a fe que luzia,
O amor a luz a raiar.

Hoje era o botão no prado,
Depois a bonina em flor;
E eu a colhel-a risonho,
Aspirando o seu ardor.

Um dia mirei as flores
Que o orvalho horrifou;
D'então jamais um sorriso
À flor dos labios raiou.

Que se as flores têm o orvalho
Que as alenta e dá vigor,
Nós temos o pranto amigo
Que nos purifica a dor.

E d'ahi veio a tristeza
Minhas faces assombrar.
Foi-me então suave esp'rança
Belsamo 'neste lutar.

Era-me tudo suave
Como sopro da manhan.
Era sonho deleitoso
Qual não sonha a turba van.

II

Inundava-me a esp'rança de seus raios;
Renascia de novo a creença em mim.
À fe erguera altar, subido em preço,
Que, na illusão, julgava não ter fim.

Tudo é vão! o desejo nunca pára!
Mas destino fatal partiu o meu!
Chorei, chorei d'amor lagrimas tristes,
E fugiu minh'esp'rança para o ceu!

Nada me resta que chorar agora!
Pois nada para mim tem ja valor.
Minhas últimas lagrimas correram,
Lagrimas tristes d'um funesto amor.

Coimbra, 1863.

ALFREDO ELYSIO.

BIBLIOGRAPHIA

Seria loucura nossa fazermos uma análise ao romance do sr. Augusto Sarmiento — *Providencia* —; está superior á nossa critica: razão por que apenas diremos a nossa opinião, franca como sempre que temos que fallar d'uma obra de merito: e ésta 'nesse caso a considerámos.

Temos que dizer muito bem, e pouco mal, e ainda assim não sabemos se sôbre ésta última parte estarão de accôrdo com a nossa opinião.

Em geral a construcção do romance e a linguagem mostram que o sr. Augusto Sarmiento, se não parar na carreira que encheu, pôde vir a ser um bom romancista; e dizemol-o, sem lisonja. Se a conclusão da obra não condiz bem com o resto pela sua muita precipitação, e se a linguagem ainda se resente por vezes da pouca attenção, não deve isto obstar a que admiremos as bellas phrases e pensamentos que abundam na *Providencia*, e que estudemos o romance pelo interesse que nos move; ainda que, nos parece, reina allí mais a cabeça do que o coração, porque até achámos alguma frieza.

É certo, porém, que a *Providencia* é superior a quanto se tem este anno publicado em Coimbra; tanto pela amenidade da phrase como pelas mimosas ideias que apresenta, e por tudo o que tem de bello que é immenso. Citaremos até uma parte do que gostámos immenso, com sermos filho de Coimbra. É fallando sôbre o seu atrazo na civilização, que o sr. Sarmiento diz:

«Uma vez, porém, a capital politica lembrou-se de communicar com a monetaria á maneira de boas vizinhas, que estalam por bisbilhotarem as novidades do dia, e, como Coimbra obstruia o meio do caminho, bateu-lhe á porta a mala-posta, o telegrapho electrico, e ja se fallava 'num ferreo-carril como despertador mais efficaç. Acho que nem o somno do justo resistiria a tamanho alvoroço! Coimbra acordou em sobresalto, deitou a cabeça á janella, e, comourgia obedecer, la foi resmungando abrir a porta aos emissarios progressistas. Mas todos que a viam no tardio desalinho desatavam a rir da velha preguiçosa.

Tantas chufas e remoques enojaram-lhe a

vaidade, e tractou de se mostrar guapa e feiteira. Que faz ella? Ainda estremunhada com o somno, agarra de um pincel e vae-se a acafelar a cantaria de seus venerandos monumentos—passe, é um barbarismo de mais! Com o pretexto de endireitar uma rua contrae um emprestimo, e deixa-a quasi tão torta como estava, com a differença de mais larga—passe ainda, é uma falsidade de mais! Depois começa a construir casas que parecem esguichos, casas que parecem pombaes, casas que parecem ferros de engomar, e quantos disparates architectonicos lhe vêm á imaginação—passe, mas custa, é ja muito mau gosto! Finalmente para quotidiana edificação dos transeuntes, dá-nos um simulacro dos autos de fe, chamuscando ao ar livre das ruas as victimas de sua voracidade; atulha os largos de eternas pedranceiras e calças, os beccos de immundicies etc. basta, que isto até dá nauseas.»

Que direi mais da *Providencia*? Que é um livro que eu estimo e que eu leio com prazer; a sua leitura é-me sempre agradável e preso-o como digno de que os nossos assignantes o comprem e o leiam como eu li sem descanso.

Expediente

O editor d'este periodico, tendo que retirar-se de Portugal, agradece por este meio toda a protecção que lhe tenham concedido, e pede aos ill.^{mos} e ex.^{mos} srs. assignantes que se dignem continuar a proteger os *Hymnos*, pois que d'outro modo não poderão sustentar-se. Finalmente roga aos que ainda não pagaram o obsequio de satisfazerem o seu debito.

Tinhamos promettido aos srs. assignantes um volume *gratis* no fim do anno; rém, retirando-me, não podêmos cumprir nossa promessa, mas em paga dar-se-ha meia folha em cada número, o que pensa largamente. Toda a correspon d'ora em diante deve ser dirigida ao editor dos *Hymnos e Flores*.



O ORVALHO E A ROSA

À MINHA AMIGA

G. C. DE BARBEDO

Sobre a campa solitaria
D'aurora o pranto cabia;
E a rosa pendida e murcha
Ao fresco orvalho dizia:

«Vens chorar por quem do mundo
Ja ninguem virá carpir,
Ou ves-me aqui morta á sêde,
E do ceu me vens sorrir?»

«Eu venho, responde a aurora,
Mandada pelo Senhor,
Trazer lagrimas ao tumulto,
A ti sorrisos de amor.»

Lodeiro, 9 de abril de 1863.

HENRIQUETA ELYSA.

ANHELOS

À MINHA AMIGA

M. J. C. de Vasconcellos

Se eu fôsse a folha perdida
Hida
Nas azas do furacão,
Procurara pelo espaço
Traço
De sublime inspiração.

Se eu fôsse a agua que corre,
Morre
Ao longe no fim do val,
Beijaria immensas flores,
Côres
Que matisam o canal.

Se eu fôsse a ave que encanta,
Canta

Em alegre gorgear,
Fendendo ligeira os ares,
Mares

Eu iria atravessar

E se fôsse mariposa,
Rosa

Fôra meu berço d'amor:
Respirando num ambiente
Quente

Bebera o nectar da flor.

Se eu fôra um raio da lua
Tua

Mimosa fronte a cingir,
Um por um teus pensamentos,
Centos

Bem podêra traduzir.

E se eu fôsse madresilva
Silva

Fôra tambem minh'irman;

Unidas em puro abraço,

Lago,
Orvalhadas da manhan.

Se eu fôsse nota sonora

Ora
Sentida q'ria vibrar,
Ora alegre, em tom festivo,

Vivo,
Percorrêra todo o ar!

Minha louca phantasia

Hia
Mais desejos conceber;
Mas vejo que são risonhos
Sonhos

Que vedados devem ser

Fique-me embora o desejo!

Vejo
Que desejos nada são;
Pois que sempre a realidade
Ha de

Desmentir doce illusão.

Lodeiro, 30 de outubro de 1862.

HENRIQUETA ELYSA.

ADEUS E SAUDADE

Fragmento d'uma página íntima

Adieu, mot que une larme humecte
Mot qui finit la joie et tranche l'amour.

LAMARTINE. *Méditations.*

Cruel espinho é a saudade; como ella doe! O adeus é a última nota vibrada na lyra d'uma alma, cujas cordas a separação vae partir! É um como despedaçar doloroso de fibras no coração pela pressão candente de uns dedos que o esmagam! As lagrimas, se então as ha, descem como brasas até o meio das faces, e ahí se somem nos sulcos aridos e profundos que abriram, gôttas a gôttas, calcinando o rosto!

Ha um adeus cheio d'esperança que entrevê um futuro de ditas e felicidades; é este o adeus dos corações ainda jovens na crença, apenas adeptos na seita do sentimentalismo: para estes, sim, o adeus é um sorriso, ou uma lagrima, que tanto lhe doe uma como outra cousa, a separação, uma nuvem que ligeira passa entrepondo-se entre dois astros que para logo se tornarão a amar, quando ao sópro da primeira brisa, o firmamento ficar limpo e puro.

Mas um adeus não é isto so: é o acordar doloroso d'uma doce illusão no seio d'uma realidade nua e fria; é uma palavra escripta 'nalma em caracteres de fogo antes de balbuciada, e que a saudade vae sempre colorindo e profundando mais! É o elo partido 'numa cadeia necessaria á vida, cujos pedaços, separados, se dispersam, e ás vezes, quem sabe? para nunca mais se unirem! o destino tem rigores tão grandes, a Providencia designios tão occultos, caprichos tão irrevogaveis!... Quem me diz que este adeus não é o último? que entre hoje e amanhã não está a eternidade?... Oh! e a saudade doe tanto no ermo onde a esperança não vejeja!

Que podem as lagrimas contra este fatal marasmo que sobe do peito apoz o desalento da saudade? nada; mas com ellas retrai-se o coração em vez de se expandir, e la lhe fica um vacuo que a dor invade, de mais em mais intensa, sem consolação, que a consolação é o choro; mas o choro não é as la-

grimas que, como o granizo das tempestades, destroem em vez de purificarem!

Adeus! e os labios crispam-se, a respiração retrae-se, e o coração anceia! Oh! não ha palavra mais dura no vocabulario dos homens!...

Adeus! e atraz de nós la ficam os entes que mais amámos: aqui a saudade se prende 'numa flor sôbre a qual outr'ora nos inclinámos felizes, e descuidados, analysando a gôttas de orvalho deposta no calix, lagrima que a noite lhe deixára no seu despedir! e uma lagrima tambem, mas ardente e arida, cae de nossos olhos sôbre essa flor, absorvendo-lhe o perfume com a aridez da saudade!...

Mais alem olhâmos com um sentido adeus para o arbusto confidente de nossas lagrimas passadas, e que outr'ora sentia o contacto de nossas mãos que o cultivavam acariciando-o!

Agora, é a árvore que, como sombra phantastica, parece fugir-nos, quando somos nós que nos afastâmos.

'Naquella côma verdejante que la se some ao longe fica-nos o olhar, e com elle a nossa alma! Foi ella a testemunha silenciosa de muitos dos nossos innocentes prazeres, e com sua rama nos dava um formoso doce, á sombra do qual nos abrigavamos!

Como isto tudo rescende poesia e saudade, e como parece triste, por entre o veu de lagrimas que se estende em nossos olhos!...

La nos fica uma parte da alma em cada objecto que deixâmos: e quando aprouverá á Deus fazer que a retomemos?

Quem sabe! talvez que nunca!

Nunca não é uma palavra, é um extertor dos labios, é a agonia do coração que se sente moribundo, quasi cadaver!

Que ancia deve ser a do proscripto que pisa pela última vez o solo da sua patria! e que dor lhe não irá 'nalma, onde a palavra — adeus — se confunde com o — nunca mais! — fatal e irrevogavel!

E a saudade é este nada que nos circumda por toda a parte onde vamos, sem que o coração nos acompanhe; a saudade é esse olhar triste e abatido que lançamos para o abysmo do nosso passado onde jamais nos sera dado o voltar! é essa voz mysteriosa e fatidica que nos segreda ao ouvido da alma um lugubre

vaticínio, ou um — quem sabe? — duvidoso e incerto! A saudade é o olhar da pessoa que nos encara indiferente; é o sol que desmaia triste nos horizontes que não são da nossa terra; é a avesinha que trina no ramo da árvore que não conhecemos; é a língua que labios indifferentes fallam, e que nos parece barbara porque não é a nossa; é o espinho que nos fere na haste da flor que vamos colher; é a cantiga do zagal que nos vem de longe nas azas da brisa, e cujas modulações não têm o sabor rude dos nossos cantos populares.

A saudade é tudo em fim! é tudo o que não é nosso, da nossa patria, ou que de la nos não vem: é a dor incisiva que nos acompanha a toda a parte, sempre fixa no coração, lembrando-nos cada vez mais vivas as imagens e as scenas do passado!...

Lodeiro, 25 de junho de 1863.

HENRIQUETA ELYSA.

ERMELINDA

II

Quando apoz mezes seis peguei na penna
Para ao incetado poema dar avanço
(Cousa que ja de todo era esquecida)
Incerto fiquei eu, se intalaria
Um episodio, ou cousa que se lesse,
Antes de pôr começo á propria historia.
Mas velliscou-me Apollo a orelha esquerda.
E «Vamos — disse — nada de massadas!
Entrar em pleno assumpto, ou vou-me-lembra!»
Em consequencia d'isto.

§ 1.º

«Ai! meus senhores?
Cuidei que éreis ja idos... é tão tarde!
Mas primeiro que a ama admirecesse
Foi um martyrio... Então, senhor Ambrosio,
Como vae a Maria das Tamancas?
Ai! aquella cabeça... mas...»
«Diz, Lydia,
Que noticias me trazes da tua ama?»
«A senhora? custou! mas tive a ideia
De me pôr a rezar... foi um momento;
Ja resonava mais que o Francisquinho.
«Não é essa, doudinha; dá-me novas

Da menina Ermelinda. Escreveu hoje?»
«Ah! sim, escreveu. Não tarda quinze dias.
Desembarca em Lisboa. Vem com o primo,
E traz o irmão, que estava em Pernambuco.
Não sei mais nada.»

«Bem. Ouviste, Ambrosio?»

Corre depressa á villa, e agora mesmo
Aluga dois cavallos, e enche a mala.
Que apenas amanhan luza o buraco,
Hemos de estar caminho de Lisboa.»

«Com a bréca!... Mas que diabo...»

«Não te zangues.

Temos de ir a Lisboa: vaes comigo.
É um passeio, vamos mudar d'ares.
E depois...»

«Vamos la, perdeste o sizo.

Mas que lhe hei de fazer, se neste munde
Não tenho mais ninguém com quem converse?
So tu es meu amigo; irei contigo;
Hei de por toda a parte acompanhar-te.»

Eil-o que parte o meu tão nobre amigo.

Lydia sentada na macia relva,
Que a entrada do palheiro alcatifava,
(Lydia então so contava os seus vinte annos)
Contemplava comigo em doce enlevo
A bella natureza. E pouca a pouca
Vencida dos effluvios da alma brisa,
Que alli juncto de nós rumorejava,
Deixava-se cahir languidamente
Em meus braços que o corpo lhe cingiam
Com ávido fervor. Mas d'improviso
Sente-se bulha — «Lydia!... Lydia!» chama
La de dentro de casa Dona Julia.
E ella, a cor da purpura nas faces,
Toda accessa d'amor e de vergonha,
Solta-se-me dos braços, e correndo
Vae á ama dizer, que, pois o gato
Sentira nos quintaes miar ao longe,
Tinha sahido a ver, se o gato achava.

§ 2.º

Ca vamos nós no dorso bifurcados
Dos pacientes, placidos ginetes,
Em cujas grossas veias não refereve
O aguerrido ardor, nem com os relinchos
Ferem o ar, fitando a curta orelha,
E erguendo com intono o collo altivo
Aos duros sons da bélica trombeta;
Nem acoitam com a longa cauda as ancas,
Senão para inxotar a suja môsca.
Extendia-se alli um largo campo,

Onde caudaes regatos retalhavam
 As ferteis sementeiras; so ao longe
 Cercava alguma serra o extenso valle,
 Onde brancas vivendas alvejando
 Inceusavam o ceu com o grato fumo,
 E vário gado aqui e alli andava
 Pastando nas campinas livremente.
 Era um perder-se a vista olhar as veigas,
 Que iam topar com os ceus no horizonte
 Em termo remotissimo. Entretanto
 Ambrosio Pinto extatico mirava,
 Na posição mais terna que podia,
 O assombroso quadro. Olhos em alvo
 Em fundo meditar parecia absorto.
 Tal, por exemplo, um dia contemplando
 As famosas ruínas de Palmyra,
 Triste moimento da vaidade humana,
 Considerava Volney as origens,
 E termo das nações, e succulentas,
 Profundas reflexões d'alli tirava
 Para assentar mais firmes alicerces
 Às sociedades d'homens, ás republicas.

Tal tambem nas lagóas de Minturnes
 So, banhando com o pranto o chão do exilio,
 O arrogante Mario recordava
 Suas passadas glorias; e alli via
 Quão precarios os bens são d'este mundo.

Pensava assim talvez Ambrosio,
 Porque depois d'um pouco estar calado
 Volta-se e diz-me em tom de muita mágua:
 — Ail muita dor, amigo, a vida encerra!
 Fundo é o calix penoso de amargura,
 Que temos de beber a longos tragos
 'Neste valle de prantos acerbissimos!
 Desde o animal mais vil, mais vil insecto,
 Até ao mais perfeito, até ao homem,
 Tudo na angústia vive, e tudo soffre.
 Olha aquelle jumento, que pascendo
 A tenra hervinha agora ás soltas anda.
 Se com pesada carga o opprimimos,
 Triste vae arrastando os lentos passos,
 Que com o frequente açoite appressa o dono.
 E debaixo do peso, que o tortura,
 Vae derramando lagrimas de sangue,
 Mas não ergue uma queixa contra o fado,
 Nem mesmo accusa o homem. Mudo sempre,
 Quando a parca razão depois lhe levam,
 Beija a mão, que o açoitou, e esquece tudo!»

la continuando — «Bravo, Pinto!
 (Atalhei eu) ja basta de lamentos
 Teu coração sensível expandiu-se
 Em tristissimas vozes, que me pungem
 Tens razão em chorar a pobre azémula.

O soffrer é de todos. Tu não menos
 Soffres com me aturar, seguir meus passos,
 Meus caprichos cumprir, tomar meu fardo.»
 E alli lhe fui dizendo entre mais cousas
 Como ja Victor Hugo havia em verso
 Cantado um burro, um sapo, e outros bichos,
 Que parecem nojentos, mas são fontes
 Da poesia mais intima, mais doce,
 E mais dos seios d'alma. E depois disse:
 — Eu gósto assim d'ouvir-te. Eis a vantagem,
 Que de ver terras novas pôde haver-se.
 A gente, em casa, falta-lhe a materia
 Em muito breve tempo; e as facultades
 Parece que com o ócio desfallecem
 E ficam 'num lethargo adormecidas.
 Ves? Homero vagou por longes terras,
 Lustrou climas extranhos, várias gentes,
 P'ra se inspirar com ares sempre novos.
 E ca o nosso Juliú tambem segue
 O costume d'Homero, e vae ancioso
 Buscar a Nazareth choruda massa,
 D'onde bons folhetins nos vae talhando
 Com apurado gósto. E o mesmo Ernesto
 Ávido corre o cyclo, em que se meche,
 E em variada botica, a preços commodos,
 Sempre nos põe espirito... do fino.»

(Continúa)

A. L. SANCTOS VALENTE.

PARA QUE SERVE UMA MULHER

(Concluido do n.º 13)

Christovão Pimenta ficou com cara de tolo,
 o que não era 'nelle novidade nenhuma. Os
 meus leitores ja conhecem este figurão de
 Coimbra, de quem ja fallei uma vez 'noutro
 jornal, e que ainda me virá á tela para fi-
 gurar como heroe 'numa historia curiosa.
 Agora so diremos d'elle que voltou para casa
 com as mãos tão vasiaas como tinha vindo, e
 so mais cheio de envenenada bilis. E deixem-
 o-l-o.

O sr. barão cavalgava entretanto o seu he-
 reditario rocicante, posto com toda a elegancia
 marialva sôbre o selim emprestado do
 sr. seu parente o visconde de não sei quê.

la o homem pensativo, como bem revela-
 vam duas rugas perpendiculares que se ele-
 vavam na testa, a começarem parallelas do
 pagamento do nariz para cima. Tractava de

resolver um problema importante da sua vida, arranjar dinheiro que lhe desempenhasse o morgado e livrasse dos credores, e, se bem que era infallível o meio que tinha concebido, não estava de modo nenhum socegado em quanto não o visse posto em prática, dando-lhe os preciosos fructos de que tanto precisava.

Poucos mezes antes d'este dia em que se acha a historia de sua excellencia, tinha chegado do Brasil um pae de tres filhas, que por esse facto adquiriram de pe para a mão as excellentes qualidades de formosura e prendas, que tornam amaveis quaesquer filhas cada uma d'ellas dava de presente a um marido a bagatella de sessenta contos de réis.

É rasoavel: e o barão teve a luminosa ideia de nobilitar com o seu nome de vinte gerações aquella familia chan e plebeia. Era uma obra de caridade que lhe não dava a elle prejuizo nenhum, porque a mulher fica sendo o que o marido é, e elle ficava mais do que estava sendo, porque ficava desempenhado e rico.

Concebida a ideia seguiu-se de perto a tentativa de realisal-a. O barão apresentou-se ao pae, e disse-lhe á queima roupa que hia pedir uma de suas filhas em casamento. O pae deu um salto de contente, como faria qualquer pae em caso identico, e perguntou logo qual era a feliz escolhida por sua excellencia.

Conhecia-as perfeitamente o barão, que as tinha visto centenas de vezes passarem-lhe debaixo da janella, quando iam ao Castello mercar hortaliça para o jantar, e respondeu logo:

—Todas são muito boas meninas, porque todas são suas filhas, mas, visto que me dá a faculdade de escolher, tomarei para mim a que o coração me pede, que me parece chamar-se Florinda.

Cuidava o fidalgo que dizer o nome era receber a esposa, assim como receber a esposa seria logo receber o dote. Contra, porém a sua expectativa, o pae enguliu em secco e era visivel que estava em reaes embaraços apenas ouviu tal nome. O barão foi-lhe ao encontro:

—Não pôde ser?—perguntou elle.

—Eu lhe digo a v. ex.^a sr. barão; elle pôde ser, mas é que... eu esquecia-me de

dizer a v. ex.^a que a minha filha Florinda ja está pedida, e so se o sr. doutor...

O homem terminou a phrase por um sorriso alvar, esfregando as mãos pelos joelhos.

O barão sentiu-se picado pelo demonio do capricho, ao qual outrem chamaria ciume, mas eu não, porque não sei o que é ciume, e não gósto de servir-me de palavra a que não ligue ideia. Certo é que assentou de si para si que havia de casar com a menina Florinda, a despeito e apesar de quantos obstaculos se lhe pozessem adiante. O pae contou-lhe então que dois dias antes tinha ido a sua casa um sr. doutor formado, pessoa muito bem educada e bem parecida, não desfazendo na pessoa do sr. barão, o qual lhe tinha pedido tambem em casamento a sua filha Florinda, a qual, vindo á presença do sr. doutor, dissera toda vermelha que gostava de casar com o sr. doutor.

Em vista do que, o barão levantou-se, dizendo simplesmente ao pae:

—Pois bem: eu voltarei qualquer dia a fallar comsigo.

—Sempre ás ordens de v. ex.^a:—respondeu o pae.

E o barão sahio.

Em nossa casa é que se elaboram os melhores pensamentos, é que se formam os planos mais seguros, é que melhor vemos o que nos convem. A verdade é esta, e a prova está em que o barão achou em casa a chave do enigma, ou antes, o meio provavel de conseguir o seu fim. Tinha atinado com elle precisamente na manhan em que o fomos encontrar ao levantar da cama, e agora dirigia-se nada menos do que á morada do bacharel seu rival. Levava na mente mil projectos todos convergentes ao ponto central de seus desejos que era arranjar aquella mulher, e segundo elles lhe pareciam mais ou menos capazes de lhe lograrem o seu intento, assim as rugas da testa se lhe pronunciavam mais ou menos.

O bacharel morava em Mont'Arroio, e quando estava acabando de barbear-se, sentiu parar uma cavalgadura á sua porta. Suspeitou visita, mas longe estava de pensar que fósse o sr. barão.

Vestiu á pressa um sobretudo e veio fazer as honras da casa a s. ex.^a que a este tempo estava ja numa saleta que lhe tinham indicado.

— É grande a honra que me dá a visita de v. ex.^a, sr. barão:—disse o bacharel, cumprimentando.

— Quando os amigos se escondem é mister procural-os:— respondeu o barão com modo affavel.

— V. ex.^a confunde-me...

— Então como vae o doutor?— perguntou, interrompendo, o senhor do Chão do Bispo.

— Sempre bom, sempre prompto ao serviço de v. ex.^a

— E de fortuna?

— Obrigado, sr. barão, não tenho sido infeliz.

— Sim, sim; a mim ja me têm constado os seus triumphos no tribunal. Sei que entrou galhardamente na carreira, por onde o seu talento o ha de levar muito longe.

Acabaram os cumprimentos, e foi preciso entrar em materia. O caso era, porém, um pouco embarçoso para o barão, que não tinha ainda bem amadurecido o seu plano. O que queria dizer, sabia elle: o modo como o havia de dizer, é que lhe estava dando que scismar.

O silencio prolongado ja se ia tornando incómodo, e o dono da casa cumpriu o seu dever.

— Ja ha muitos dias que não tinha tido a honra de ver v. ex.^a:— disse elle, para abrir conversação.

— Não admira:— respondeu o barão visivelmente abstracto— estive ultimamente na minha quinta.

E recahiram na mesma calada, por alguns instantes.

Não sei quem disse que não ha lorpá nenhum que não procure tirar-se de qualquer modo d'uma posição falsa. Ora se isso acontece aos lorpas, muito mais a quem o não é, e ja dissemos que o barão era homem fino. Sentiu intimamente que o que tem de ser tem muita força, e que a demora apenas o embarçava mais. Fez gesto decidido, e disse de repente:

— Doutor, venho consultal-o sobre um objecto importante: vou casar-me.

O bacharel curvou a cabeça, como quem diz— «estou attento».

— Tenho, porém, um obstaculo, continuou o barão, que so o doutor pôde resolver: serve-me?

— V. ex.^a dirá em que.

— É simples: a mulher que me faz conta é a mesma que o doutor pediu ao pae.

O bacharel arregalou os olhos e respondeu simplesmente como quem estava engasgado:

— Ora essa!...

E o barão proseguiu:

— Venho propor ao doutor que desista d'ella: que me diz?

— Que não esperava de v. ex.^a uma zombaria ou um insulto, sr. barão:— respondeu o letrado em tom cavo.

O barão riu-se; e o bacharel levantou-se.

— Sr. barão, exclamou, peço a v. ex.^a o obsequio de dizer-me se foi para isto que me procurou.

— Não, senhor; procurei-o para cousa mais séria. Peço-lhe que socegue e me atenda.

Aqui seguiu-se um estirado discurso do barão, onde elle disse todas as cousas e muitas mais, que nós por brevidade omittimos.

E o bacharel ouvindo.

A final de contas os dois entenderam-se ás mil maravilhas, e o barão sabiu, levando escripta uma declaração do bacharel para o pae da menina Florinda, onde em termos muito claros lhe dizia que lhe restituia a sua palavra para podêr dar sua filha a quem melhor quizesse.

D'ahi a oito dias casou o barão, e o bacharel fazia-lhe uma visita certa em cada mez.

Correu o tempo e o bacharel matriculou-se no sexto anno, doutorou-se, e foi lente da Universidade.

Quem era sabedor dos poucos recursos do bacharel, estranhou todos estes factos, e para que os não estranhem os meus leitores, eu lhes digo o que houve.

Os dois ajustaram entre si que o barão casasse, dando em troca ao bacharel a quantia de quatro contos de réis, tirados do dote da mulher, a qual quantia o bacharel iria recebendo em prestações, e o capital ia entretanto vencendo juros que receberia por mez.

É visível uma cousa: a senhora baroneza foi, por consequencia, vendida por quatro contos de réis, comprada com o seu proprio dinheiro, e ficou a pagar juros do proprio preço porque foi vendida e comprada. É bonito.

O barão desempenhou-se, e o bacharel doutorou-se: aqui têm «para que serve uma mulher».

J. SIMÕES FERREIRA.

VARIUM ET MUTABILE...

(A um amigo)

Tu soffres, amigo, e muito;
Rala-te o peito a afflicção.
Da tua vida no circuito
So encontras solidão!...
Tu amaste... mas que importa?
A crença, tiveste-a morta;
Foi-te a esp'rança uma illusão.

Mentem sonhos que sonhamos
Dos nossos dias na flor;
Por martyrios so trocamos
Formosas crenças d'amor.
A ventura é duro engano;
So real o desengano
Que nos abysma na dor,

Nos labios o paraíso
Deixa a mulher entrever,
Se provoca 'num sorriso
O gosto d'almo prazer;
Co'um volver dos olhos ternos
Ella gera mil infernos
D'um intenso padecer!

Se dos labios fementida
Solta palavras de mel,
Que te fazem crer a vida
Como formoso painel;
Ao depois a mesma bocca,
Que so promessas invoca
Se distilla em acre fel.

Eu tive um tempo na vida
Em que gostava das flores;
Não era pelos perfumes,
Pelos matizes das cores,
Mas porque mudas fallavam,
E nas fallas revelavam
Ternos segredos d'amores,
Então o facho da esp'rança
Era o meu guia e condão;

A crença brotava ardente
Do fundo do coração.
Acreditava em sorrisos
Que todos fingidos são;
Pois da mulher as meiguices
Encobrem todas traição...

Hoje não gosto de flores;
Vejo-as formosas, louçans,
Mas das flores d'outro tempo
Ja não são flores irmans;
Recendem gratos aromas,
Desdobram folhas mimosas,
Mas não fallam como d'antes
Lindas fallas mentirosas.
A luz da esp'rança apagou-se,
Desfez-se a crença tambem,
Da mulher os ledos risos
Ja o prestigio não têm
D'outros tempos mais ditosos,
Morreram da vida os gosos,
Trocou-se a crença em desdem.

A. A. F. P.

AMOR COM AMOR SE PAGA

III

Começava de alvorecer: em estylo mais poe-
tico

...a rouxa aurora,

Das aves despertando a voz canora,

...alegre no oriente vem raiando.

Não podia por mais tempo permanecer em Luso: aquelles ares, ainda na vespóra tão puros, haviam-se para mim tornado agora pestíferos; parecia-me que morreria abafado se por todo um dia mais me demorasse naquella terra. Preveni pois os meus companheiros que ia até o Bussaco, e dentro em pouco era partido de Luso.

O Bussaco... quem não ha visto o Bussaco? quem não tem ido visitar o convento, a cruz alta, a mata, que sei eu? Ninguem que eu supponha. Pois os que ja viram aquellas maravilhas hem prescindem da minha insulsa descripção; aos que ainda tal dita não gosaram, aconselho eu que leiam os *Passeios e*

Phantasias de J. C. Machado, que ahí algures descreve o Bussaco com mão de mestre.

Subi á cruz alta; o extenso horizonte que d'ahi se descortina, e bem assim o magnifico e esplendido panorama que aos olhos se desenrola, por um pouco me fizeram deslumbrar dos meus soffrimentos. Uma hora quasi alli me demorei, ja olhando para uma e outra parte, ja meditando. Como o nosso espirito se depura das suas miserias e fraquezas quando se têm ante os olhos obras da natureza como aquella! Como somos pequeninos ao pé das magnificencias da creação!...

Tres dias me demorei no Bussaco, e tive neste tempo occasião de ver e visitar tudo o que por alli havia, com o que o pensamento se distraia, e a imagem de D. Anna se me ia varrendo a pouco e pouco da memoria: mas tambem quantas vezes eu fugia para sitios ermos e ahí pensativo, triste e so me entregava a recordar os tão venturosos como rapidos momentos que juncto d'ella passei naquella noite! Foi então que eu verifiquei como era certo que um pensamento mais afferrado fica na mente, quanto mais d'ella se quer desterrar.

No fim de tres dias era voltado a Luso; perguntando pela familia Sarmento que eu não vira no banho, ahí me disseram ter ella partido dois dias antes, dando-se como motivo d'isto uma repentina doença que assaltára D. Anna, doença a que ella era atreita e que so com ares patrios se curava.

No dia seguinte parti para Coimbra.

Esperava eu aqui adquirir a minha passada tranquillidade de espirito, mas foi o contrario: a feira de S. Bartholomeu havia findado, e Coimbra então era um perfeito deserto. Tudo, grandes ou pequenos, desertára para a Figueira, Bussaco, Luso e Buarcos... que sei eu? Coimbra era então a cidade mais *liere* por certo do mundo inteiro: cada qual podia correr as ruas á sua vontade e na maior liberdade, que não corria risco de que reparassem em como ia: tão livremente como no seu quarto se podia cada qual ter nas ruas da cidade das letras! Ora isto para quem desejava distrair-se era o mesmo que querer com alcool apagar fogo. Fazia-me mal esta nunca interrompida monotonia.

Fugi de Coimbra ao cabo de cinco dias.

Uma manhan encontrei-me num barco que vogava rio abaixo em direitura á Figueira.

Se eu tivesse a *bossa* de poeta de certo não poderia resistir á magia, ao encanto d'aquelle alvorecer, sem que fizesse, pelo menos, uma duzia de decimas em que o celebrasse com versos altisonantes. Mas como não possuo essa bossa, apenas me contentei com admirar, ver e contemplar. Como então eram amenos os canticos matutinos das lindas aves que aqui e alli por entre os copados ramos dos alterosos choupos saltitavam tão contentes! Quanto mais superior tu es, ó campo, á cidade! Alli tudo é poesia, aqui tudo é materia! alli tudo respira liberdade, aqui so se ve pressão! Felizes os que vivem no campo!

E como é deleitosa uma viagem por um rio como o Mondego! Eu gósto immenso de passear embarcado; porque é então que o passado com os seus mais doces momentos de prazer e com os seus mais insignificantes nadas se me representa com suas cores mais vivas: a alma se deleita e eu como que remoço com essas gratas reminiscencias. A recordação do passado, d'esse passado tão bom que so falla d'amor, e de infindos gosos, é para mim uma saudosa recordação: no meio dos soffrimentos do presente eu como que folgo em me recordar dos prazeres passados!...

Pela volta do meio dia demos vista de Monte-mór-o-velho, e ao cair da tarde eramos entrados na bacia que o Mondego fórma em frente da Figueira.

Desembarquei.

Cáterva immensa de mulheres, raparigas, homens, rapazes e crianças assaltaram o barco apenas elle atracou o caes: todos á uma queriam levar as malas dos viajantes; e que algararra, Sancto Deus, que faziam! aqui se empurravam, alli se batiam, acola choravam, mais longe grunhiam! Diabolica gente!

Olhava eu com curiosidade para tudo o que se estava passando na larga escada do caes quando divisei não longe de mim, e sentada num degrau, uma pobre rapariga, ao que parecia muito triste: perguntei-lhe se me queria levar a mala: não me respondeu, mas ergueu-se e veio-a tomar. Se visseis o que se então passou!... pensei que sairia d'alli surdo!

Subi á escada e achei-me no caes: tomei á direita e entrei numa praça, que se me a memoria não falha, tem por nome — Nova: —

cortei-a diagonalmente e subi rua dos Ferreiros acima.

Quasi ao cimo da rua mora uma mulher minha conhecida e que me offerecêra a sua casa para no caso de ir algum dia á Figueira: entrei na casa da sr.^a Francisca: a boa da mulher parecia douda de contente por me ver: se me ella conheceu pequenito e muitas vezes me trouxe ao colo!...

Cavaqueámos muito porque ja á tempos que me não via, e porque era insaciavel a sua curiosidade.

Depois de tomar o classico e prosaico cha com as competentes fatias de pão com manteiga, dei-lhe as boas noites e fui-me metter em valle de lençoes.

Dentro em pouco dormia como pedra em poço.

(Continúa)

SEBASTIÃO VICTORINO.

AO AMIGO SANCTOS VALENTE

Helas! ainsi que vous j'invoquai l'esperance!
Mon esprit abusé but avec complaisance
Son philtre empoisonneur!

LAMARTINE.

Sonhae mil perfeições, sonhae primores,
E graças tão gentis, que a linda aurora
Possa nunca exceder, quando colora
Com sua doce luz as puras flores;

Junctae 'num quadro ameno tantas cores
Quantas o prado tem, quando se inflora;
Da rola crede ouvir, se amor implora,
O suave queixume em voz de amores:

Que ainda tal sonhando, accesa mente
Revelar-vos não póde a formosura
Da virgem que m'inflamma o seio ardente!

Se um volver de seus olhos dá ventura,
Ai! eu, que d'elles sou sincero crente,
Porque 'nelles não li jamais ternura?...

LUIZ CARLOS.

Nas descripções da desgraça ha ingenhos habilissimos. Em junctar a felicidade é grande a penuria de phrases; parece que as linguas são pobres do que é tão pouco e passageiro na humanidade.

G. CASTELLO-EBANCO.

O TROVADOR NA MORTE DE EMMA

... o amor de poeta é maior que o de nenhum homem; porque é immenso como o ideal, que elle comprehende, e terno como o seu nome, que nunca perece.

A. HERCULANO.

Alem, na morada das gerações extinctas, um joven, pallido e immovel, como a estátua da Niobe, jaz ajoelhado sóbre a campa de Emma; é o trovador!

E esse oasis florido e ridente, cujas doçuras gosou, a par da sua amada, murchou-se rapido, deixando-o 'num vasto e arido deserto, exposto á furia do igneo simoun, que lhe seccára o pranto!

O trovador tentára quebrar o silencio das campas, ao som da lagrimosa harpa do cantor de Ferrara, para a brisa lhe levar os seus suspiros a Emma nas regiões sidéreas; mas viu estalarem as cordas, pela demasiada tensão.

E, mergulhado em dor, encarava a fria lapide, coberta de saudades e lyrios, que se curvavam murchos, oscillando ao sópro da viração nocturna.

E o trovador, erguendo os olhos ao ceu, pediu aos astros lagrimas, para rociar as tristes flores, que se debruçavam sóbre a campa de Emma!

Pedi! porque as suas, chorára-as todas, ao desabar da sua amada nas fauces do sepulchro; e agora nem uma lhe restava, para com ella orvalhar as saudades!... Mas em vão!

Os gemidos do trovador não chegaram as saphyras, que ledas brincavam, em tórno á palida rainha dos astros, que altiva campeava 'num mar d'anil.

Debaixo dos joelhos do trovador, descansavam os ossos d'uma houri realisada, rival outr'ora das sonhadas virgens de Raphael Sanzio d'Urbino.

Emma morrêra, se os justos morrem, com o coração do trovador! Teve por psalmos o funebre piar dos mochos, sóbre os cyprestes seculares; por mortalha e enfeites, o manto e a capella virginal; por brandões, os fogos fatuos, que, em tórno á sua campa, se erguiam das ossadas putrefactas; por mausoleu uma cova quadrilonga, coberta com uma

tosca laagem, e por epitaphio as saudades,
que se cruzavam sobre a sua fria lapide!

E o trovador, revolvendo na memoria as
alegres páginas do seu passado, e propheti-
sando o porvir coberto de abrolhos, se so-
brevivesse aquella noite, balbuciou:

«Emma!... Se te não hei de ver, se me
roubaste parte da vida, se me roubaste o co-
ração; que farei, triste, sem ti, minha es-
trela da inspiração d'outr'ora, neste pan-
demonium infernal, onde o amor se baptisa
de loucura, onde o trovador não acha ou-
vidos, que lhe escutem os suspiros da har-
pa?»

«As sombras da eternidade são, Emma, as
que occultam o meu mais precioso thesou-
ro! Ao pé d'elle me julgarei salvo dos esco-
lhos d'este procelloso mar... nelle antevejo
o meu unico refugio!»

«Quero viver outra vez contigo, Emma!
recolhe-me para ti!»

O absynthio, que lhe calcinára as faces,
restituiu-se-lhe outra vez aos olhos, e uma
torrente de lagrimas se deslizou pelo rosto
pallido do trovador, ajoelhado 'naquella cam-
pa, mais triste que Bernardim Ribeiro, can-
tando em Cintra as saudades de Beatriz, au-
sente na Saboia; mais triste que Luiz de Ca-
mões, suspirando por Natércia, juncto ás
margens do Ganges!

E Emma ouviu-lhe a supplica:

O trovador, debilitado de forças, com o
coração retalhado por uma dor intensa, cabiu
com a harpa sobre a pedra tumular; e, pas-
sados poucos momentos, era cadaver!

Morrera o trovador! Morreu, diziam to-
dos.

E as turbas passavam e sorriam, murmu-
rando: pobre louco!

E a alma do trovador, roto o fragil invo-
lucro, que a retinha na terra, foi unir-se á
de Emma, entre os anjos, na bemaventu-
rança!

Vizer. A. C. PEREIRA DE FIGUEIRADO.

Assim como ha flores que necessitam que
a chuva do ceu desça sobre ellas, para que
mais formosas se ostentem, ha bellezas que
o soffrimento atila e a que as lagrimas dão
realce.

AUGUSTO SARMENTO.

À MEMORIA

A. CABEDO

Off. a

A. F. de Castilho

Soffreu: se o mystico fogo

Incendeu-lhe a phantasia!

Das mágoas em desafogo

Olhava o mundo, e sorria

Nos jubilos da indifferença

Os sorrisos da ironia!

Nos fastos da desventura

Precoces lições colheu:

Passou dias d'amargura

Mas não foi blasphemo ao ceu,

Porque o sol da sancta crença

Lhe inspirou resignação.

Quando nos brindava flores,

Sentia crueis espinhos

Rasgarem-lhe o coração,

E Deus sabe quantas dores

Lhe custaram seus carinhos!

Viveu a chorar, cantando;

Por muito soffrer canções

Deixou cahir o alaude,

E a fronte apoz reclinando

Sorriu ainda... e passou

Era o martyr da virtude

Que nas ancias da agonia,

Quando a febre o consumia,

A Deus orava e sorria

Como a ave que descantava

Entre as sarças sua dor

E vem o tiro certoiro

Quebrar-lhe as últimas notas

Do seu hymno; como a flor

Que as auras seduz e encanta,

Quando o tufão traiçoeiro

A esfolha e prostra no chão,

Tal cae o genio. Desceu

Esse astro que o animava

Do zenyth ao perigeu.

Cessaram cantos risonhos,

Esvaiu-se a meiga luz...

Resta so memoria qu'rida

Um livro — a c'róa de espinhos...

A sepultura... uma cruz.

EDUARDO COELHO.

O VELHO DAS DUAS FLAUTAS

TRADUÇÃO

DE

Emile Souvestre

AO MEU AMIGO

Luiz Carlos Simões Ferreira

No xiv seculo, havia no principado de Kalenberg uma cidade chamada Hamelen. Edificada no confluento do Hamel e do Weser, entravam em seu porto navios de todas as nações, cuja carregação depois distribuia por toda a Allemanha. Em toda a parte era citada pelo seu commercio, riqueza e poder; e um filho de Hamelen tinha a certeza de ter em todos seus protectores.

Razão ésta que tornára seus habitantes duros, injustos e orgulhosos, como de ordinario acontece a quem tem o que deseja.

Sucedeu que um dia entrou o porto da cidade um navio estrangeiro, de construcção tão exquísita, que os mais velhos dos marinheiros não souberam dizer onde se teria construido; não tinha vellas nem remos, e a carga era de fazendas de seda, pelles de animaes, ouro em po e especiarias do Oriente. Guiava-o apenas um velho, de barbas brancas, vestuario de velludo amarello, apertado com um cinto de linho, e trazendo, suspensa do pescoço, uma cadeia de prata e duas flautas, uma de marfim, d'ebano a outra.

Como se imagina, todos os habitantes de Hamelen voaram ao porto, para ver o nunca visto navio, e o capitão desconhecido que o governava; com benevolencia foram acolhidos os visitantes pelo velho, que a suas questões tão somente respondia, que viera commerciar, e não contar sua historia; e dizendo isto mostrava as mercadorias patentes sobre a coberta.

Comtudo ninguem comprava; e cada um de per si commentava sobre o mysterioso estrangeiro; diziam uns que devia ser algum judeu do Oriente, attrahido alli pelo ganho; eram de parecer outros que tinha vindo da India, por caminho desconhecido, pelo norte; e havia até quem suspeitasse ser elle um pirata rico que dera cabo de todos os companheiros.

E é de ver que foi ésta opinião mais ac-

ceita, por ser a mais desfavoravel; propagou-se na cidade, e em breve foi do conceito público que o velho das duas flautas (que assim o appellidavam) era um corsario, que andava vendendo o fructo de suas rapinas. E alguns habitantes então julgaram de momento interrogal-o acerca da verdade: opinaram, porém, outros que havia direito para prendel-o; e um negociante, receiando que lhe tirasse o estrangeiro a freguezia, accrescentou que o melhor seria, antes de mais nada, apprehender-se-lhe a fazenda, como de homem suspeito. E foi este último parecer que predominou.

Requisitou-se ao conselho que governava Hamelen, e alguns magistrados foram a bordo apoderar-se de quanto encerrava o navio.

De balde se quiz o velho oppor a tal, ponderando que o sequestravam sem razão nem justiça possível; mas os magistrados lhe disseram que lhe restituiriam as mercadorias logo que provasse que de direito lhe pertenciam; e ameaçando-o, se resistisse, de o prender.

Comprehendeu então o estrangeiro que lhe não dariam razão; assentou-se ao leme e deixou que lhe levassem tudo, sem dar uma palavra. Depois, quando sahiram, soltou a corda que prendia o navio, e seguiu a corrente.

A multidão curiosa e os proprios magistrados estavam no porto para o ver partir. O velho, que o notou, inclinou-se sobre a borda do navio.

«Eu parto, homens injustos! exclamou elle, com voz ameaçadora; mas deixarei aqui com que os puna, e com que me vingue!»

Nisto, abriu a bolça que lhe pendia da cinta, e tirou tres pequenos animaes, quasi semelhantes: eram uma toupeira branca, um arganzaz e uranoscópio. Todos tres se lançaram á agua, e nadando, attingiram a praia.

E o navio seguiu seu ramo.

(Conclúe)

ALFREDO ELYSIO.

Apesar de sempre se dizer e escrever ha cem mil annos o contrario, parece-me que o melhor e o mais recto juiz que póde ter um escriptor, é elle proprio, quando o não cega o amor proprio.

GARNETT

O CANTO DA COSTUREIRA

... le travail est un trésor.
LA FONTAINE. *Fables*.

Sobre esta fofa almofada
Reclinada, a costurar,
Eu vejo a risonha vida
Nesta lida a perpassar.

Não m'importam as visinhas,
Que mesquinhas, sóem amar;
Não m'importa entre folguedos
Risos ledos adorar.

Não m'importa a borboleta,
Inquieta, a doudejar,
Nem dos bailes a belleza,
A pureza a cercear.

Não m'importam essas salas,
Falsas galas a ostentar;
Onde espinhos, e não rosas,
As formosas vão buscar.

Vale mais viver a vida
Nesta lida d'invejar,
Do que ir do mundo ao bulicio
Alem exicio procurar.

Vizeu.

A. G. PEREIRA DE FIGUEIREDO.

Expediente

Por nos constar que muitos dos srs. assignantes não ficaram satisfeitos com se haver augmentado mais meia folha de impressão ao jornal, á custa do volume de romances e poesias que em tempos se promettêra, considerando que muitos senhores se assignaram o segundo semestre em vista da promessa d'esse volumé, e considerando por fim que a maior parte dos srs. assignantes antes preferiam o volume ás quatro páginas mais que o jornal começou a dar no n.º 16, nós deliberámos, em vista d'isto, tirar essa meia folha do 1.º de agosto em diante, ficando portanto os «Hymnos e Flores» so com as

oito páginas que primeiro teve; e deliberámos mais dar infallivelmente no fim do anno o volume prometido, na certeza de que fazemos isto tão somente por condescender com o desejo dos srs. assignantes, desejo que nós muito acatámos, porisso que todo o nosso empenho é que os srs. assignantes não tenham que se queixar da redacção, antes pelo contrário so motivos lhe achem de louvor.

A todos os srs. assignantes do Porto, Braga, Vizeu, etc. que ainda até hoje não satisfizeram o importe das suas assignaturas a este jornal, tanto do primeiro como do segundo semestre, de novo, e com muita instancia, tornámos a pedir que se dignem fazel-o dentro do praso mais curto que podem.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

SCENAS ROMANTICAS

COLLECÇÃO DOS ROMANCES

Sorrisos e Lagrimas, Amor Funesto,
Magdalena, Ha males que vêm por bens

POR

Henriqueta Elysa Pereira de Sousa

E

Alfredo Elycio Pinto de Almeida

À venda nesta redacção, e na livraria central e viuva Moré, e lojas dos srs. José de Mesquita em Coimbra, e Jacintho rua do Almada, Porto, e em Vizeu.

PROVIDENCIA

POR

Augusto Sarmento

Preço 600 réis

À venda nas lojas do costume.



MEMORIAS

A MINHA PRIMA E AMIGA

M. E. R.

Não sabes que as cinzas ás vezes palpitam
Se um sôpro as agita no somno fatal?
Centelha invisível, se a um canto se occulta,
Não pôde este sôpro tornar 'num fanal?

Não toques na chaga, que as provas e os annos
De ha muito fizeram talvez cicatriz...
P'rigosa experiencia... se a crusta se fende
Mais fortes as dores de novo sentis!

Um livro ha na vida que pôde esquecido
No pó das chimeras p'ra sempre jazer,
Se mão descuidada não volve essas folhas
Que encerram memorias p'rigosas de ver!...

Mas quem do passado nas cinzas ja frias
Sentir que se agita lembrança de dor,
Não pôde exemptar-se d'um grito que aos labios
Lhe assôma do peito com surdo rumor.

É a voz das ruinas, que o musgo não cala,
Se as lages resôam com os passos d'alguem!
Ha echos occultos que os sons repercutem,
E ha cordas sumidas que vibram tambem.

As mágoas que dormem não demos um pranto,
As cinzas perdidas de morta illusão:
Mais vale esse olvido na lapida fria
Que o riso pungente d'atroz irrisão.

Passado, respeito-o, que o tempo o venera;
De Deus a justiça não manda exhumar
Dos mortos a ossada, p'ra pasto dos risos
Da turba que as cinzas não quer respeitar.

Lodeiro.

HENRIQUETA ELYSA.

1863.

LUIZ CARLOS.

HYMNOS E FLORES, 1.º VOL. — N.º 18. 1 DE AGOSTO DE 1863.

A CAMPA E A ROSA

IMITAÇÃO LIVRE DE VICTOR HUGO

A SUA AMIGA

A. A. V. de Carvalho

Off. a Auctora

Disse um dia a campá á rosa:
«Dos prantos da aurora q'rida
Que em ti bebe a mariposa,
Que fazes tu, flor sentida?»

Disse a rosa á sepultura:
«Tu que fazes das mil vidas
Que em teu abysmo mão dura
Arremessa arrefecidas?»

Diz mais a rosa pendente:
«Dos prantos da madrugada
Eu perfume o ambiente
De que me vejo cercada.»

Redargue a campá sombria:
«De cada bella existencia,
Que envolve na terra fria,
Eu faço um anjo na essencia.»

HENRIQUETA ELYSA.

?...

Diz-me tu, donzella, ignoras
Que no mundo existe alguem
Que em ti scisma longas horas
Quando a paz da noite vem?

Mariposa, que tão leda
Divagas de flor em flor,
Doce voz não te segreda
Terna palavra d'amor?...

MEDITAÇÃO

FRAGMENTO D'UM LIVRO ÍNTIMO

E eu vi fulgurante ante meus olhos, e senti viva na minha alma, a religião do Christol! E' nessa hora de angustiosa tribulação abracei-me á cruz com a fe ardente do que renega e descre' do mundo!

Desceu sôbre mim uma visão de brancas azas, tocou-me com um dedo de fogo a fronte, e apoz a mente se me illuminou com um raio de sublime crença, indo reverberar-se na alma em centelhas fulgurantes de esperança!

Ajoelhei e orei.
Era a oração que vinha aos labios ungida com lagrimas de reconhecimento!

Pouco e pouco as larvas do soffrer foram-se dissipando, as trevas condensadas no espirito pela pressão d'uma dor longo tempo reprimida, abriram-se para os horizontes d'uma futura felicidade, cuja aurora começava de raiar pelo infinito do ceu. Era de la que o futuro me sorria, la fóra a minha crença refugiar-se no seio da Eterno que a abrigou como filha!

A religião é o balsamo para as feridas da alma, fonte perenne de consolação para todas as dores!

Nunca o homem é desgraçado se se abraça com ella. Teceu o Christo uma corôa de espinhos para si, e resgatou a da bemaventurança para o homem. E o homem passá e não ajoelha á cruz; e não lava com pranto as chagas do Salvador!

Meu Deus, a vossa misericordia é infinita, mas a impiedade do homem é maior ainda! E o impio passa ante a cruz e sorri! sorri, mas o remorso la lhe fica doendo 'nalma, pagando-lhe o escarneo com a dor, a ironia com a angústia, e o despreço com uma agonia lenta para cada instante!

E as lagrimas vieram mais copiosas banhar-me as faces.

Oh! naquelle momento offereci o meu martyrio em holocausto ao suplicio do Homem Deus, e achei insignificante, quasi invisivel a offerenda! Oh! Christo desce á minha alma com um raio de infinita graça: tira-me das trevas do erro, e illumina-me com a luz do entendimento divino!

Antejejo mundos desconhecidos onde os astros se accendem para o banquete dos anjos, mas a vida prende-me com algema de ferro ao lodo escuro da terra: o pensamento vôa, mas a alma ainda fica: partida ésta prisão a alma subirá tambem para o infinito onde habita Deus.

Lodeiro, 19 de julho de 1863.

HENRIQUETA ELYSA.

ADEUS

Voici l'heure de nos adieux.
L. MARTINE. Méditations.

Adeus, visão d'instantes! branco lyrio
Que o arido caminho da existencia
Me enfeitaste somente em curto espaço!
Ao longe, ao longe irás com teus encantos
Ganhar conquistas novas, novos myrtos
Que devam circumdar-te a fronte alegre:
Eu, pobre sonhador d'ignotos sonhos,
Eu, transumpto de pallidas tristezas,
Fôra indigno, mulher, de ver-te os labros
Abertos sempre em extasis de gozo!
Nem mal nascida planta, que vejeta
Em terra sô de asperros espinhos,
Tem d'uso florescer das rosas juncto:
Ás rosas o jardim: á planta o ermo
Onde, sem luz do sol, sem doce orvalho
Ao sópro myrrador do outomno expire!

Julho de 1863.

LUIZ CARLOS.

ALPHA SEM OMEGA

Deusa, desfaço o altar, quebro o thuribulo,
Fica em paz, ai! na paz que ja foi minha,
Quando a teus pes rojado inda não tinha,
Nem sonhára sequer teu nome so!
Foste surda até hoje ás minhas supplicas,
Surdo tambem serei a teus embustes...
E nas mãos com que os laços teus me ajustes
Deixo a capa, mulher de Pharaó.

A. S.

O amor esclarece-nos a vida, mas consome-a: corôa-nos de luz, mas o fogo que a alimenta devora-nos o coração.

AUGUSTO SARMENTO.

A ESPADA DE ALEXANDRE

Faz agora cerca de dois mil duzentos e dezeseis annos que num mesmo dia succederam duas grandes catastrophes; ardeu um famoso templo e nasceu um famoso conquistador.

Alexandre Magno era filho de Philippe de Macedonia. Está dito tudo: de boa árvore bom fructo. Atrevido, corajoso, valente, alma grande, quem lh'o não chamar deve-o á consciencia, e á historia que é a consciencia dos seculos.

Disse-lhe catastrophe o nascimento: salve-me o poeta, cujo a ideia é:

«Em suas iras de flagello aos povos
«Um rei conquistador lhes manda o Eterno.

De suas grandes façanhas rezam muitos livros. Não curo agora d'ellas, mas d'uma quasi bagatella, que todavia mereceu passar em proverbio quando é mister resolução prompta para romper embaraços: cortar o *nó-gordio*.

Cançados os Phrygios de dissensões continuas pôr-lhes termo anceavam. Consultaram o Oraculo, que lhes deu em resposta que deviam eleger um rei.

—E quem será?

—O primeiro que ao templo de Jupiter vier num carro.

Coincidia isto com um facto que se estava dando noutra parte. Um lavrador amanhava em boa paz as suas terras, sem se lembrar de Cincinnato, que mais tarde viria, quando uma aguia, baixando do throno excelso do Tonante veio poisar sobre o temão do seu carro. O bom do homem tomou o successo em maravilha, e qualquer de nós faria o mesmo. Foi-se ter com as adivinhas:

—Isso quer dizer, respondeu uma mais moça, e, diz-se que, donzella, que tu deves fazer a Jupiter sacrificios como rei.

Sem mais detença, trepa ao carro, e ao templo se dirigia em tal proposito quando foi encontrado pelos que buscavam um rei. Foi eleito em continente.

Seu filho e successor, Midas, consagrou a Jupiter o carro de seu pae, e fel-o guardar no templo da capital do seu reino, que do nome d'elle se ficára chamando Gordium, sita

na margem direita do rio Sangaro, na Asia-menor, hoje Sacaria.

Nesse carro havia um nó a prender a canga ao temão, tão intrincado e escuro, que não era dar-se-lhe com ponta por onde se desatasse. Ou pela cidade, ou pelo rei, dono do carro, era conhecido pelo nome de *nó-gordio*, e promettia o Oraculo o imperio do Oriente a quem quer que o desatasse.

Dispondo-se para a conquista da Asia, acertou de passar alli Alexandre no tempo d'este Midas, e quiz ver o mysterioso nó. Tentou desdal-o, não foi para elle. Cançou a vista, maguou os dedos e ficou como d'antes.

—Não importa, disse elle, puchando da espada, como se desfaça...

E d'uma cutilada desmanchou-o. E assim cumpriu ou illudiu o Oraculo, conclue o seu historiador Quinto Curcio.

Como fósse, aquelle lance da espada valeu-lhe uma grande victoria, e teve grande influencia nos seus destinos. D'ahí ávante os seus soldados viram nelle mais do que um heroe, viram o enviado dos Deuses, e com elle não havia empreza a que se não arriscassem por gigantesca e temeraria que fósse. Aquella espada que os guiava estava fadada a ser um dia sceptro d'um grande imperio, e onde ella fulgisse não podia falhar victoria. Effectivamente Alexandre Magno chegou a dominar todo o oriente da Asia até o Indo, e Deus sabe onde iria, se prematura morte o não tolhesse.

O *nó-gordio* são mil pequezas que na vida nos estorvam. Na fe em Deus e inteireza de nossa consciencia temos todos nós a espada de Alexandre.

A LUA

Leva-me, ó lua, contigo
Prêso num raio dos teus.

NÓ DE LENÇOS.

Tu que divagas, ó lua,
Pelas campinas do ceu,
Sem que tolde a face tua
Das nuvens o denso veu,
Diz-me se no rosto d'ella,
Na rósea face tão bella
Pousa agora um raio teu?

Diz-me se os olhos fitando
 No teu disco de marfim,
 Te vae'nelles confiando
 Um segredo para mim?
 Se lhe ouves um ai saudoso
 Perpassando-lhe amoroso
 Pelos labios de setim?

Ou se lhe arfa o terno seio
 Em inquieta agitação
 Ondeando em leve anseio
 Co'o bater do coração?
 Se acaso se lembra agora
 Das minhas vistas d'outr'ora,
 Da minha funda paixão?

Tu que campeias vaidosa
 'Nesses espaços d'anil
 Podes lograr-lhe ditosa
 As bellezas do perfil;
 Podes co'a luz refulgente
 Aspirar-lhe o bafo ardente
 Juncto á bócca tão gentil.

Se pudesses um suspiro
 Ir-lhe 'num raio levar?
 Ou o ar que aqui respiro
 Fazer-lh'o a respirar?
 Se um doce beijo fervente
 Me fôsses tu de repente
 No curtó labio pousar?

De balde, que tu — ó astro —
 Tens de gelo a tua tez,
 E teu rosto d'alabastro
 Na alvacenta pallidez
 So infunde no meu peito
 Um sentimento sujeito

À solidão e mudez.
 Mas não me apagas da alma
 O fogo que a alimentou,
 Dos meus sentidos a palma,
 Este amor que me inspirou;
 Que este amor é minha estrella
 Que gentil e meiga e bella
 Nos ceus da vida raiou!

A. A. F. P. 1892

O amor não timbra de prudente, e um
 quasi nada o denuncia.

AUGUSTO SARMENTO.

COMO SE INVENTAM DESGRAÇAS

Vitam regit fortuna, non
 sapientia.

I

Era Polycarpo Pires Galvão Soares e Sousa um rico morgado não sei d'onde. Parecia visto de longe um rapazola soberbo, capaz de fazer façanhas dignas de melhores tempos, tão grande era de membros e desembaraçado de movimentos. Mas analysado de perto deixava ver que era um pobre moço, com uma physionomia pacifica e simploria.

No fundo era um ente amigo do seu semelhante e de si, mas mais de si que de seu semelhante.

Contava-se que tinha originalidades, que 'noutra terra, que não fôsse a sua morgadia, onde ainda não chegára a civilização, fariam d'elle um homem glorioso.

Escolhamos duas entre quarteirões.

Professava um gosto especial por imitar os cães; quando ia á caça, não era raro ser visto a correr pelas moutas atrás dos sabugos, com as mãos pelo chão e ladrando.

Imitava tão perfeitamente o canto do gallo que enganava.

Quando o vinham visitar alguns amigos encontravam-no quasi sempre 'num trapessio, á laia de poleiro.

Viveu durante alguns annos Polycarpo entregue á doce ignorancia das cousas do mundo, até que um dia um amigo deixou, 'numa visita, ficar por esquecimento um romance em casa d'elle.

Maldicto esquecimento, causa de tantas desgraças! Mas não antecipemos.

Viu o morgado o livro e teve curiosidade de ler algumas páginas; gostou e continuou.

Chegado á última pendeu-lhe a cabeça melancolicamente na mão e sabiu-lhe do peito um suspiro proporcional ao tamanho d'elle. No dia seguinte mandou vir um sortimento de romances.

Dias depois já não ladrava nem cantava.

Ficava-se horas inteiras 'num ancear vago e sem objecto.

Os criados que o viam sempre a ler diziam entre si:

— Que felicidade para o sr. João Sousa,

se vivesse, ter um filho tão amigo de estudar!

— Mas como elle assentou' tão depressa! Parece incrível, quando a gente se lembra do que elle era ainda ha pouco tempo.

— Cedo ou tarde se deixa a gente de brincar, meu amigo.

Gastou Polycarpo pouco tempo a iniciar-se nos segredos do coração, de modo que foi, passados dous mezes, a Lisboa tractar de arranjar uma paixão, com immensa quantidade de ideias falsas sobre o amor e mulheres.

Fez durante a jornada milhares de projectos como faria outro qualquer no mesmo logar, e a final escolheu para objecto de seus amores a filha d'um proprietario da sua terra, que tendo enriquecido no commercio da laranja, fôra viver á grande em Lisboa, onde morreu deixando á viuva e filha um rendimento razoavel.

Chegou o morgado a Lisboa.

Foi recebido de braços abertos por alguns seus antigos conhecimentos e convidado para um baile por um deputado, seu parente em terceiro grau, que havia muito não tinha visto.

Não cabia Polycarpo em si de contente; todos eram amigos d'elle; convidavam-no para festas; dirigiam-lhe cumprimentos sobre a sua pessoa.

Pelos romances tinha o nosso heroe conhecido as grandes amizades; é verdade que tambem tinha lido, que ha falsos amigos, mas 'neste ponto não quiz acreditar os romances. D'isto se seguiu adquirir uma quantidade de amizades, que faziam recear por elle.

A mãe da menina que elle escolhêra para amar fez-lhe um acolhimento, que nada lhe deixava a desejar. Em quanto á filha, essa so disse as palavras costumadas para responder ás informações sobre a saude.

Era uma menina de 22 annos, com um ar repassado d'um *não sei que*, que eu chamaria aborrecimento ou sensaboria, mas que ella e muito boa gente pensa ser tristeza, ou pesar.

Estava a uma janella d'onde se via o Tejo, com os olhos no ceu, e tendo no regaço as Meditações do Lamartine, que lhe emprestára um caixeiro das vizinhanças.

Recolheu-se o morgado a casa porque

eram horas de jantar, com a cabeça e o coração a arderem; mas, aqui para nós, parece-me que a cabeça ardia mais que o coração.

A noite foi Polycarpo ao baile do deputado.

Fez uma figura magnifica; foi apresentado a uns poucos de barões, não sei quantos viscondes, e a uma infinidade de conselheiros, depois do que o deputado chegou-se a elle e disse:

— A minha filha, caro primo, terá muito gôsto de dançar comsigo.

— Oh! primo, mas eu não sei dançar.

— Falle mais baixo, primo. Ha certas cousas que se devem dizer de vagar.

— Tem razão, primo.

— Amanhan mando-lhe um mestre de dança que o dará prompto em poucos dias.

— E eu que tomei hoje um mestre de esgrima.

— Mestre de esgrima?!

— Admira?

— Sim.

— Porque?

— Hoje não se aprende a jogar espada.

Estamos no seculo imminantemente progressista, no reinado da intelligencia, em que o ferro so serve para carris e máchinas de vapor.

(Isto é um fragmento d'um discurso feito por elle na camara).

— 'Nesse caso despeço amanhan o mestre.

— Aprenda, ja que principiou, porque póde ter que bater-se com algum noticiarista.

— Com um noticiarista?! E porque?

— Pois não sabe que os noticiaristas são a praga do seculo, os homens cynicos por excellencia, que ousam atacar as mais solidas reputações?

N. B. Um noticiarista tinha dicto que o deputado fizera nas camaras um discurso de hora e meia sem concluir nada.

— Mas ha todavia algumas excepções, continuou o deputado. Vê acolá aquelle rapaz de lunetas? é uma excepção. Vou-lh'o apresentar.

Observação. O tal rapaz de lunetas elogiava os discursos do deputado e descrevia os *toilettes* das damas que iam aos bailes, que elle dava.

Finda ésta apresentação, julgou o morgado

seu dever ir junctar-se ao simicirculo formado juncto da menina Claudina, filha do deputado.

Conversava-se; ria-se; fallava-se de litteratura, bailes; mas apenas o morgado se aproximou a menina tornou-se séria.

Julgaram os circumstantes que Claudina queria zombar de Polycarpo, mas foram bem de pressa desenganados.

— Tem-se divertido muito, meu primo? Podemo-nos chamar primos não é assim?

Ficou Polycarpo um tanto atrapalhado, por não saber a qual das perguntas devia responder primeiro. Julgou de razão responder pela ordem por que tinham sido feitas.

— Um pouco, minha senhora.

— Tenciona demorar-se algum tempo em Lisboa? A sua terra deve ser muito aborrecedora, não é assim?

— Algum tempo, minha senhora.

— Durante o inverno, provavelmente?

— Não, minha senhora. Estamos ja no fim de fevereiro, e eu tenciono demorar-me pelo menos seis mezes.

— Não tem dançado?

— Não, minha senhora.

— Professava talvez pouco gôsto pelo culto de Terspichore?

Vão julgar os leitores que Polycarpo ficou com cara de tolo sem entender o que Claudina dizia. Pois enganaram-se, meus caros. Se elle não tivesse lido romances aconteceria talvez assim. Mas felizmente ja sabia o que era Terspichore; por isso respondeu:

— Não sou apaixonado por elle, minha senhora.

So então reparou que ninguem estava ja em roda da menina Claudina, e que todos iam sahindo. Entendeu pois que se devia tambem retirar, o que fez depois de se despedir da familia da casa.

Claudina ficou pensativa.

Porque?

(Continua).

A. COELHO.

BRUELLINDA

§. 3.º

— Isso la é verdade (acode Ambrosio)

Eu, quando largas dou ao intellecto, É ca fóra no campo. Em casa como,

Bebo e resono, e conto ao fórrro as tábuas.

Isto iamoz dizendo e andando sempre.

Chegavamos ao sítio, onde o progresso

Fixou longos carris, que fôsem estrada

A rapidos vehiculos, que excedem,

Na solta marcha, o mais veloz cavallo;

E que fizeram recuar a Ambrosio,

E ficar admirado so de vel-os.

— Pois era isto, amigo, a via ferrea?

— É sim, disse eu, que pasmaceira é essa?

— É que nunca tal vi!... Sempre isto é obra!

E ja me ia cahindo em novos extasis,

Mas eu que tinha pressa:

— Deixa, Ambrosio,

Essas meditações fóra de tempo.

Toca a girar!»

E entrámos no comboio,

Alli junctos fallando uns eruditos

O estylo d'um jornal analysavam.

Um apegado á lingua de Philinto

Cevava no papel a sua cholera,

E não lhe achava linha portugueza.

Outro ria das iras impotentes

Do sizudo parceiro. Outro fallava

Portuguez e francez, tudo á mistura,

Com tempêros d'inglez, em longos periodos.

— Que algarviada é ésta?— diz-me Ambrosio.

Alguns deixando a bulha das palavras

Dissertavam em cousas de politica.

Eu fui adormecendo e fui sonhando:

E clevei-me de Broken ás alturas,

Como Fausto na noite de Walpürgis.

Era cousa mais bella. Nem bruxedos

Nem dêmos, nem mammons, nem fogos fatuos;

Mas vi montões de livros, tudo aberto,

De todos os formatos e feitios,

Que cobriam a serra. Em cima nuvens,

Nuven á roda, e tudo escuro e feio.

Quando do meio la da papellada

Surge um phantasma d'homem todo branco,

Que cheirava ja quasi a trinta seculos;

Ou era Homero, ou Solon, ou Walmiki,

Se não fôsse Moysés, ou outro velho,

(Mas não trazia pontas na cabeça).

Depois sahem dos cantos mil figuras

Branças e negras, altas e pequenas.

Eram Stoicos, Theólogos, Pyrrhonicos,

Epicoristas e Peripateticos,

Discipulos de Kant, Hegel, e Newton;

As escholas em fim, quantas existem.

E todas que têm visto a luz do mundo,

Philosophicas, críticas, litterarias,

Com seus chefes á frente. Tudo em gyro

Tudo a ferver, a rir; alguns choravam;
 Outros os livros todos revolvendo
 Semelhavam o vento, quando infuna
 As espumosas ondas, que desfeitas
 Ruem no abysmo. E lia em letras gordas
 Feitas no sobreceço d'aquella scena
 Êstas palavras—Vão orgulho do homem,
 E tinteiros e pennas a voarem,
 Como nadam num tanque os tenros peixes,
 Ou como gyram nuvens transparentes
 Nas azas da atmospherã. E pouco a pouco
 Vão uns d'elles olhando para os outros,
 Fallam depois, e eil-os que discutem.
 Um momento passou; e de repente
 Junctam-se todos, todos se confundem,
 Levantam grande grita, os livros saltam,
 Anda em passos d'aranha tudo aquillo.
 Rasgam papeis e rasgam-se uns aos outros;
 Parece uma peleja. Nem os anjos
 Tão renhida a travaram com os demonios,
 Se ella foi como Milton affiança.
 Mas cae da nuvem subito um retumbo,
 E linguas mil de fogo saltam, correm;
 A chamma ardente envolve, accende e abraza
 Papeis, homens, e monte... E eu acórdo,
 —Desafiado!— exclamava um erudito:
 Era o jornal no chão feito pedaços.
 Elles, a fra escripta no semblante,
 Do bom Ambrosio o pasmo suscitavam.
 Taes nos bons tempos das cavallerias
 Se viam dois fogosos lidadores
 Um em frente do outro, em meio da praça,
 Anciosos porque a trompa o signal desse.
 Consegui com mais dois pôr em socêgo
 O motim vergonhoso; e feitas pazes,
 Tudo assentiu que fôra bem ridiculo
 Por cousas tão pequenas fazer bulha;
 D'estas e d'outras maximas profundas,
 Que no meu viajar tenho colhido,
 Irei aqui algumas derramando
 Para edificação das almas pias
 E uso da mocidade estudiosa.

(Continúa)

A. L. SÁNCOS VALENTE.

O VELHO DAS DUAS FLAUTAS

(Conclusão)

Começaram os habitantes de Hamelen por sorrir-se; mas em breve sentiram quanto era terrível a vingança do velho. Os tres ani-

maes multiplicaram-se tão prodigiosamente, que por fim tomaram posse da cidade inteira. Expulsaram das casas os animaes domesticos, e occuparam os cantos das janellas, logar outr'ora habitado pelas andorinhas.

Apenas se punha a mesa, corriam em multidão, e devoravam a refeição, preparada para a familia. Penetravam em chusma nos grandes celleiros, e consumiam em poucos dias os cereaes destinados ao consumo d'um anno.

D'aqui seguiu-se uma dieta que os tornou mais terriveis ainda, esfomeando-os. Propagaram-se em Hamelen, destruindo todas as mercadorias, e nos navios, roendo as velas e as cordas. Depois atacaram os madeiramentos das casas que começaram a cahir em ruinas; emfim, a fome que os atormentava, tornou-se tão intensa que chegaram a assaltar os homens durante o somno, e a devorar os recém-nascidos em seus berços.

Os habitantes, que tinham empregado sem proveito todos os meios a seu alcance, já não sabiam como escapar a semelhante calamidade. Os armazens estavam vazios, e os navios estrangeiros fugiam de tocar alli.

Acabaria assim Hamelen, se o conselho superior se não decidisse a annunciar que concederia uma recompensa de cem mil peças de ouro a quem livrasse a cidade dos animaes que a devoravam.

Havia já algum tempo que este annúncio fôra publicado, sem que ninguém se tivesse ainda offerecido, quando viram um dia reaparecer o navio sem velas, governado pelo velho das duas flautas.

Não abordou, mas remetteu ao conselho supremo uma carta em que lhe propunha libertar Hamelen do flagello que lhe enviára, pelo preço das cem mil peças propostas.

Depois de lida, correram os magistrados ao porto, e pediram ao velho que descesse a terra, jurando que lhe pagariam a somma promettida, se elle effectivamente tivesse o poder de os salvar. E o velho, fiado neste juramento, tocou em terra, e, tomando a flauta de marfim, foi percorrendo as ruas de Hamelen, tocando uma aria exquisita, de que nenhuma musica conhecida pôde dar ideia. Ao passo que ia tocando, iam os animaes correndo de todos os lados, e o seguiam como um exército: reunidos que todos elles foram, voltou o velho ao porto e os fez

entrar no seu navio, que tornou a partir por si, e pouco depois desapareceu na embocadura do rio.

Voltando-se o velho então para os magistrados, disse-lhes:

«Cumprí minha promessa; compete-vos agora cumprir a vossa.»

Porém os magistrados, nada tendo já que receiar, principiaram a achar razões para violar a sua palavra.

«A paga, disse um d'elles, deve ser proporcionada com o trabalho; e uma aria não vale com justiça cem mil peças de ouro.»

«Dae-lhe duzentas e elle ficará satisfeito, acrescentou um segundo.»

«Duzentas! exclamou o mercador que da outra vez aconselhára que confiscassem a carregação do velho. Pois esqueceis que foi este homem a causa do que havemos soffrido?»

«É verdade! exclamaram todos.

«Não so nada lhe daremos, mas até tinhamos direito a lhe impor um castigo severo, tornou o mercador; que se julgue, pois, feliz com o deixarmos partir sem lhe exigirmos contas do passado: o nosso perdão é recompensa mais que sufficiente.

Em vão lembrou o velho que o flagello tinha sido a punição d'uma primeira violencia commettida contra elle; e que, antes de o extinguir, tinha exigido o juramento de como lhe dariam cem mil peças de ouro; os magistrados mandaram-n'o calar, e um d'elles, tomando a palavra, disse com ar de piedade, que, vindo tudo de Deus, a elle so deveriam agradecer. Applaudiram todos, e correram á igreja dar graças, como se Deus recebesse as preces dos injustos e perjuros.

Permaneceu o velho em pé no mesmo lugar, até que o último dos habitantes de Hamelen tivesse franqueado o limiar do templo: então, tomando a sua flauta de ebano, disse com voz terrível:

«Sejam recompensados segundo suas obras!»

E, percorrendo a cidade, tocando na flauta negra, iam todas as crianças sahindo de casa, e o seguiam, arrastadas por um poder irresistível. Passou assim diante de todas as portas, e seu sequito augmentava sempre; emfim dirigiu-se ao rio.

Entrementes, os moradores de Hamelen oravam na igreja; mas de repente uma voz lugubre echoou sob as abobadas, e dizia:

«Pagarão os filhos pelos crimes dos paes.»

Ergueram-se espantados, porque tinham reconhecido a voz do velho, sahiram em multidão e voaram ao porto: ja ahi não estava o desconhecido; mas cada vaga do rio trazia á sua superficie o cadaver d'um dos filhos dos cidadãos de Hamelen.

Em commemoração d'este grande desastre erigiu-se uma capella: e sobre as vidraças pintaram mulheres lacrimosas, percorrendo as margens do Weser, no meio do qual se avistavam pequenas cabeças, fluctuando, e pequenas mãos que se erguiam para pedir soccorro: destacava-se o velho, tocando na flauta de ebano; e por baixo de tudo estava escripto:

«A nossos filhos mortos pela malicia do demonio.»

Mas 'nessa mesma noite mão invisível, segundo se diz, apagou as últimas palavras d'esta inscripção, e os hamelenses leram, no dia seguinte, com surpresa e espanto:

«A nossos filhos mortos por causa da injustiça de seus paes.»

ALFREDO ELYSIO.

VENTURA

Eu não sei; mas se a ventura

Vem do ceu, e so de la,

Tu do ceu baixaste pura...

E a ventura...

'Neste mundo existe ja!

Pois se mostras meigo riso

Atravez de teus desdens,

Não virá do paraíso

Esse riso

Que nos labios sempre tens?

Oh! que vem! Descendo á terra

Nova luz trouxeste aqui:

Quanta dor a vida encerra

Sae da terra

Quando um anjo nos sorri!

Julho de 1863.

LUIZ CARLOS.



RECORDAÇÃO

Amei! que importa dizel-o?
Zombarão d'este meu pranto!
Nem pôde o mundo entendel-o;
Não sábe que acerbo encanto
Do recordar d'outras eras
Exprime em notas sinceras
Meu sentido e triste canto!

Conter não posso um gemido
Com tão pungente lembrança!
Do meu passado banido
Ja não se ergue a voz da esp'rança,
Que ao porvir se eleve intensa;
Nem ha de vir uma crença
Mostrar-me perto a bonança!

Tive momentos de dita
De delirante anhelar;
Uma ventura infinita,
Como a não pôde encerrar
O mundo tão circumscripto
Na muralha de granito
Do sentimento vulgar!

Vivi! e vida longa de annos,
No sonhar de curtos dias!
Foi bello sondar arcanos
Do mundo das phantasias!
Ir nas azas da saudade,
Percorrendo a immensidade,
Ouvir do ceu harmonias!

Illusão talvez agora
Chame alguém ao que senti;
Irrisão eu soffra embora,
Que ao desprezo ja sorri!
Oh! mas amo tal passado,
Como livro meu, sellado
Com tudo que amei e cri!

Lodeiro.

HENRIQUETA ELVISA.

Maio de 1862.

HENRIQUETA ELVISA.

HYMNOS E FLORES, 1.º VOL. — N.º 19. 15 DE AGOSTO DE 1863.

CANÇÃO DO POETA

À MINHA IRMÁN

A. A.

Sans l'épuiser jamais sur toute la nature
Tu pouvais à longs flots repandre sans mesure
Um bonheur absolu.

LAMARTINE. *Méditations.*

É tão doce ver o pranto
Orvalhar a face arada
Pela febre do soffrer!...
Ninguém sabe quanto é sancto!
Quando na alma attribulada,
Ja não pôde a dor caber!

É o orvalho so que apaga,
A sede ardente da chamma
Que vão delirio accendeu!
Mão de Deus, que sempre afaga!
A sua voz, que nos chama,
Quando a crença nos morreu!...

Crenças?... tive-as! e que crenças!...
Tão viçosas floresceram,
Que vel-as murchar faz dó!...
Esp'ranças? tive-as immensas!
Tambem essas feneceram!...
Tambem cahiram no po!...

Té a amizade trahiu
As privações de minha alma,
Que não soube compr'ender!
Da criança quem não riu
Por lhe ver na frente a chamma
Que não pôde combater?!

Tu, gloria, es sonho, que afagas
As imagens, que o propheta
Cria na mente inspirada!
E com fria mão esmagas,
D'este sentir do poeta
A inspiração abrazada!...

O poeta? é pobre louco!...
Mas do sublime delirio
Ninguém lhe sabe a missão!...
Da gloria ideada ha pouco,
É hoje palma o martyrio,
O soffrer é seu condão!...

O EGOISMO

L'egoïste complet est l'ennemi radical de tous ses semblables; et c'est de lui surtout que l'écriture a en raison de dire: *Le méchant sera seull...*

M. VIEILLARD.

É baixa e rasteira a alma, cujo elasterio succede ás vibrações do egoismo.

MORAES CARVALHO.

A virtude d'entre todas a mais sublime é, por certo, a caridade.

Caridade é amor — amor de Deus, amor proprio, sem orgulho, amor do proximo desinteressado.

Deus, legislando aos povos do alto do Sinai, impoz-lhes como primeiro preceito a cumprir — amar a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a nós mesmos — preceito, na verdade, sublime, que, se fôra cumprido, dar-nos-ia na terra o antegosto da felicidade do ceu.

Vive o homem em sociedade, como em meio proprio, porque a sociabilidade é lei imposta á humanidade, lei a que se não pôde fugir, porque não podêmos dispensar mutualidade de serviços.

O Creador, para nos tornar agradavel o cumprimento d'esta lei, collocou ao lado d'ella o sentimento que nos faz ter horror ao estado de isolamento. A caridade, que se resolve no amor de Deus e dos homens, que partindo do ceu fôra de la enviada para derramar beneficios na terra, se fôra cumprida, seria o elemento mais poderoso do bom viver social.

Dae-me cumprida a virtude da caridade e dar-vos-hei realisadas as ideias de progresso e todas quantas se proclamam ahí como elementos de perfeição.

Tem, por desventura, um grande inimigo a virtude da caridade. É o egoismo. O egoista é homem que vive so para si. Desprezando os interesses da humanidade, fechando os olhos ás miserias do mundo, cerrando os ouvidos á voz do pobre que, não tendo um pouco de pão para comer, lhe estende a mão pedindo-lhe a esmola da caridade, o egoista cura so do interesse individual para elle o

unico que deve attender-se. Desconhecendo o direito e a moral, posterga um, e despreza a outra. Individuo ou sociedade não lhe aventaram sombra de prestimo. Que lhe importam lagrimas de afflicto, miseria de pobres, agonias de enfermos, gemidos de desgraçados?

Nada, ou se alguma cousa lhe importam, é para votar odio áquelles que têm a ousadia de o incommodarem com essas lagrimas e gemidos!

É vicio detestavel o egoismo. Não comportando a ideia de sentimentos nobres, moldado pelo interesse individual, phantasiando montões de riqueza, o egoismo quer realizar o seu pensamento unico, e não duvida enlondar-se num charco de vilanias, se de la poder auferir uma parcella de ouro, a que mira constantemente a sua ambição.

Riqueza é a sua aspiração constante, e para la chegar empregará meios quaesquer que sejam. Dando-lhe uma cor que lhe vele a fealdade que importa o mais?

É que o egoismo tem por companheiro a hypocrisia, sobre cujas vestes esconde os mais negros sentimentos e as mais vis acções.

O egoista, se alguma vez parece condoer-se da desgraça alheia, se uma vez lhe merece attenção o interesse geral, ostentando abnegação do proprio, olhae que fta retribuição superior, ou tenta illudir os que o cercam, impressionando-os com uma acção na apparencia meritoria, com que faça esquecer muitas vilanias que tenha commettido.

O bem que faz não lhe nasce espontaneo do coração, é sempre resultado de calculo.

O egoista é parasita na sociedade; rouba-lhe a seiva que a nutre, as forças que a sustentam, e não lhe dá em troca um serviço, ou se o dá, mercadeja com ella.

Para o egoista o desgraçado nasceu para soffrer e calar, e o importuno que pede um pouco de pão com que mate a fome deve ser castigado severamente pela lei!

O faminto que pede pão é vadio que, fugindo ao trabalho, vive vida de ocioso, perturbando o socôgo! Triste d'aquelle que nascendo num leito de palhas não chegou a ter um manto com que resguardar os membros dos frios de inverno! que curvado constantemente sobre a terra não chega a ganhar o pão de cada dia!

Grandes da terra, dae esmola ao pobre,

enxugae lagrimas de afflictos, e tereis logo condigna recompensa no prazer de consciencia que taes acções originaram.

Funesto para a sociedade pelos males que lhe causa e inútil para seus semelhantes, cujas desgraças lhe não despertam um sentimento benefico, o egoista ha de ser odiado, quando, descida a mascara da hypocrisia, se patentear em toda a sua hidiondez.

ABEL P. DO VALLE.

CONSELHO

D'amor o vósso thesouro

Se um dia quizerdes dar,

Tomae sentido em que o ouro

Do vosso affecto sem par

Se não empane ao bafejo

De quem não tenha o desejo

De igualmente vos pagar.

Porque é duro dar a vida,

Todo o amor que o ceu vos deu,

Alma, crença, esp'rança qu'rida

A quem vos não entendeu;

Porque então tereis em paga

A mesma sorte que a vaga

Que em dura rocha bateu.

Vêdes hoje o sol brilhante

O veu das nuvens romper;

Mas o vosso amor constante

Nunca pôde desfazer

A fria neve do peito

A que ficaste sujeito

Pará somente soffrer!

A. A. F. P.

Façam o que quizerem: em quanto se não cuidar effectivamente na educação da plebe assim politica como religiosa, verão sempre perpetuada a cadeia das desordens, que desafiam a nossa magua; porque emfim é grande loucura esperar que venha a ser melhor a geração futura, se lhe não fornecermos outros recursos, que não teve a nossa.

D. FR. CAETANO BRANDÃO.

REGRESSO

Nome, que não se diz; nome, que não se escreve.

ANTHERO DO QUENTAL. Beatrice.

Quando a ausencia involvia meu peito

Em negrumes de infinda tristeza,

Eis que voltas... e á luz da belleza

Eu resurjo com ledo fulgor!

De meus carmes a rude harmonia

A teus pes depuzera contente:

Outra vez 'nessa candida frente

Cingirei novas c'rôas de amor.

E calando meus vagos lamentos,

D'essa voz imitando a doçura,

Ai! talvez a passada ventura

Veja agora de novo florir;

D'esta lyra os accentos festivos,

Que d'ha muito calados sentia,

Dissipada a tristeza sombria,

Voltarão com teu meigo sorrir!

Como aos raios do sol, que desponta,

Negras nuvens se douram no espaço,

Nesse instante, que em languido abraço

Une á terra as delicias do ceu,

Assim eu ao brilhar de teus olhos

Vejo a vida atravez de mil côres;

Doce aurora de castos amores

Rompe alegre, sem pallido veu.

Longe, pois, os queixumes d'outr'ora!

Longe, estrella de agouro funesto!

Os encantos, as graças d'um gesto

Compensaram meu longo soffrer;

E não julgues que d'estes momentos

A risonha memoria me foge:

Onde quer que o destino me arroje

Lembrarei d'esta noite o prazer!

8 para 9 de agosto de 1863.

LUIZ CARLOS.

A felicidade, que se espera, se vem, o

melhor d'ella gosou-se em esperanças; o res-

to, convertido em realidade, pouco vale.

G. CASTELLO-BRANCO.

A CREAÇÃO

QUADRO BIBLICO

E disse o Senhor: «Faça-se».
E fez-se.

Genesis, cap. 1.

No principio dos principios Deus era so.
Em si mesmo existia e por si mesmo o
ser unico de todos os seres.

E Deus pensou crear um mundo, e nesse
mundo quem o conhecesse, servisse, e ado-
rasse: creaturas intelligentes que merecessem
seu amor, e gozal-o ao cabo.

«Faça-se» disse elle: e do cahos sahio a
ordem, das trevas a luz, de Deus o homem:
do nada tudo.

Seis dias levou a obra do Senhor: seis
mysterios que amesquinham a razão do ho-
mem, sempre tão vaidoso no seu nada. Quem
podér medir a eternidade terá sabido a me-
dida d'estes dias. O tempo não estava ainda
creado, porque o tempo é a duração do ho-
mem, e o homem foi a última das feitura
do Senhor. Causa dó que tão alto queira as-
cender o último atomo da grandeza.

Homem, homem, bem maior do que tu
mesmo é o teu orgulho, e maior do que teu
orgulho é a tua cegueira.

Porque tu levas o atrevimento a tentar os
arcãos do infinito, e quando te vanglorias
de havel-os devassado, o dedo do Senhor
derriba-te a audacia, e nescio, mais nescio
do que estavas, ficas sempre.

Não ves que es imperceptível ponto num
espaço immenso: que assim como os olhos do
teu corpo, por mais alto que subam, que-
bram sempre em incurtados termos: assim
os teus olhos do espirito têm de parar sem-
pre nos limites tallados pela mão do Eter-
no.

Ha seculos em que andas empenhado numa
lucta impossivel, e porque não vences, des-
atinas.

Mas não desistes. É porque a cegueira é
mais cerrada.

No último dia creou Deus o homem.

«Faça-se» dissera o Senhor quando creára
a luz no primeiro dia: «Faça-se» firmamento
no meio das aguas, que as superiores das
inferiores divida, disse no dia segundo. No
terceiro: «ajuntem-se» num lugar so as

aguas todas inferiores, e appareça terra en-
xuta. «Façam-se» luzeiros no firmamento do
ceu, que dividam dia e noite, que marquem
os tempos, os dias, os annos: foram pala-
vras e obras do dia quarto. «Produzam» as
aguas, os ares, e a terra seres viventes, que
cresçam e se multipliquem nas aguas, nos
ares, e sobre a terra; isto disse nos dias
quinto e sexto.

E mais accrescentou no dia sexto: «Faça-
mos» o homem á nossa imagem e similhan-
ça. De todas as creaturas, o homem so foi
digno da propria pessoa do Omnipotente:
«faça-se»; «façamos».

E creára o Senhor Deus na terra um pa-
raiso, um pomar rico e delicioso, um lugar
ameno e encantador, onde manifestára todas
as galas de seu immenso poder. Os ardores
do sol da Palestina quebravam ahi em copas
de emaranhada verdura: num chão de viçoso
musgo cahiam sasonados fructos, o ananaz
dos tropicos a par do dourado pomo do meio
dia. No centro erguia-se a árvore da vida e
a árvore da sciencia do bem e do mal. Ser-
peavam-lhe em volta as frescas aguas de qua-
tro rios.

E ao meio do paraizo levou o Senhor Deus
o homem, todo esse encanto e grandeza lhe
mostrou, fez que todos os seres animados
ante elle viessem, que elle a cada um po-
zesse nome, como que para lhes assignar
posse, e disse:

— Eis que á tua guarda confio tudo o que
ves. De todas as árvores que aqui estão co-
merás os fructos: excepto da sciencia do bem
e do mal. Nesses não toques. Respeita-os
em respeito a mim. Formosos são por fóra:
dentro fecham a morte. É so o que te exijo,
e livre te deixo: sê feliz.

Mas feliz não podia o homem ser. No cen-
tro de tanto bem, rodeado de tanta belleza,
de tanta abundancia, de tantas alegrias, o
seu viver era triste, era desconsolado. Por
toda a extensão do poder do Senhor, entre
tantas creaturas, tão variadas, tão magnifi-
cas, não via uma que lhe fôsse semelhante,
que lhe sentisse a vida. De graça era rico,
de bens da terra muito rico, mas não lhe
bastava nada porque era so.

E o Senhor Deus mandou-lhe um somno
suave e profundo.

E eis que dormindo lhe parecia a elle que
o coração lhe ia faltando, que d'esse lado

não era completo, que uma parte de si mesmo não era em si. Uma dor aguda o penetrou um instante, quebrou-lhe forças, seguiu-se ineffável gozo e desconhecido.

E acordou. Diante d'elle estava uma creatura nova, um mimo de Deus. Sorria-lhe, estendia-lhe a mão, mostrava-lhe o ceu. Seus olhos eram lindos como os raios do sol por entre a folhagem do paraíso: seu sorriso gracioso como o amanhecer da aurora do seio das aguas: sua postura e graças não tinha elle com que as comprar.

Mulher! exclamou 'num extasiis de arrebatamento.

E' nessa palavra resumiu tudo o que de melhor pudéra conceber a essencia de todas as ideias grandes que lhe dera o Senhor.

Ergueu-se, caminhou a ella, estreitou-a a si, entregou-lhe inteira a sua vida. E disse:

— De mim sahiste, mulher: sente a falta o meu coração. Tu es carne da minha carne, osso de meus ossos. Agora sinto a minha existencia completa. Pelo que em todo o correr das gerações venturas o homem por ti deixará pae, mãe, familia, tudo. E tão unidos seremos nós, que de dois fazamos um só: em duas vidas uma so vida, em duas vontades uma so vontade, em duas carnes uma so carne.

E o Senhor Deus baixou á terra, e disse:

— Crescei e multiplicaes-vos. Enchei a terra, sujeitae-a, estendei dominio sôbre os peixes do mar, as aves do ceu, todos os viventes que se movem sôbre a terra. Porque todo este mundo é vosso, para vós o creci. Estes animaes são para vosso serviço, éstas aves para vosso regalo, éstas arvores para vosso gozo, éstas flores para vosso enlevo. Disponde de tudo, que tudo vos dou. So guardae o meu preceito. A felicidade está ao alcance de vossa mão. Tendes a minha graça, tendes a vida, tendes amor: gozae de vós mesmos.

E o Senhor abençoou-os.

E o homem sentiu repassar-se da felicidade, e nascer d'ella mais nobre e mais puro dos sentimentos: a gratidão. Seus joelhos vergaram á terra, sua alma levantou-se ao Eterno.

— Bemdicto seja o teu nome, Senhor Deus do ceu e da terra: — Porque tu es grande em tuas obras, generoso em tuas acções, incomprehensivel em teus projectos.

— Com a omnipotencia da tua palavra firmaste o ceu, e a terra: e tudo o que existe é obra d'uma palavra tua.

— Disseste ao nada: «faça-se» e o nada obedeceu-te, e de si fez sahir a luz, e o sol, e a terra, e a vida, e a mim mesmo.

— Do po da terra me tiraste, déste-me a tua imagem e simlhança, dá-me a tua graça, e o teu amor: para que, Senhor?

— Para seres feliz: responde a tua bondade infinita:

— Confunde-se o meu espirito: hossanna te diz o meu coração, que minha bócca é muda diante de tua magestade. Por todos os seculos dos seculos: hossanna!

EXEMPLO DA

III

Vinha entretanto Ermelinda ao som das vagas,
Que mansamente o bôrdô humedeciam
Da venturosa barca, ja ansiosa,
À vista pelos mares alongando,
Que tão distante a praia ainda tinham.
De pé no tombádilho, inclina a fronte,
Nô hombro do irmão, que a vê todo inlevado,
Como se visse um anjo. E um anjo era,
Alvas as longas vestes ondulavam
Agiladas da aragem: pelos hombros
D'ella e do irmão cabiam desprendidas
As finas tranças d'ebano purissimo,
Onde o sol do occidente refulgia,
Como em noite serena a luz da estrella:
Sôbre o indeciso azul do firmamento,
Foi assim pelo menos que ella o disse.
Quando em Lisboa a vi, em certa noite,
Tipo da mulher bella, se o buscáreis
(Isto não me disse ella, mas supponho-o)
Estava alli moldada em fôrma humana,
Real, e não phantastica figura,
É bem raro encontral-o; usam poetas
Imaginar um ente, que preencha
Todos os seus anccios; e d'esta arte
Consola-se com a fôrma, que encontrára,
Como se fôra alguém de carne e osso.
Mas é uma tolice. Eu sou do voto
Que ha no mundo real entes mais bellos,
Que muitas creações da phantasia.
Se são poucos, procurem-nos, inquiram-nos:

É bem raro encontral-os, mas encontram-se.
E se Ermelinda alguém negar que o fôsse,
Salte á arena, que a luva eu sou que a lanço!

Ata-se o fio ao conto.

Ja o ceruleo véo da noite amena
Cabia do horisonte e circumdava
As pallidas aldeias. E surgia
No firmamento a ursa vagarosa
Semilhante a um coche que tirado
Fôsse por tres corseis, um apoz outro.
Mysterioso emblema, que me explica
Da vida o percorrer longo e monótono,
Incessante volver d'annos e annos,
Que gyram, como em círculo, trazendo
Sempre os mesmos successos, eguaes dramas,
Personagens eguaes com faces novas.
Éo mesmogyro, e o centro éo mesmo, o abysmo!
E que será o abysmo? Ah! silencio!
A alma vóa em sublimados raptos
Anhelando o incognito. Mas quando
So com as trevas por fim topa assustada
Comprime-se e recúa; e desalento
Curva-se como o tufão curva a floresta,
Ou como a onda o másto requebrado.
Lembro-me que uma noite—era d'outomno
(Vae ja fazendo agora uns dois annos)
Numa casa de campo, em certa terra,
Eu e mais um amigo, amigo íntimo,
Tendo ja em conversas philosophicas
Passado a tarde, e até parte da noite,
Nos veio a ambos, quasi ao mesmo tempo,
O desejo de ver o ceu e os astros.
Sahimos ao terrado. O horisonte
Era limpo de nuvens: não brilhava
A incómmoda lua, mas sómente
Doce e mágica luz dos muitos orbes
D'esses sóes do universo, derramando
A frouxa claridade, que luctava
Brandamente co'as sombras melancholicas.
Surgia ja no sul órion brilhante;
E depois d'elle o sirio, o bello sirio,
A mais formosa estrella do meio dia,
De vivissima luz, e de mil cores,
Vinha seguindo no infinito espaço
O curso eterno... eterno! E quem o sabe?

Esta estrella do sirio é-me crédora
Da mais ardente e viva sympathia.
Por onde se verá qual o meu júbilo,
Quando vi numa página da *Lelia*
Que Edmen lhe entoava um cantico... e que cantico!
Tu merécel-o, sirio! tu... Mas cale-se

Minha imprudente voz. Talvez quizesse,
Lyra atrevida, entoar um canto a sirio,
Quando a Sand o cantou? Não seja tola!

E ahí estivemos nós por muito tempo
Fazendo reflexões graves e sérias
Sôbre as cousas mais sérias, sôbre o immenso,
Sôbre o mundo, e os mundos do universo,
Sôbre o principio e fim, o *alpha* e *ómega*
De quanto vemos.

Foi então que olhando
O sem número de astros, que fulgiam
Nas infindas espheras, e inspirado
D'aquelles pensamentos fui ideando
As quadras que se seguem. Permitti-me
Que por doce memoria 'nesta página
As encaixe, apesar de certas regras.

Noite suave e tepida!
Noite de mil perfumes!
Fulgór d'esses teus lumes
Vem accender-me o espirito!
Com elle em ancja agita-se!
Da terra esquece encantos!
Teus extasis mais sanctos
Acima do orbe elevam-no!

Busca a divina essencia
Ás espheras que a envolvem,
Se ergue, e não o dissolvem
Lumes que lhe ardem proximos!

Vóa nos raios fulgidos!
Toca a última esphera!
Se crê, deseja, e espera,
Esperança aqui avive-se!

Suba! rompa o involucro!
Não cega a luz immensa!
Não desfalleça a crença,
Confirme-a a luz do empyreo!

Um pouco avante... E subito
Cae em profundas trevas!
Alma, porque te elevas?
Deus, que procuras, foge-te!

Foi pois á noite que em Lisboa entrámos
Era alli que ia ver aquelle rosto,
Por quem tanto soffri e soffro ainda!
Ai! soffro ainda!... e ja lá vão tres annos,

Que em vez de desfazer a imagem d'ella
Mais e mais me parece que a avivaram!

Era alli que ia vel-a, ia fallar-lhe:
la lembrar-lhe aquelle amor antigo,
Amor que sempre vivo e sempre ardente
Com a doce memoria ia enlaçando
Dois peitos jovens — o meu, e o d'ella.
Mas que depois... — Deixemostas lembranças,
Nada d'antecipar, teremos tempo.

Não direi, como logo que chegado
Fui a Lisboa, entrei na hospedaria:
Deixo, Musas, atraz como depressa
Ambrosio Pinto abriu em casa a mala,
E tirou d'ella a roupa que levavamos.
Tambem fica em silencio o entusiasmo
Com que, depois de ter mudado o fato,
O meu bom companheiro ja da cama
Me ia contando as cousas diversissimas
Que mais na tal jornada o surprehenderam.
E tu, risonha cara de hospedeiro,
Cuja so descripção dava oito páginas
Ao secundo Balsac, hoje em silencio
Te deixa a minha lyra, que outros casos
Com urgencia maior a estão chamando.

(Continúa)

A. L. SANCTOS VALENTE.

ADEUS

NO ALBUM DO MEU AMIGO

Alfredo Elysis

Bom amigo! vaes partir!
La nas plagas,
Quando as vagas,
Vires de manso correr,
Abre este livro e recorda:
Um amigo,
Que, contigo,
Soube gosar e soffrer!
Lembra-te bem dos passados
Bellos dias
D'alegrias,
E esquece as horas de dor;
Pois quanto mais nos lembrámos
Que soffremos,
Mais gememos;
Tudo tem mais amargor!

Não esqueças nunca a patria,
La distante;
Sê constante
Em puro amor lhe votar;
Que inda um dia, bom amigo,
Recompensa,
Boa, immensa,
Tu has de vir a lograr.

Lembra-te bem da familia,
Que tão triste,
So existe,
A pedir a Deus por ti;
E jamais, jamais esqueças,
O amigo,
Que, contigo
Chorando, se abraça aqui.

Lisboa, 28 de julho de 1863.

ALFREDO A. A. CAMPOS.

SONETO

A L.

Ja nem tu, minha esp'rança, tão querida
Acalentas meu peito n'amargura;
Meus tristes dias segue a desventura,
Desfolhando-me as flores d'esta vida.

Nem valem ja lamentos, que, perdida,
Nunca mais me virás dizer «ventura»;
Feneceu essa luz brilhante e pura,
Que me guiou na senda mais florida.

Foste mimosa flor, oh minha esp'rança,
Que se dobrou ao sópro da desdita
Quando gentil a vida te sorria;

E é de balde que invoco inda a lembrança,
Se desfeita illusão nos rouba a dita,
Da redempção jamais virá o dia...

Coimbra, 1863.

ALFREDO ELYSIO.

Não affrontam os inimigos quando offen-
dem; os amigos sim, quando faltam em aju-
dar a emenda, das offensas dos inimigos.

D. FRANCISCO MANUEL.

ANECDOTA

Iam de jornada um dia dois frades.

Um d'elles sei eu que era jesuita: do outro, não vos direi ao certo, mas parece-me que era franciscano.

Em bom cavallo, ajaezado ricamente, cavalgava o primeiro, faustoso representante da *Companhia universal*: pobre *mendicante*, era levado o segundo em esguio dórso de esmagriçado sendeiro.

Muito á mão iam conversando as duas entidades fradescas, provavelmente ácerca das cousas de Deus, quando crescido riacho lhes tolheu o passo. Era mister passar, e ponte não a havia.

Ja na margem d'alem, ria o jesuita do companheiro, que se contorsia, e fazia de mil côres, com medo d'um segundo baptismo, intalado a meio caminho, d'onde nem á mão de Deus Padre conseguia o jumento arancar-o.

Suava o bom do franciscano, e das pernas fazia *vae-vens* com que arremettia furioso a esfolada barriga do pobre animal, que a corrente pouco e pouco ia arrastando. Em colicas e ancias se ia finando, e o jesuita a escarnecel-o, que era o que mais o amofinava.

— Recorra ao sancto nome de Jesus, irmão.

O franciscano sentiu faltar-lhe o burro de-baixo das pernas, aqueceram-lhe as orelhas, esbugalharam-se-lhe os olhos, e bradou com os labios a tremer de sancta ira:

— S. Francisco me valha! Nem sequer me falle em Jesus!

Sorriu-se o padre da companhia, e aproveitou-lhe a phrase.

Chegaram finalmente onde levavam seu destino, que era uma festa, em que deviam ambos prégar.

O filho de S. Ignacio, que a levava fsgada, foi-se logo direitinho ao vigário geral a recommendar-lhe o franciscano como hereje, que negava o nome de Jesus.

Benseu-se o sancto varão, e mandou em continente chamar o franciscano.

— De mau christão o accusam, irmão, que renega o nome do Filho de Deus: veja se tem alguma cousa que allegar em sua defeza.

— Negro a accusação, respondeu o *mendicante* com toda a placidez d'espirito.

— É porque o irmão se não recorda, acudiu o jesuita, que começou a desconfiar do outro; não se lembra que ao passar um ribeiro, onde por milagre de Deus não ficou afogado, me disse no meio de sua afflicção, que *nem em Jesus lhe fallasse?*

— Recordo-me perfeitamente, e tambem da razão por que o disse, que o irmão de-vera saber. Quando o nome inefavel do verbo Eterno é proferido, até os irracionaes ajoelham reverentes; e na posição crítica, em que me achava, que seria de mim se pronunciasse o sanctissimo nome de Jesus, e o jumento ajoelhasse?

A justificação valeu, e a inquisição perdeu lenha para trez dias.

1858.

J. SIMÕES FERREIRA.

MOSAICO

Mulher sem lagrimas é flor sem viço, é prado sem regato, é jardim sem tanque; será lindo, mas é arido; olha-se e não prende; admira, mas não enleva; estima-se, mas não se ama.

J. SIMÕES FERREIRA.

Os amantes que se vêem e fallam têm a felicidade do amor; os que vivem separados têm duas felicidades: a do amor e a da esperança.

D. SEVERO CATALINA.

Charada

É instrnmento preciso	1
Busca em ti, sempre o acharás	1
Na musica tem assento	1
Ao pe de ti o verás	1

Vou-te o conceito ja dar;
Tens-l'o no coração
Não o deixes escapar.

ERRATA

A pag. 144 onde se lê — Alem excio procurar, deve ler-se — Meu excio procurar.



ANJO DESCONHECIDO

Qual lyrio mimoso que a brisa estremece,
E a fronte cançada ja deixa pender,
Tua alma tão meiga de magoa fenece,
E pobre, sentida, se deixa morrer!

Tão fragil, tão pura, qual branca açucena
Que os prantos da aurora prateiam de luz,
Tua alma de culpas, de amores serena,
Qual anjo se abraça com os pés de Jesus.

Não tens outra crença 'nessa alma arreigada,
Esp'ranças da terra, nem uma sequer!
Ao ver-te scismando, 'té penso que es fada,
Pergunto a mim mesma se es anjo ou mulher!

És anjo! Nos olhos celeste candura,
Nos labios um riso, que aos anjos sorri,
Na frente um reflexo de triste amargura
Me dizem que és anjo: Deus manda-te aqui!

Por isso tu vives sosinha na terra,
Desprezas vaidades que os homens ca têm;
Apos uma crença, que o mundo desterra,
So vaes no retiro scismando tambem.

So vaes; e se volves olhar de saudade
É rapido fogo de extinto clarão;
Apos esse instante, mais firme a vontade
Te leva impassivel á triste soidão!

Portanto se soffres, ai! cala teus prantos,
Que eterna ventura te espera nos ceus;
O mundo não pôde com loucos encantos
Prender-te nos laços que affastam de Deus!

HENRIQUETA ELYSA

HYMNOS E FLORES, 1.º VOL. — N.º 20. 1 DE SETEMBRO DE 1863.

RECREIO PARA INSTANTES

Preambulo

Eis-me a braços com a preguiça!

Ca estou de cabeça baixa e penna em
punho pedindo ao tinteiro a inspiração que
não sinto em mim.

Doloroso e pesado é o encargo de entre-
ter o público; quando nós, mais do que elle,
precisamos de distracção, e distracção que
nos não pôde dar o nosso espirito em va-
sante de ideias.

Que hei de escrever que não seja ja ve-
lho e insulso para o espirito do leitor que
tem tido bom gosto de fugir ás massadas
de principiante como eu? Torturo-me por
não poder dar solução a este negocio em
que me vejo mettida.

A mente vasia de ideias não concebe,
assim como o coração ermo de esperanças
e affectos não sente: portanto a phantasia
anniquila-se sob a pressão do tédio, quando
não seja da dor. Não ha estado mais triste
que este! e contudo a cabeça parece que
pensa, mas vacilla sob o pezo d'este pen-
sar. É a abstracção do espirito que voa
vaga e indistinctamente por um mundo de
visões que não comprehende, mas encara
estúpido.

Ha d'estas phases anormaes na vida, in-
comprehensíveis para aquelles que têm a
felicidade de nunca as sentir. Quantas ve-
zes pensámos muito, sem pensarmos em
nada, isto é, sem nos fixarmos numa ideia
precisa e clara, sem tirarmos d'este pensar
alimento algum para o nosso espirito!! Ha
nestas occasiões um como derramamento
da phantasia que se espraia por horisontes
infinitos que não abrange, e logo depois
perdem-se de memoria os sitios que ella
percorreu, porque outros se lhe succedem
num perpassar e redemoinhar incessante.

Contudo quem enceta uma carreira deve
segui-la e caminhar direito nella sem que
um pe resvale, porque é então indubitavel
a queda.

Forçoso me é escrever, escreveréi pois.

Quem me não comprehender o desleixo do estylo, o acanhado da phrase, o mesquinho da linguagem, e o desalinho da contextura desvie os olhos d'este papel, na certeza de que se furta a duas horas de insipido aborrecimento. Ha epochas na vida que são aridas e escassas como um deserto: agora mesmo se me afigura que vou atravessando uma bem longa, de que ainda não vejo o fim, onde nem uma flor, nem mesmo um espinho vegeta.

É a minha alma um ermo, nu e frio, como a rocha que as vagas do mar, e as tempestades do ceu açoitam, privando-a assim do musgo, seu triste mas unico vestido! Pois nem tristeza que me inspire eu sinto?!

Quantas vezes, sentada 'num rochedo á beira mar, sob a abobada infinita dos ceus, vendo agitar-se, mover-se e rugir esse immenso tapete de vagas que se desenrola a meus pes, isto é, tendo de um lado a imagem do paraizo, e do outro um quadro do inferno, tudo isto com a sua poesia sublime e magestosa, quantas vezes, digo, eu indifferente, fria e immovel, pergunto á minha alma porque está muda, insensivel, e morta em face das maravilhas de Deus! E a alma responde que a sensibilidade tambem se gasta, quando o desalento se succede á dor!

Assim é!... tudo alli está morto!!

Deixo-me ir na corrente da vida impellido pelo sopro do destino, sem vontade de existir ou morrer.

Tão negras são para mim as gallas do mundo, como as trevas do sepulchro, tão suave a vida como a morte: não desejo uma, nem invoco a outra! É isto um desanimo que bem póde converter-se em marasmo assustador: e eu sem vontade nem energia para o combater.

É muito, meu Deus! Quantas vezes me comparo á folha sacudida da haste pelo vento, e arrastada de turbilhão em turbilhão até se fazer po!

Mas se a mim mesma pergunto o que me fez assim, se baixo e mui de manso interrogo a alma, que dormita inquieta 'num

mar de indifferença, que a agita, ella não responde, porque a si propria se desconhece e não comprehende.

Mas eis-me perdida em divagações insulsas e fastidiosas para o leitor, que não vem aqui pedir-me contas do que sinto.

Que importa ao mundo a minha vida? Parece que o amor proprio me arrasta para estas reflexões sôbre mim mesma! Pois não é: o unico fim com que as escrevo é para convidar os leitores a ouvir-me com paciencia, e absolver-me com indulgente amizade.

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA

SAUDADE

Tu, que dos ceus pela amplidão divagas,
Pallida tua, de divino altor,
Das brancas nuvens ás mimosas vagas
Subtrae teu rosto e vem fallar d'amor.

Oh! quão saudosa me percorre a mente
O espaço immenso, onde és gentil rainha!
Talvez a ésta hora em teu clarão attente
Tambem aquella, que jurou ser minha.

Talvez, quem sabe? os pensamentos d'ambos
Vão no ar travados adejando alem...
E em terno abraço reunidos ambos
Gozem no espaço quanto aqui não têm.

Oh! quem me dera 'num ligeiro adejo
Transpor os ares e reunir-me a ti!
Então dos ceus eu mandaria um beijo
Aos labios finos, por quem morro aqui!

SANTOS VALENTE

A C.

Pois se tudo agora é bello,
Se a manhan desponta linda,
Porque sera que este anheilo
Me não finda?

Porque, em plagas bem remotas,
Ao concêrto d'estas aves
Não junctas d'amor as notas
Tão suaves!

LUIZ CARLOS

EMBARGADO NO MONDEGO

(18 de Agosto)

Resurja aqui do tumulto do peito
O já morto viver de meus amores.

J. DE LEMOS

Em volta brilha tudo á luz suavissima
D'esplendida manhan. No ceu, na terra,
Nos perfumes do ar, no som das vozes,
Que sinto murmurar a meus ouvidos
Em notas de prazer, não sei que enlevo
Se diffunde, se espalha ardente e vago!

E pois que tudo agora
Nos traz allivio ás magoas,
Não ouçam estas aguas
A dor que me devora.

Abre-te, ignoto cofre
D'amor ha tanto occulto!
E fique o mal sepulto
No peito de quem soffre.

Em torno a mim palpita
Quanto ha de mais formoso:
Dos extasis do gôzo
Renasça a antiga dita!

Em quanto alindam flores
A breve mocidade,
Não turve a tempestade
O calice de amores!

Que sempre os desenganos
Virão roubar-nos cedo
O encanto grato e ledo
De tão fagueiros annos.

Se goza so quem ama,
Gozemos nós a vida!
Amar! que doce lida
Que em nós o ceu derrama!

Nem choro ja. Do jovem
As lagrimas sentidas
São perolas perdidas
Que sôbre um ermo chovem!...

TU, SO TU...

A MARIA

Quisiera tener millones
De almas para adorar-te,
E em cada cabello tuyo
Enredar una...

ESPRONCEDA

Maria, grata miragem dos meus sonhos,
anhelo dos meus sentidos, escuta...

Éstas páginas são tuas, estes pensamentos
inspirados pelo fogo do meu amor, ésta
inspiração filha do fulgor de teus olhos.
Não poderei retratar toda a força da minha
paixão; pallido e mal assombrado sera o
esboço. Apenas similhará a imagem do
choupo, que se espelha imperfeita no crys-
tal do rio.

Entre as lembranças que me excitas, que
amorosamente me enroscas no peito, me
acudiu a de te narrar a historia do amor
que accendes, quando passas magestosa
como rainha, agrilhoando escravos ao teu
carro de triumpho. Copiarei pela penna os
sentimentos intimos que me sanctificam a
alma.

Seja este o album dos meus mais doces
affectos, a chronica da phase mais querida
da minha existencia.

Sirvam-te éstas linhas como meu testa-
mento. Le-as quando eu morrer, quando
os vermes do sepulchro tiverem roido as
mãos que as escrevem, e o pe do coveiro
esmagado o coração que as dicta. Corram-
te então em fio as lagrimas, que irão —
quem sabe? — aquecer meu cadaver, inerte
e frio, no seu leito funerario!

Amo-te, e fiz d'este amor um culto pe-
renne, o destino da minha vida, o centro
das minhas ambições e dos meus desejos.
Este affecto que te consagro sente-se uma
vez forte e vehemente, mas eterno e unico.

E quando possivel fôsse que se extin-
guisse; que a alma descesse tanto que se
tornasse indigna de servir de templo á tua
imagem, porta de bronze a fechára para todo
o sentimento. O coração so ama uma vez.

Amo-te; e o amor da borboleta não é mais impetuoso do que o meu, quando cresta as azas, reduzindo-se a cinzas na chamma que adora. O amor que nutro não cresta as azas no lume dos teus olhos; é salamandra que vive no fogo, amianto incombustível, fiado e entretecido por teu capricho. Não se extingue, revive sempre como a phenix, floreja sempre de novo, profundo e eterno.

Amo-te; e o amor da brisa não é mais doce do que o meu, quando acaricia meiga as petalas das flores, refrescando-lhes o embrião, e internando-se-lhes pelos calices. Não podem extremos da brisa esboçar as doces meiguices, as meigas doçuras que o meu amor te prodigalisa. Se o viras, quando a tua imagem me radia no coração e occupa o pensamento! Como de imagens encantadas me povoa os ares! Como me alcatifa o chão de rosas, que me incensam e me perfumam! Louco em sua paixão, apaixonado na sua loucura, troca as tristezas em alegrias, poetisa e enfeita todos os logares, quando se enche todo do teu pensamento, pensando na tua imagem, imaginando-te em seus sonhos!

E tu ignoras este affecto; e passas diante de mim, como sombra augusta, que se reflecte, grandiosa mas insensível, nos circumstantes; como raio de sol estivo que esgota as correntes e myhrra os prados, sem consciencia da sua força.

Acredita; cada ideia que me esvoaça na phantasia é um hymno que minha alma te canta, cada alegria que me faz palpitar o seio nasce da tua lembrança!

Não é mais pura a vassallagem que se tributa ao Creador, porque divindade és tu... Se aquelle creou o verde de que se atapetam as terras, tu creaste o verde de minhas esperanças; se de humido torrão faz brotar mimosas flores, tu de meu peito fizeste rebentar as flores, inda mais viçosas, do meu amor; se nas balsas afinou os cantos das aves, tu me inspiraste ao coração canções divinas!

Escuta meus hymnos, virgem de meus

devaneios; acolhe estes sons, echos da paixão que inspiras; entesoura as minhas confidencias nos arcanos de teu peito. Reflexo do amor divino, religião purissima de affectos puros, presta teus ouvidos á narração de meus sentimentos.

Olha; quando pequenino brincava no campo com as borboletas, e na cidade com os vagalumes que doidejam á tarde pelas margens do Mondego, ensinavam-me nas orações, que a custo balbuciava, a rezar ao anjo que me guardava, que me cobria com suas azas brancas assetinadas a proteger-me contra a sanha do inimigo mau. Era a minha crença de innocente. E na verdade, o somno tão tranquillo que eu dormia, os sonhos tão risonhos que me embalavam, eram de certo bafejados e defendidos por um sópro divino!

Mas depois cresci; contaminado por essa sociedade devassa, a innocencia, perdi-a; os sonhos tornaram-se agitados. O anjo da minha infancia quebrára as azas!

Encontrei-te depois, e foste o anjo da minha vida. Com teu halito vecejou a esperanza, correram-me os dias como eden encantado, um extasis em delicias!

Ha pois dois anjos que nos seguem; um a innocencia da primeira idade, todo sereno e vestido de branco, a mostrar-nos um ceu azul e purissimo; outro a mulher que amámos. Este mostra-nos o ceu recamado de estrellas; não brilha como o primeiro, mas tem mais doçura; não abre as azas côr de neve que deslumbrem, mas desenrola as côr de rosa que enfeitçam.

Se o primeiro me fugiu, se dos brincos infantis so resta a saudade, appareceu-me o segundo a adejar-me em tórno, a roçar-me as plumas pelo rosto, a afagar-me, a beijar-me, a povoar-me o dia de pensamentos grandiosos, a encher-me as noites de doçuras, por toda a parte a acompanhar-me risonho, sempre meigo e divino.

Abençoada sejas tu, ó virgem, que por entre as procellas do mundo me raiaste serena a acenar-me á alma com as bemaventuranças do ceu! abençoada, que, mortas

as minhas crenças de infante, me deste
novas crenças mais mimosas de mancebo!

Se houve instante em que na terra jul-
guei entrever o ceu, foi quando te vi, anjo!
Se um dia na vida tive um pensamento
nobre, foi quando te amei, mulher!

Eu te amo! eu te amo!

A. A. F. P.

REMEMBER

Não te esqueças d'aquelle amor ardente
Que ja nos olhos meus tão puro viste.

CAMÔRS

Podes tu, virgem formosa,
Esquecer-te descuidosa
Do amor que te votei?...
D'esse ditoso passado,
Em que, cego e confiado,
Tão doces horas gozei?...

Quando tens olhos fallavam,
E 'nessas fallas me davam
Ledas esp'ranças d'amor...
Esp'ranças todas mentidas,
Que promettiam mil vidas,
E apenas deram... so dor!

Se tu, donzella, soubesses,
Se na mente concebesses
Qual era a minha paixão;
De certo que tremerias,
Quando volaste os meus dias
Às penas da solidão.

Não pagam ondas de pranto
A dor profunda que tanto...
Tanto o seio me pungiu!
Prometteste-me a ventura
Dos teus olhos na doçura...
Era a vida... que fugiu!

Mas ao menos... não te esqueças;
Talvez que um dia inda peças
Ao passado uma lembrança...
Mas então, ó virgem linda,
Recorda que existe ainda,
Existe sempre... uma esp'rança...

A. A. F. P.

AMOR COM AMOR SE PAGA

IV

Às seis horas da manhã do seguinte dia
foi-me chamar a sr.^a Francisca: levantei-
me, vesti-me, e sahi para a Praia dos ba-
nhos.

Uma pergunta: algum dos leitores ja foi
à Figueira? Bom! Então ja sabe que a
Praia dos banhos é um extenso areal, que
do Forte de Sancta Catharina vae a Buar-
cos. Sabe tambem que 'neste areal se ar-
mam barracas de lona, onde cada qual se
despe e veste para ir tomar a sua meia
duzia de ondas, e onde cada qual depois
se despe e veste para voltar a casa.

Ora alli, no areal, bem entendido, se
reunem tanto o sexo bonito (das virgens),
como o sexo feio (das casadas), como o
sexo egoista (dos homens).

N. B. É uma nova divisão dos sexos
feita por um amigo meu, muito espirituoso,
plagiato a uma outra que apparecêra em
Paris, e que vinha a ser, sexo masculino,
feminino e neutro (padres).

Mas de todos quantos alli na praia se
veem, a quinta parte, quando muito, toma
banho: o resto vae so para ver e passear.

No número d'estes entrava eu.

Apesar de ja não ser aquella a primeira
vez que a Figueira me via dentro em seu
seio, no intanto com não pequeno interesse
olhava eu para todas essas scenas, que alli
na Praia se passavam: e é realmente a cousa
para se ver.

Aqui veem-se, uns sentados, outros em
pe, outros passeando, e todos conversando,
ou rindo, e olhando para o mar: alli se veem
uns tomando ondas ou pela mão do banhei-
ro, ou sosinhos; outros nadando, e todos
esfregando os olhos, e sacudindo a cabeça
depois que a onda os galgou: e entre estes
e aquelles vão e vêm outros, crusando-se
no caminho, e cortejando-se com o tão re-
petido, como sabido dito.

As mulheres é que vêm divinas do ba-
nho! molhadas dos pes até a cabeça, cheias

as calças e saia de areia, e com um chaile pela cabeça, que previdente criada a meio caminho lhes vae dar, as mais lindas meninas parecem feias, e horrendas mesmo; e de mais a mais sem a indispensavel como elegante saia balão, ou *merinaque*, que é mais bonito, vejam que figuras ellas não de vir!... áquelle que já tiver dado o seu coração a alguma bella, eu aconselho que fuja de a ver sair do banho, sob pena de perder as illusões todas em que vive, o que seria uma grande desgraça... para elle, ja se ve.

Nestas e quejandas cousas estava eu pensando quando senti pousarem-me duas mãos nos olhos: olhei, e so vi trevas: quiz arrancal-as, e não pude: ouvi então por traz de mim uma voz dizer-me:

— Quem sou eu?

Apesar de disfarçada conheci logo a voz do meu amigo Pedro Sanches. Disse o nome, e as mãos cahiram. Apertou-me nos braços, inquiriu-me sôbre a minha saude, de quando chegára, etc. Perguntei-lhe pelas novidades da terra, e respondeu-me assim:

— Olha, amigo, se queres que te diga não ha por aqui nada de curioso: se não fôsse este divertimento diario dos banhos, e a missa aos domingos, passava-se aqui um tempo aborrecido: vae-se passear ás Obras da barra, a Buarcos, ao Cemiterio, e a duas ou tres partes mais: mas isto visto uma vez está visto para sempre: não ha theatro, não ha reuniões de familias, de modo que á noite ou se vae passar algumas horas a casa d'um ou d'outro amigo, ou se toma o fresco na praia, ou se deita logo depois de ceia: ve tu como se passa aqui o tempo tão bem! o que nos vale é termos este anno ca muita menina bonita: deita por ahi fóra os olhos e verás se me engano: e emquanto a novidades, apenas, que eu saiba, ha uma; e olha que não tem desafiado pouco a curiosidade dos banhistas essa menina: alguma cousa de positivo sei a seu respeito; e, com quanto me pedissem segredo, não tenho dúvida em te contar o que sei ácerca d'essa menina: o segredo é

inutil para um amigo, não te parece? mas passemos por ésta praia fóra que a todos os respeitos é melhor que estar parado.

E o meu amigo começou d'esta fórma, sem esperar resposta minha.

(Continúa)

SEBASTIÃO VICTORINO

BIRIBELINDA

Um carteiro p'ra mim cifta o progresso!
E, se a comparação aqui é lícita,
Darei que, como a lei é letra morta,
Sem a acção do poder executivo,
Assim tambem a ideia, o sentimento
Ficaria isolado e por fim morto
Sem a nobre entidade do carteiro.
E tão vil o reputam! e ao desprêso
O tem votado sempre a sociedade!
Vae, martyr, vae trilhando a agra senda
Da miserrima vida! so dos grandes,
Dos grandes bemfeitores é o martyrio!

Saibam pois que se um dia o tal carteiro
Não quizesse exercer seu nobre cargo,
Não lucraria nada a sociedade
Com os correios, wagons, nem com os telegraphos.
Seria qual relógio, a que faltasse
Subito a corda, ou qual o firmamento
Com todos esses globos reluzentes
Soes, cometas, planetas e satellites,
Se um globo so da orbita cahisse;
Ou se por invisivel potestade
Quedos ficassem subito no espaço!

É o carteiro um elo da cadeia
Que prende a humanidade; elo importante
Que estando 'num so ponto, une as cidades,
Une as provincias, une as várias partes
D'um reino todo; é mais que tudo isso
Une cem reinos, une continentes,
Une 'numa palavra os mundos ambos,
E se mais mundo houvera, mais unira!
E que relações tão doces com a familia!

Medianeiro sympathico das almas,
Dos mais sanctos affectos, so a elle
Deve o homem decerto a maior parte
Dos prazeres que gosa 'nesta vida.
Quem leva ao casto amante as meigas juras
D'um puro amor, de lagrimas regadas?
Quem faz pulsar um peito namorado
Que geme na soidão de triste exilio?
Quem ao amigo ausente as gratas novas
D'um amigo levou, a quem deixára,
Ou as d'um filho ao pae, d'um pae ao filho,

As do irmão ao irmão que se amam tanto?
Quem foi? digam, quem foi? Foi o carteiro!

Ha de, carteiro, o teu esquecido nome
Ir aos futuros seculos passando,
E la depois das mais remotas eras,
Quando o genero humano inda renasça
Apos revoluções, diluvios, cahos,
Aprofundando os velhos monumentos,
Alguem de ti fara um mytho, um nume!

Eis como eu agradeço o regosijo
Que o carteiro me deu, quando uma carta
Me entregou na manhan do outro dia,
Carta toda delicias, toda encanto,
Que me escreveu de Coimbra um bom amigo,
E que eu ja não resisto ao pensamento
De transcrever aqui, em parte ao menos.
Não so porque me fez algumas dúvidas
Em opiniões que eu tinha como certas,
Mas porque dou tambem aos bons leitores
Uma leitura boa, amena e grata;
E mais que tudo a vossas excellencias,
Minhas bellas leitoras, causa unica,
Que 'nisto me faz pôr algum cuidado,
Como em tudo o que faço e digo, e penso.
Eis pois o que eu achei no *enveloppe*,
O verso é differente, mas que importa?
Seja a ideia uma, a fórma é vária.
Dizia a carta assim la pelo meio:

Carta

.....
O meu primeiro amor foi remansoso e lindo.
Tantos annos la vão! e elle ainda sorrindo...
Levar-me podem tudo, eu rico ficarei,
Rico d'aquelle ceu, que tanto e tanto amei,
D'essa luz infinita, e d'essa imagem pura,
Que mal tu vens, amor, ai! vens logo, ventura?
Formosa estancia era, alli ao pe do mar,
As ondas a gemer, as aves a cantar!
Ao longe a barca e a vela, ao perto o campo e a aldeia;
De dia a luz amiga, de noite a lua cheia!
E sempre e em toda a parte aquella immensa voz,
O ceu, o espaço e o monte, e mais que tudo... nós!
.....
E continuava a carta por deante.

Peço perdão ao meu illustre amigo,
Não sigo o seu pensar. Doce remanso
Em negocios d'amor não convem muito.
O socêgo da vida é como o somno;
A vida é movimento, ardor e fogo,
E o continuo trabalho. Este as potencias
Estimula da alma, e excita os impetos
Do purq coração, que o bem procura.
Quem na continua paz, em grata estancia,
Livre ja do temor, consagra a vida
Somente a amar, estou que muito em breve

Virá a saciedade da ventura
A enervar-lhe a acção, murchar-lhe o espirito,
Perder até as afeições mais fundas,
Ou ao menos com o tedio resfriar-lh'as.
O amor quer seus revezes. Cada obstaculo
Afervora-lhe o alento, e dá-lhe forças,
O ardor lhe renova, e mais o aviva.
Quem duvida, experimente. Eu 'nestas cousas
Não sigo eschola alguma physiologica,
Nem Balsac, nem Sthendal, nem mil outros.
Deixo fallar a Sand, e o Mjchelecio
(Como outr'ora diriam os que o nome
De Cujás converteram em Cujacio,
E diziam Leibnicio, Hobbesio e Grocio,
Segundo o uso d'essas boas eras
Em que tudo sabia fallar grego
E escrever o latim. Ó santos velhos
De grande cabelleira e de rabicho,
Eu vos saudo e a vossa sapiencia!
Eu creio piamente que esses homens
Não largam nunca no outro mundo as sombras
De Cicero e Plutarcho, Homero e Horacio;
Que têm de viver, fallar com elles,
A fim de se informarem dos seus usos,
Da sua religião, da sua lingua,
E tirar certas dúvidas que tinham
Sobre a pronúncia propria das palavras,
Que se perdeu com o tempo. Era meu gôsto
Vel-os de braço dado a passearem
Pelos compridos atrios do outro mundo,
Julgando-se no Portico). Mas vamos
Á tal célebre carta. Ia eu dizendo
Que, a respeito d'amor, não tinha eschola.
Quem quer avaliar, ha de ir aos factos,
Sujeite á experiencia as theorias.
O verso de Camões vem muito a pello:
Melhor é experimental-o, que julgal-o.
E respondi á carta em tal sentido.
Depois fui preparar-me. Era preciso
Ir esperar a amavel Ermelinda.
Chegava 'nesse dia. Sahi logo
Eu e Ambrosio, e deixando atraz Lisboa,
Fomos até ao mar. Aqui me cesso.
O que passou depois vae no outro canto,
Que este ja vae passando alem das marcas.

(Continúa)

A. L. SANCTOS VALENTE.

FESTIVIDADE

A pequena distancia de Coimbra, e na margem esquerda do Mondego está situado o alegre e aprazível lugar de S. Martinho do Bispo.

No dia 16 de agosto celebrou-se ahi com toda a pompa e esplendor (graças ao assi-

duo desvelo do R. Parocho e mais mordomos), a solemnidade do SS. Sacramento.

Não me demorarei a descrever a festa em si, pois encheria muitas das columnas d'este sympatico jornal; pelo que me limitarei a fazer tão somente um pequeno esboço d'um facto, que tornou esta festividade mais apparatusa e brilhante.

Um pouco antes de se dar principio ao augusto sacrificio da missa, o R. Parocho, revestido com uma estola roixa, e acompanhado d'algumas pessoas de distincção, se dirige á porta principal da igreja: ahí, com as lagrimas nos olhos, e a alegria no coração, recebe em seus braços um delicado moço de 24 annos, pouco mais ou menos, tornando-o filho do Christianismo por meio d'agua baptismal.

A igreja estava apinhada de povo de todas as classes, disputando cada qual um lugar para melhor ver o novo neophyto.

Procedeu-se ao baptismo; e, logo que elle recebeu a agua da regeneração, ondas de flores lançadas por innocentes creancinhas, lhe cahiram na cabeça.

Por padrinhos teve o R. Parocho (tocando por elle o ill.^{mo} sr. P. José Antonio Vieira) e a ex.^{ma} sr.^a D. Eulalia Ribeiro Freire.

Apos este acto tão tocante, seguiu-se a festa, onde orou o meu amigo Coelho, prior de Barçôco, mostrando mais uma vez na cadeira evangelica o seu engenho e talento.

Parabens, sympatico Julio, parabens te sejam dados pela nobre e justa deliberação, que de bom grado tomaste, despresando as doutrinas erroneas do Lutheranismo, para abraçares do intimo d'alma as leis salutaes do Crucificado.

A vós, R. Parocho de S. Martinho, tambem vos tributo os meus encomios, por verdes alfim concluidos os vossos desejos. Aceitae-os, pois são puros e sinceros.

Coimbra, 17 de agosto de 1863 J. V. M.

Não ha homem, por mais perverso que seja, que não tenha um momento em que não hesite na estrada do crime.

AUGUSTO SARMENTO

Logogripho

A primeira com a quarta
Andam sempre sem parar.
A quarta com a primeira
É mui facil d'encontrar.

A segunda e a terceira
Excelso nome darão.
A prima, terceira e quarta
Num momento se verão.

Estão hoje tanto em moda!
Mas um dia inda ha de vir
Em que não caibam na terra
Taes memorias ao porvir.

ALFREDO ELYSIO

Expediente

Em consequencia de muitos trabalhos na imprensa, não so o nosso jornal não pôde ser publicado no seu dia, mas ainda teve de mudar de typo. Esperámos que para o futuro se publiquem os numeros com toda a regularidade.

Tornámos mais ainda uma vez a lembrar aos srs. assignantes, que até hoje não satisfizeram a importancia de suas assignaturas, não obstante o terem sempre recebido a nossa folha desde o 1.^o número até ao último publicado, se dignem mandar satisfazel-as com a possivel brevidade. Assim o esperámos.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

O MENSAGEIRO DAS DAMAS

Jornal litterario e de modas

Publicou-se o n.^o 128 d'este jornal.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE



UMA DATA

Desceste, inspiração, meu doce anhelô,
Risonha esp'rança, que embalei em sonhos
Aereos, divinaes;

Ha muito que te busco com disvelo,
Ha muito que meus dias tão tristonhos
Ja não suavizas mais!

Ha muito, ha muito ja de teus carinhos
Apenas o desejo sinto n'alma,
Que a dor habita so;

Ha muito que te busco, e que entre espinhos
So acho do martyrio a negra palma
Involta em frio po.

Por horas de amargura e desalento,
Immersa a alma num pungir luctuoso,
Que vezes te invoquei!
Zombaste de meus prantos; e ao tormento
Novo grau de martyrio doloroso
Bem sabes que ajuntei.

Á febre do soffrer tu déste um riso
Em vez do pranto, que tão bem fazia
D'esta alma na aridez;
Negaste-me um consôlo tão preciso,
E a magoa, que em meu peito mal cabia,
Maior inda se fez.

Depois desceu... desceu... descêu ainda,
E em vão eu te invocava delirante,
Fugiste, inspiração!
Mas hoje volves ja: tua luz não finda,
E embora a fronte se te vele um instante,
Não morre teu clarão!

Bem vinda sejas pois! Desperta a lyra
Sauda alegre tua nova aurora
Que á alma traz a luz;
O sacro fogo que me agora inspira
Jamais em face do soffrer descora,
Que tem por facho a cruz!

Foz, 13 de agosto de 1863

HENRIQUETA ELYSA

HYMNOS E FLORES, 1.º VOL. — N.º

RECREIO PARA INSTANTES

I

E vi-te, formosa visão de dezaseis annos,
anjo que baixaste á terra como uma
perola caída do diadema de Deus, como a
lagrima que a noite chora e crystalisa no
calix da flor!

Eras bella e sorrias á vida, como as pri-
meiras rosas de Abril; como ellas, tambem
desabrochaste pura e singela embalada pelo
sôpro de Deus! A última primavera ainda
te vio sorrir para as flores que te offertava:
mas aos primeiros calores do estio com ellas
te definhaste!

Leonor, passaste na terra como meteoro
vivo e deslumbrante, que rapido atravessa
o espaço e vae morrer no occaso. A morte
colheu-te quando começavas de viver, quando
gravavas um nome na primeira página do
teu livro íntimo!

Os primeiros arruobos do amor, os pri-
meiros estremecimentos do coração foram
tambem os primeiros passos para o tumulo.

Alma, enlevada na poesia do senti-
mento, devia cair ante o imperio do cál-
culo.

O mundo não se fez para os apóstolos
da luz, para os filhos da poesia: os adora-
dores do ouro desprezam visões do espirito,
como elles chamam ao idealismo da juven-
tude; so palpam a solidez do metal, e por
elle não duvidam sacrificar-se a si e aos
outros.

Leonor, foste a victima sacrificada nas
aras d'esta divindade, mas victima sancti-
ficada pela dedicação e unvida pelo mar-
tyrio.

Nunca vi o sol declinar tão rapido para
o occaso, como ella resvalou para o tumu-
lo: comtudo o sol chega antes a tocar o
zenith, e ella estava bem longe de tocar o
seu!

Tinha dezaseis annos; deliciava-se em
extasis innocentissimo com os brincos e
folgares proprios da sua idade, ou antes de
outra idade mais tenra ainda. Abrindo para
21. 15 DE SETEMBRO DE 1863.

o mundo o coração rico de crenças virgens e celestes inspirações, este não desdenhou entrar no santuario augusto de uma primeira e suave afeição, impanando-lhe com nuvem pesada e sombria os arreboes do porvir tão fertil de visões! O amor que lhe havia de trazer a vida, trouxe-lhe a morte.

Leonor nasceu numa villa das nossas provincias. Filha de lavradores abastados, mas economicos e anti-progressistas, não teve nma educação correspondente á esphera de seus talentos! Felizmente, ou melhor infelizmente para a menina, deu-se um acontecimento casual, que lhe fez conhecer uma senhora de elevado merito, elevada educação e nobre por nascimento.

O que a principio não passou de um simples conhecimento, tornou-se em breve afeição íntima e sincera de parte a parte. Cecilia pediu a seus paes licença para receber em casa Leonor, como sua particular amiga, e pediu aos paes d'esta auctorisação para a ter juncto de si por algum tempo. Os quatro paes, reunidos dois a dois em conciliabulo íntimo, estranharam primeiro a lembrança de suas filhas, mas acabaram, depois de pequena resistencia, por annuir a este desejo.

— Olha, dizia Cecilia á sua amiga, quiz tirar-te de casa de teus paes, porque o teu espirito perdia-se alli á mingua de cultura; aquella atmospha de ignorancia devia asphyxiar a tua intelligencia. Aqui, sim, na minha companhia poderás desinvolver-te, porque te sobram elementos para isso. Os meus mestres serão teus mestres, os meus livros teus serão tambem.

Leonor amava seus paes, amara-os sempre muito, mas tinha um motivo de resentimento contra elles. Por muitas vezes lhes havia pedido que a mandassem para um collegio, ou que pelo menos lhe dessem mestres para casa, de modo que ella viesse a saber alguma cousa d'estas que actualmente se mandam ensinar ás meninas; mas a tudo isto oppunham os paes as suas razões desarrasoadas, e traetavam de futeis os desejos da menina.

Espiritos tacanhos e apoucados não podiam conceber que á sua filha fosse necessaria uma tal ou qual instrucção, que elles não tiveram.

— Ora... nós nos amámos e vivemos, graças a Deus, sem essas cousas, diziam elles com o mais boçal e estúpido desprezo.

Leonor curvava-se á vontade paterna sem murmurar, mas la lhe ficava na alma o desejo, desejo que ella desabafava em pranto quando se via a sos.

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA

IDEIA...

... E eu so a via.

GARNETT

Tenho so uma ideia na mente;
Uma ideia minha alma so tem,
Que me ocupe nas horas do dia,
E nas horas da noite tambem.

Vejo sempre ésta ideia ante os olhos,
Quer no monte, no campo ou no mar,
Quer do sol 'num so raio brilhante,
Quer no doce clarão do luar.

E ou as arvores se vistam de folhas,
Ou as tombem, ja seccas, no chão,
Ou nos tostem de julho os calores,
Ou se escute no inverno o trovão,

Ou receba da mãe os carinhos,
Ou me zelem cuidados do pae,
Quer eu sonhe ou vigie, sempre a ideia,
Ésta ideia seguindo-me vae...

A. A. F. P.

Religião! conforto dulcissimo que acalentas o magoado suspirar do infeliz, que o vigorisa no infortunio extremo!

CONFORTO

AMOR COM AMOR SE PAGA

No album da insigne poetisa a Ex.^{ma} Sr.^a

D. Amelia Janny

... após a tormenta
Surge o iris da bonança.

A. SARMENTO

Que linda estavas! Dilatando a vista
Por sôbre os campos, que o Mondego esmalta,
Ess'alma ingenua em região mais alta
Vagava incerta, demandando a luz;
Dize-me, ó virgem, que pesar contrista
As longas noites que veladas passas?
Quem ousa o collo de mimosas graças
Curvar-te ao jugo de pesada cruz?

Breve suspiro, suffocado a custo,
Me disse arcanos de profunda magoa;
E de teus olhos incessante a agna
Em alvas gottas deslisava então;
Talvez extremos d'um inutil susto
Assim teus risos em soluços tornem;
Eu inda espero que o porvir te adornem
Fagueiras crenças, que nascendo irão.

Porque se a vida nos corresse em prantos,
Sem que a ventura nos sorrisse um dia,
Não sei, donzella, quem no mundo havia
De infinda sorte supportar assim;
Mas sempre a vida com dourados mantos
Se enfeita aos olhos, se o presente é duro,
Que a meiga esp'rança de melhor futuro
Nos traz á magoa o desejado fim.

Se hoje tu soffres 'num silencio triste
Que ao desespero teu viver condemna,
Da propria angustia surgirá serena
A fé, que póde confortar-te a dor:
Toda a tristeza que na terra existe
Se esvae na gloria d'um amor ditoso,
Que, seja embora momentaneo o gozo,
Dá-nos ao peito perennal calor!

O amor! Só elle servirá d'escudo
Á rija lucta que se trava n'alma,
Se a desventura, que so elle acalma,
Risonhas crenças revolveu no po;
Cruel destino, que preside a tudo,
Te enreda as azas, delicada pomba:
No amor confia! de teus laços zomba
Tu, que suspiras gemebunda e so!

Sabes que no anno passado estive em Luso por todo o mez de Agosto; mas o que tu de certo não sabes é que encontrei la um antigo conhecimento: e deves julgar do prazer que sentiria ao vel-o, quando te disser que o sr. Antonio Francisco Sarmento era um meu intimo amigo, que eu, havia annos, não tinha visto.

Contou-me elle, com toda a franqueza que lhe é propria, em como possuia agora em Vizeu um pequeno estabelecimento de fazendas (hoje ja se não diz loja), que pouco lhe rendia, mas de que sempre tirava alguma cousa com que passar a vida; deu-me parte tambem dos seus projectos de engrandecimento, do que tentava fazer em prol da felicidade de sua filha, a quem queria assegurar um ditoso futuro. etc. etc. Era, e ainda é, um excellente homem o sr. Antonio Sarmento.

Sua mulher, D. Miquelina Simões, era uma senhora ja refeita, boa dona de casa, amiga do marido e mais ainda da filha, menina bonita, elegante, espirituosa, e, tambem te digo, muito seductora: e ella então que tinha uns olhinhos de matar, e que com tanta arte os requebrava! aqui onde me vês olha que tambem por ella andei doudo de todo... dia e meio!...

E o mesmo succedeu então, não em quanto ao tempo, a todos os que a viram e tiveram a dita de lhe fallar. Mas no entanto D. Anna Eugenia era uma menina de sãos principios e de perfeito juizo, e sabia, como ninguem, o que lhe convinha: era sim risonha, alegre e amiga de divertimentos; mas isto que denota? que ha felicidade e paz de consciencia, e não que haja falta de juizo; pelo menos eu assim o entendo, e ella mesma o deu a mostrar.

Mas voltemos á historia.

Andava esse anno passeando em Luso tambem um rapaz rico, de boa presença, de bonitas maneiras, de boa familia, e que

havia sido meu condiscipulo em preparatorios. Manuel de Castro viu os olhos tão meigos e seductores de D. Anna, e para logo nelles ficou prêso: aconteceu-lhe, nem mais nem menos, o mesmo que aos mais todos. Por outro lado as tão excellentes qualidades d'este rapaz não podiam deixar de fazer sua impressão em D. Anna. E, de feito, d'ahi em diante D. Anna fez sempre por se encontrar com Manuel de Castro, quer nos passeios, quer no banho, quer nas companhias; pelo menos elle muitas vezes me disse que onde quer que fôsse sempre havia de encontrar D. Anna.

Em vista d'isso disse-lhe eu um dia que o felicitava por tão bem haver collocado o seu amor: mas respondeu-me por um modo que eu não esperava: disse-me que *aquillo* não era mais que um mero *passatempo*, e que só andava disfructando D. Anna, pois não sentia por ella cousa alguma que se parecesse com amor.

Mas o que é certo é que sempre eu os via trocarem ou um olhar, ou um apêto de mão, ou um sorriso, ou uma palavra, todas as vezes que se encontravam e o podiam fazer a seu salvo.

D'esta sorte passaram elles todo o tempo dos banhos.

No último baile a que elles assistiram no sala do edificio dos banhos, Manuel de Castro, numa contradança, teve ensejo de fallar a sos algum tempo com D. Anna; e creio poder-te dizer, ainda que nada ouvisse, nem elle me dissesse cousa alguma, que houve por alli muita promessa, muito amor, e... e muita cousa mais; é mesmo de presumir que entre ambos se conviesse em se corresponderem para o futuro, pois Manuel de Castro algumas vezes me mostrou cartas de D. Anna.

E 'nessas cartas eu sempre via respirar cada linha amor profundo, immenso; e, não obstante, Manuel ria-se como um perdido, dando grandes gargalhadas, quando em tom declamatorio me recitava algum periodo de mais effeito e de expressões mais amorosas!

Por isto, e pelo que a cada instante me repetia, via eu que da parte de Manuel de Castro não havia amor algum; e tinha de veras pena da pobre menina. Se a este respeito fazia alguma observação, cortava-me elle logo a palavra com o seu egoista:

— Quero divertir-me.

Até estive algumas vezes mesmo tentado a prevenir D. Anna, mas sentia-me sempre detido, não sei por que força, quando lhe ia a fallar, de modo que ella e os paes partiram para Vizeu sem eu nunca me abalarçar a lhe dizer cousa alguma a este respeito.

Em todo o anno lectivo que se seguiu a estas ferias, e que era o último da formatura de Manuel de Castro, poucas vezes me elle fallou em D. Anna, não obstante receber cartas d'ella, e ir passar as ferias do Natal e da Paschoa fóra de Coimbra, provavelmente a Vizeu.

Este anno não fui a Luso; dias antes de findo o mez de Agosto parti para aqui; e queres saber quem eu encontrei ca? foi Manuel de Castro: e o mais bonito é que trouxe consigo D. Anna! Com elle me encontrei logo no dia seguinte ao da minha chegada, e então me deu parte de tudo quanto até alli succedêra.

A pedido de D. Anna fôra elle passar o mez de Agosto a Luso, pois, me disse elle, queria ver no que aquillo dava; todo o tempo que se alli demoraram para elles foi uma quadra de venturas so, so de prazeres; eram tão felizes, tão ditosos então! D. Anna amando e sonhando sempre com o casamento, Manuel de Castro gosando e cuidando de bem passar o tempo; e que projectos, que promessas, que esperanças!

Um tal estado de cousas não podia porém durar sempre; pois nem convinha a um nem a outro; era mister prompta resolução. Manuel de Castro não se decidia a pedir D. Anna aos paes, adiando sempre com pretextos diversos de dia para dia um tal passo. E o que faz então esta menina, a quem nunca illudiram esses pretextos? diz a Manuel de Castro, e terminantemente,

'num dos bailes dados na casa do edificio dos banhos, que ás quatro horas d'essa mesma noite a chamasse da rua, que ella logo iria ter com elle e sairiam no mesmo instante de Luso.

A isto que respondeu Manuel de Castro? respondeu como qualquer de nós o faria e como ella ja o esperava; acceitou com grande alvoroço.

Á hora pois convencionada a chamava elle da rua, e D. Anna saia de casa de seus paes; esteve alguns minutos de joelhos á porta, e, de braço dado, partiram depois ambos para o Bussaco: demoraram-se dois dias no convento, saíram depois para Coimbra, e de la partiram para aqui.

Acabou-se a historia... por em quanto, ja se entende. É verdade, tu chegas agora de Luso: ouviste por la fallar-se alguma cousa ácerca d'isto?

Respondi ao meu amigo Pedro Sanches, que ouvíra sim fallar na repentina saída de Luso da familia Sarmiento, a quem apenas conhecia de vista, mas que tudo quanto me acabava de contar era para mim novidade.

— Olha que sempre é preciso que aquelles pobres paes muito e muito estimassem sua filha para se calarem sobre a sua fuga, e nada deixarem transpirar! se outro tanto succedesse com alguns que por ahí ha, e que eu bem conheço, o que então não seria! E se ainda isso livrasse de alguma cousa! mas...

Deixei fallar Pedro Sanches, sem lhe responder cousa alguma, porque os meus pensamentos não consentiam dar-lhe resposta, nem mesmo ouvia uma palavra sequer do que me elle estava dizendo. Eu ia pensando nos mysterios do coração humano, no *apurado olfato da nossa alma*, deixae-me assim exprimir, que nos guia e leva, atraz de um bem que nos foge, seguindo-lhe sempre o trilho, quer va para este quer para aquelle lado; parece haver um como dom de previsão que nos adverte do lugar onde pára o nosso bem, e para la nos leva, nos arrasta á fôrça, ou haja ou não von-

tade. E não succedera isto assim comigo? não fôra eu nessa manhan para o Bussaco tambem como que adivinhando que D. Anna para la havia ido? Não viera depois d'alli para Coimbra, e não fôra depois para a Figueira, sempre seguindo D. Anna?

Eis no que eu pensava quando entramos na cidade das casas de lona.

— Então o Sancto Ivo, doutor, não toma hoje banho? perguntou ao nosso lado nma voz argentina e melodiosa com aquella intonação propria dos habitantes da Figueira.

— Hoje não, minha pequena, está frio e ja é tarde: adeus, até ámanhan.

— Então és agora Sancto Ivo, doutor? perguntei ao meu amigo.

— Que queres! aquella pequena poz-me este nome! e a graça é que ja o anno passado me não chamava d'outro modo, e este anno se não esqueceu de mim e do nome!

Vi por vezes Manuel de Castro; mas D. Anna nunca a vi, nem na praia dos banhos, nem na missa, nem em parte alguma. Em todo o tempo que me demorei na Figueira pouco me diverti; tanto que até para o fim ja me começava a enfasiar o ver sempre as mesmas cousas, os mesmos logares e as mesmas caras.

No fim de Setembro voltei a Coimbra.

(Continúa)

SEBASTIÃO VICTORINO

SEBASTIÃO VICTORINO

IV

Vinha chegando a noite. O mar bramia
Como... é costume seu, quando irritado.
Relampejava ao longe a luz electrica
Coriscavam as nuvens, e elevavam-se
No turbilhão do mar as ondas liquidas,
Que parecia que o demo andava 'nellas.
E realmente o caso estava serio.
Ora eu que sabia que Ermelinda
Vipha a essa hora no mar... Vossa excellencia
Pode ja figurar o grande medo
Que de mim se 'apossou com tal 'spectaculo!
Não sabia de mim, ora resava,
Ora chorava lagrimas sentidas;
A que extremos d'amor ellas obrigam!...

E o bom d'Ambrosio ao lado consolando-me
 «Deixa o negocio a Deus — dizia-me elle —
 Fia tudo das mãos da Providencia.»
 Mas fui a pouco e pouco serenando
 E ja olhava aquillo a sangue frio.
 Fomos chegando á praia; muita gente
 Se achava alli á espera da familia,
 Ou d'amigos; e muitos por curiosos,
 Quando subito... ainda me horroriso
 So de lembrar-me a scena pavorosa.
Animus meminisse horret... Na praia
 Uma grita se ouviu; ais lamentosos
 Vindos da escuridão: ais que partiam
 Os tristes corações de toda a gente
 Que arregalava os olhos 'nessas trevas,
 Mas nada lobrigava. Oh dor! oh! psmo!
 E o vento a sibilhar, e as nuvens densas
 Desfazendo-se em agua... Coisa horrivel!
 E accrescia que as turbas apinhadas
 Puzeram-se a gritar tambem da praia:
 Andava a dor nas sombras discorrendo
 Pelos peitos de todos, dando gritos,
 Como nos bosques rugia á noite o vento,
 Quando o ceu se incapota e a luz se esconde.
 Mas podia, se viesse a claridade,
 Ver-se em todos os rostos estampada
 Com a pallidez e susto do costume.

Nós, como por instincto, eu é Ambrosio,
 Assim mesmo vestidos nos lançámos
 Não a matar na 'agua o fogo acceso
 Mas a salvar a vida ás tristes victimas.
 Um relampago fulge. A nau quebrada
 Estava ao mar lançando os desditosos
 Que as ondas injeitavam. Muita gente
 Logo d'alli tomou perpétuo somno
 E fez da vida ao fim breve intervallo,
 Como disse Camões em outro assumpto.
 Triste espectáculo a humanos olhos!
 Tinham alguns seguido o nosso exemplo,
 O que muito serviu para que muitos
 Não perdessem a vida.

Senão quando
 Vejo um vulto de branco sôbre as ondas
 Fluctuando ao pé de mim. Era Ermelinda.

— Isso estava eu a ver — diz a leitora —
 É tão vulgar o inredo! —

Mas perdoe-me
 Vossa excellencia agora este defeito
 Que a verdade desculpa. Não emendo.
 O que quer que eu lhe faça?... se era ella!...

O resto omitte-se. É de pouca monta.
 Saber como ella foi levada em braços,
 Não nos meus, nos do irmão, a sua casa
 (O primo succumbira ás cruas ondas).
 Nem convem recontar como essa gente
 Se fôra pouca a pouco retirando
 Do theatro da dor, pungida, e mésta.

So vos direi que Ambrosio... E porque sempre
 Fallar d'Ambrosio aqui? Ja aborrece
 O tal senhor Ambrosio... Agora vejo
 Que so nós dois aqui temos entrado,
 Por ora mais ninguém. Isto é incrível!
 Levor o poema ja 'nestas alturas
 So com dois personagens secundarios!
 Vejo o pio leitor, tirando os oculos,
 Fechar o livro, e pondo-o a um canto escuro,
 Exclamar: «Isto so nos tempos d'hoje!»
 E a formosa leitora (o que mais custa)
 Rir da obra e dizer: «Por que motivo
 Em vez d'intitular isto *Ermelinda*,
 Antes não poz o titulo d'*Ambrosio*?

Oh! Se vossa excellencia me affiança
 Que ha de continuar a ler o livro,
 Não fallo d'elle mais, senão adeante
 La para o fim da obra. So lhe peço
 Que ja agora me deixe rematar-lhe
 O que ia dizer d'elle. É coisa pouca.
 Vem a ser que depois dos bons serviços
 Que fez, salvando a vida a muita gente,
 Querendo eu seguir a moribunda virgem,
 Por quem tanto suei (de tão bom grado!)
 Elle me trava logo alli do braço
 E me diz: «Isso agora é pedir muito!
 Não te deixo safar, vamos p'ra casa.
 Não posso aqui parar, 'stou constipado.»

E toda aquella noite velei sempre.
 Com tantas impressões fôra impossivel
 Conciliar o somno, a quem amava
 Com tanto ardor, como eu. Velei qual nunca
 Tinha até alli velado.

Que lindos sonhos d'infantil ventura!
 JOÃO DE DEUS

E pensei 'nella.
 Pensei no amor, que sempre nos unira,
 Amor profundo e velho, amor que vinha
 Ja la da boa infancia, dos bons tempos,
 Em que, um atraz do outro, a borboleta
 Tentavamos prender no doce ovario
 Da rosa ou lyrio, ou d'outra qualquer planta,
 (Que isso não faz ao caso). Então sem medo
 Mesmo á vista de todos nos beijavamos,
 Sem que a opinião pública e o decoro
 Nos viessem tirar um do pé do outro.
 Nem á desconfiança das vizinhas
 Davamos importancia, nem temiamos
 Os velhos paes sisudos, que respeitam
 O murmurar do povo... Isso era tempo!
 Oh doce liberdade!...

E assim pensando
 Passei a meditar nos mil systemas
 Que sôbre a liberdade se hão formado:
 Como perdia o homem quando entrava
 Na vida social (como uns pretendem,

E eu acho-lhes razão) certo fragmento
 D'aquella liberdade que gozára
 No estado natural. Qual a vantagem
 (Ou *vantagem*, se quer, como alguém escreve)
 Que d'isso nos provinha, ou se mais util
 Nos seria viver bem á vontade
 E deixar os grilhões, com que nos atam.
 E mil outras questões eu punha em praça,
 Qual d'ellas a melhor, de mais alcance,
 A respeito do amor que me prendia.
 Mas não cheguei a resolver nenhuma,
 Que não permite o amor reflexões sérias,
 Nem transcendentales, finas theorias.

(Continúa)

A. L. SANTOS VALENTE.

AMOR E TYBANNIA

CAPITULO III

A declaração

A verdade é algumas vezes
 o escolho de um romance.

G. CASTELLO-BRANCO

Ja então estava convertida a amizade em odio, a convivencia 'numa separação eterna, a intimidade 'numa guerra aberta; mas ainda assim alguém não participava de tão hostis sentimentos.

Os nossos leitores, sempre perspicazes, decerto adivinharam que são Carlota e Alberto. E é verdade: estes dois jovens, a quem o coração ja segredava amor, não interromperam as suas relações, e continuaram a escrever na impossibilidade de fallarem.

Um bello dia, Alberto magoado sobremaneira com saudades de Ignez, e não vendo como alimentar a doce esperanza de a ella se unir, dirigiu-se ao quarto de sua mãe, e, depois dos usuales cumprimentos, declarou-lhe que amava Carlota e que estava no firme proposito de a desposar, ou sua familia quizesse ou não.

A bondosa mãe nada se surprehendeu com esta tão ingenua confissão, e pediu a seu filho afastasse do peito a funesta paixão que lhe corroia o coração, porisso que, posto tal união fôsse em demasia honrosa

para Augusto, elle todavia por mero capricho recusaria dar-lhe a mão de sua sobrinha.

Alberto, a quem sobravam brios e coragem, faltava a prudencia que em taes casos se requer, jurou a sua mãe que, a custo de todo o seu sangue, casaria com Carlota, libertando-a assim do tyrannico jugo que seu tio lhe impunha.

Foi então que Virginia caiu em si; e, lendo nos olhos incendidos pelo amor, os sentimentos que giravam na alma de seu filho, prometteu-lhe que o coadjuvaria no que pudesse, se elle promettesse tambem obrar conforme ella mandasse.

Promettido isto, Alberto despediu-se de sua mãe, e, entrando no seu quarto, sentou-se á mesa e escreveu a seguinte carta:

«Meu anjo

«Confiei hoje o segredo do nosso amor a minha mãe: ella approva-o, fez-me comtudo ver que era impossivel levar amigavelmente teu tio a dar o seu consentimento para a nossa união.

«Prometti-lhe que me deixaria levar pelos impulsos do meu coração; ella fez-me jurar prudencia, e prometteu coadjuvar-nos em tudo. Ora, no caso de teu tio me negar a tua mão, confias em mim para me entregares a tua honra? Então á face dos altares te jurará eterno amor

O teu
Alberto»

Escrepta a carta tocou a campainha e um criado appareceu. Chama-se Jose.

— Que quer v. ex.^a disse este entrando.

— Conheces a sobrinha do sr. Augusto de Almeida?

— A sr.^a D. Carlotinha?

— Sim.

— Conheço, meu senhor.

— Faz chegar-lhe esta carta ás mãos sem o tio saber, e, se o conseguires, dou-te cinco libras.

— Comprehendo, fidalgo.

Logo que o creado saiu, Alberto ac-

cendeu um charuto, e começou passeando no quarto á sua espera.

Não esperou muito; o desejo de ganhar cinco libras esporeava Jose que parecia ter azas. No fim de uma hora elle voltou, e em seus olhos lia-se a satisfação que lhe transbordava na alma.

— Aqui tem meu amo, e deve-me cinco libras.

Alberto abriu uma linda secretária de pau preto, tirou d'ella a quantia ajustada e entregou-a ao criado, que bem a tinha merecido.

Abriu então com mãos trémulas o bilhete que Jose lhe dera, passou-o pelos olhos e exclamou:

— Agora sou feliz!

Tinha razão para o dizer.

O bilhete era concebido nos seguintes termos:

«Amo-te, ja o sabes, e ha muito que te pertenco pelo coração; o que tu quizeres, quero eu. A minha honra ponho-a á salvaguarda tua.

Passo a noite em casa de ***. Até lá.

Tua

Carlota.»

Era para exultar de prazer. Um bilhete 'nestes termos, e escripto por uma donzella ao homem que ama é uma felicidade, que poucas virgens concedem aos seus amantes. Mas, diga-se em abono da verdade, Alberto merecia ésta felicidade, pois o amor que tinha a Carlota era de raiz. O tempo, que tudo abala, tudo damnifica, tudo estraga e tudo consome, consolida e arrega um verdadeiro amor.

Alberto leu e releu a carta, e quando a acabou de ler pela septima vez davam trindades em Sancto Antonio da torre velha. Vestiu-se o mais elegante que poude, perfumou-se, accendeu um charuto e saiu.

Seria ter em pouco a capacidade e fina intelligencia dos nossos leitores se lhes dissesse para onde foi. Deveis tel-o adivinhado.

(Continúa).

LUIZ DE SA COUTINHO

VILANCETE

Que fazes, Rosinha, no pino da calma
por éstas montanhas, florinha d'amor?
A sombra não buscas, não ves como a palma
se dobra queimada por tanto calor!

Como ella não queiras que a côr do teu rosto
tamanhos ardores te possam mudar!
O estio vae grande, são dias d'agosto;
á sombra te deixa comigo ficar.

Ha tanto, que espero por éstas montanhas
a ver se te vejo passar por aqui!...
De dia e de noite saudades tamanhas...
mal sabes, ó Rosa, que eu tinha por ti!

Domingo na festa, que a gente fazia
na branca ermíidinha do nosso lugar,
eu fui para o adro, por ver se te via
co' as mais raparigas defronte passar.

E triste sem ver-te, corri á igreja
e em vão-te buscarem meus olhos alli;
mas hoje que a sorte me dá que te eu veja,
á sombra te assenta, não saias d'aqui.

«Que dizes! e ao ver-nos á sombra sosinhos
«a gente da aldeia de nós que dirá?...
«a sombra não quero; por estes caminhos
«talvez meu pae venha... depois que fara?!»

Teu pae dorme a sésta, não temas que venha
do valle ás collinas por este calor...
Não temas que espreitem: é muda ésta penha
ninguem nos escuta fallando d'amor.

Os dias, que passo nos montes sem ver-te
parecem mil annos, mil annos sem fim,
Rosinha, parece que venho a perder-te,
se fallas c' os outros e nunca p'ra mim!

Mas 'nisso não creio; tamanha desfeita
não podem os anjos fazer a ninguem,
entremos na matta, pombinha perfeita,
la dentro gosemos da sombra que tem!

«Adeus, tenho pressa: ja disse — contigo
«não posso 'neste ermo passar o calor;
«que a imagem da Virgem, que trago comigo
«me ordena que fuja dos p'rigos d'amor.»

E 'nisto fugindo do pobre, que a adora
correndo, correndo se esconde no valle!
Debalde o amante, que volte, lhe implora...
tamanha desdita não tem outra igual!

Cidral — Agosto de 186...

J. SIMÕES DIAS

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE



SONETO

Il n'y a de bonheur que dans le ciel.

BALZAC

Que lento agonisar, que morte immensa!
Que inferno me vae 'nalma em lueta afflictã!
E que ância, que soffrer, em que cogita
A mente afoguada em dor intensa!

Vacilla da razão a luz suspensa
Às bordas de um abysmo que se agita;
Ideia apos ideia precipita
Nas trevas de uma d'úvida em que pensa!

Se em magoas vivo, ó Deus! se luto apenas
Sem balsamo de esp'rança que conforte,
Refúgio de infelizes 'nestas penas,

Oh! da-me, da-me que surgindo forte
Do cahos de amarguras, mais serenas
As horas volvam sob o chão da morte!

Foz, 30 de Setembro

HENRIQUETA ELYSA

PASSADO E PRESENTE

Qui pourra jamais comprendre
le génie du mal qui a disposé de
moi?

MADAME DE STAEL

Nasci 'num berço de risos,
Entre afagos e delicias
Do amor;
Depois, da aurora aos sorrisos,
Vi mudar éstas caricias
Em pavor.

Veio o anjo da poesia
Entre cantos ao meu lado
A sorrir;
Com que pallida agonia
Seu olhar volve inspirado
Ao porvir!

Um negro crepe de morte
As faxas da minha infancia
Cobrir vi;

Creança, julguei-me forte
No mundo, florida estancia,
E vivi.

Os meus enlevos dilectos,
Meus desejos innocentes,
Meu folgar,
Eram sonhar mil affectos
Entre palmas rescedentes
Ao luar!

Por entre os bosques so via
Imagens de anjos e fadas
Folgazans!
Em meus braços as cingia;
Vi mais tarde que eram nadas,
Sombras vans!

Eram vans!... Minhas chimeras
Tão lindas, tão innocentes,
Ao nascer,
Eil-as involtas nas eras
Do sepulchro, onde inda quentes
Vão descer.

Nem ja me é dado uma esp'rança
'Neste peito tão enfermo
Despertar!
Os meus dias de bonança
Não gósto de vir 'neste ermo
Recordar.

Pois são phantasmas sombrios,
E sonhos que mais não volvem
Té morrer,
Quem ha de affectos tão frios
Nas cinzas em que se involvem
Aquecer?

Ninguém, ninguém! que no peito
Ja não cabe de amargura
Dor cruel!
É recinto muito estreito
Para abrigar a ternura,
Pois tem fel.

Mas que fel! Este meu riso
Mal traduz tanta agonia
Que cá vae!
Ha irrisão no sorriso:
O pranto janeto á ironia
Frio caé.

Gelou-me sópro de morte
O viço da mocidade;
Como a flor
Açoitada pelo norte,
Vegeto na soledade,
Sem fulgor!

HENRIQUETA ELYSA

RECREIO PARA INSTANTES

Quando a pedido de Cecilia deixou Leonor a casa de seus paes foi com o intuito de se não demorar mais que alguns dias, pois nem de outra forma ella acceitaria tal convite com prazer.

Foi pois.

Cecilia tinha uma linda quinta nos arbaldes da villa, onde residia quasi sempre, e para la levou a sua amiga. Passaram-se dias, depois semanas, depois mezes, e as duas meninas não pensavam em separar-se. Leonor dava-se perfeitamente com aquelle viver, porque amiudadas vezes espalhava as saudades que tinha de seus paes com as repetidas visitas que lhe estes faziam. Cecilia, pela sua parte, amava a joven com todo o extremo e affecto de quem não tinha conhecido outra irman: além de de que era Leonor mais que digna d'esta afeição que sobejamente compensava com carinho.

Não se pôde imaginar o afan com que Leonor buscava cultivar a sua intelligencia para a pôr ao nivel da de sua amiga, de quem ao principio não comprehendia as ideias, senão pela finura de seu instincto natural. Foram tão rapidos os progressos, tamanho o desinvolvimento que em pouco tempo o seu espirito adquiriu, que Cecilia, a não a amar tanto, invejar-lhe-ia o talento que de muitos graus excedia o seu; mas nunca poderia ser emula d'aquella que, por assim dizer, levantou do nada, e via com orgulho de dia para dia engrandecer-se.

II

Era um dia ao anoitecer: os ultimos reflexos crepusculares espalhavam-se, como vistas de fogo, pelas cristas das montanhas, illuminando o horizonte de pallida claridade, ao passo que ja as sombras da noite se estendiam pela vastidão do ceu, onde começavam de surgir milhões de pequeninos astros. Corria uma aragem fina e penetrante, como sempre succede ao cair da

tarde no inverno, principalmente quando o ceu está sereno, e os horizontes limpos de nuvens. Não obstante isso, a noite que chegava annunciava-se como um espectáculo dos mais bellos e sublimes da natureza.

Era uma noite de Janeiro como so as ha em Portugal; limpida, pura e cheia de brilhante luz. Cecilia e Leonor saiam de mãos dadas para o jardim, abstractas, mudas e silenciosas, como se temessem com um leve ruido perturbar a harmonia e ordem da natureza. Aos ultimos lampejos do dia que ia desaparecendo, e aos primeiros clarões da lua que começava de surgir, podia muito bem ver-se e contemplar-se as duas meninas, que pareciam as mysteriosas fadas d'aquelle retiro, surgindo como por encanto, enlaçadas uma á outra para respirarem as últimas brisas da tarde, em cujas azas o dia envia seu hymno derradeiro. Aquelle suave mixto de luz e sombra, que o crepusculo derrama, como veu mysterioso, sobre a natureza, cingia de pallido reflexo a fronte das duas amigas, e dava um como colorido feiticeiro e phantastico ao encantador grupo.

Leonor, açucena melindrosa, branca e aerea como um espirito, mais anjo do que fada, mais fada do que mulher, reclinava a cabeça, languida e meiga, sobre o hombro da sua amiga com delicioso abandôno fitando ao mesmo tempo no espaço seus grandes olhos negros, mais poeticos que a noite, mais scintillantes que os astros; ao passo que Cecilia, mais feiticeira e travessa, mais viva e espirituosa, cingia com o lindo braço o alvo collo de Leonor, envolvendo-a toda na chamma ardente de dois olhos pardos que lhe brilhavam á flor do rosto. As duas meninas amavam-se em extremo, e desvanecidas se miravam uma á outra como se, com razão, se julgassem duas das muitas maravilhas creadas pelo Eterno.

Eram realmente duas bellezas muito distinctas, mas que nada tinham de commum entre si; duas almas, ambas enlevadas,

ambas poeticas, mas apenas identificadas pelo affecto, desunindo-se em todas as aspirações e desejos. D'este desaccôrdo de pensar nascia talvez aquella harmonia que as ligava em mutua e intima affeição. Em Cecilia, aquella vivacidade no gesto, aquelle fogo no olhar, aquelle galanteio feiticeiro nos ademanos denotava certa impetuosidade de genio, que podia vir a tornar-se um tanto feroz e selvagem, se um dia as paixões acordassem em seu seio em lucta com a razão. Nella estava personalisada a fôrça, a energia, a acção, todas as qualidades varonis emfim. Coração de fogo para o amor, e de aço para o odio, tão vehemente devia ser 'numa como 'noutra cousa; emquanto que Leonor, corpo debil e fransino, alma arrôubada na poesia do infinito e do amor, por uma e outra cousa devia morrer, quando as crenças que nutria caissem, como illusorias que eram.

Sigamos as duas amigas no seu passeio, e ouçamol-as fallar, pois tera o leitor então occasião de melhor as conhecer:

III

Sentadas 'num banco de relva á beira de um declive, no fundo do qual corria manso regato sôbre leito de fina areia, Cecilia e Leonor repousam ha poucos instantes, conversando ao mesmo tempo 'neste metal de voz, que nem bem se pôde chamar confidencial.

— Não sabes? dizia Leonor á sua amiga, meu pae vem buscar-me um d'estes dias; e para que, Sancto Deus!

A pobre menina estremeceu, e fez-se branca como um lyrio.

— Ora! gracejas? teu pae vir-te buscar! faltava-me ver essa! respondeu Cecilia com os olhos brilhantes e as faces incendidas por vivo rubor. Ainda não ha muitos dias que vieste: teus paes roubaram-te a meus carinhos por espaço de dois mezes, que te a tiveram. Não sabem que não posso viver sem ti? então para que te veem buscar outra vez?

— Para que? oh! se t'ò eu dissesse!... Mas não, não quero ver-te indignada contra meus paes, isto è, contra aquelles que tudo podem sôbre mim.

— Não dizes, Leonor? não abres o coração á tua amiga? Queres assim que creia em ti, e que não pense que os teus carinhos não passam de simples demonstrações de um fingido affecto?

E Cecilia, fallando assim, havia recuado para o fundo do assento, fazendo a Leonor um pequeno gesto de amuo.

A joven correu para ella e apertou-lhe as mãos entre as suas, imprimindo-lhe ao mesmo tempo um beijo; depois deitou a cabeça no regaço de Cecilia, como se ficasse esperando o premio ou castigo da sua acção. Á vista d'isto a donzellá commoveu-se, e, levantando-lhe a cabeça, percebeu que a sua amiga chorava copioso pranto.

— Que é isso, Leonor?! levaste a serio o meu gracejo? desconfiás ainda da tua Cecilia?!

— Não, filha: choro porque sou muito infeliz!

E o pranto mais abundante corria d'aquelles formosos olhos, que a tristeza tornava mais poeticos ainda, sem contudo lhes impanar o brilho.

— Tu infeliz, minha Leonor?... exclamou Cecilia cheia de pasmo. Na primavera da vida mais fresca e amorosa, com o rosto de anjo mais seductor que em minha vida hei visto, com uma intelligencia e coração que fazem inveja á tua propria amiga, que te estima mais que a si mesma se ama, com a sympathia e affeição de todos os que te vêem ou conhecem, de que mais careces para seres completamente feliz? Em verdade que te não entendo: ou es muito descontente, ou pezar muito occulto te devora. Vejamos: que será que eu não possa remediar?

— Infelizmente não, minha amiga; ah! que se tu podesses, tenho a certeza que da tua mão me viria o remedio. Não sabes? é meu pae, sempre meu pae, que me quer

casar contra minha vontade, entendes, minha amiga?

— Sim, realmente! e eu que tão reservada tenho sido* para contigo, que ainda te não disse que tambem minha familia me destinou noivo antes de eu poder ter voto na materia! felizmente agradou tanto, que é um casamento de amor, e não de contracto, o que vamos fazer.

Um relampago sombrio, mas instantaneo, atravessou rapido pelos olhos de Leonor, que para logo se fitaram meigos na sua amiga.

— Ma! e eras tu a que ainda ha pouco me accusavas de reservada para contigo!

— É porque, antes de te fazer esta confissão, eu carecia saber se era correspondida com o mesmo amor.

— E es?

— Sou-o tanto, que de hoje a um mez casámos!

— Tão proximo estava, e nada me dizias?! Não me deixarás ver teu noivo antes de ser marido? Comêço a suspeitar que desconfias de mim; enganar-mé-ei?

— E se assim fôsse, parece-te que não teria razão? Não es tu mais formosa, meiga e boa que eu?

— Cecilia!...

— Leonor!...

As duas amigas depois de se mutuamente olbarem abraçaram-se com extremo.

— Mas, enfim, quem é o feliz mortal, minha Cecilia? Não acabarás de m'ó dizer? Por certo não é meu conhecido? interrogou Leonor com modos de quem a si propria se fazia uma observação.

— Eis ahi onde está o negocio; teu conhecido é elle, tanto como de mim propria.

— Não entendo, Cecilia; tu gracejas comigo; á fe que o ia jurar!

E Leonor, que havia pouco tinha impallidido, fez-se escarlate como uma roman.

— Não gracejo, não, meu anjo; tu é que achas prazer em te fazeres ignorante agora. Pois não adivinhas que é Fernando de Magalhães, que todos os serões vem passar comnosco?

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA

DUVIDA

À Ex.^{ma} Sr.^a D. M. E. T. de M.

Quem 'nalma te gravou scismar tão triste?
Tão triste pallidez quem te ha gravado
No semblante formoso?

A. GONÇALVES DIAS

Reposa-me no seio a fronte exhausta,
E vem contar-me a dor que assim te opprime
O joven coração:

E, se conforto houver á pena infausta,
Dos balsamos de amor virá sublime
Trazer-te a redempção.

Se estátua do soffrer tu es na terra,
E de angústias sem nome ingrato mundo
Te fez o pedestal,

Tambem nas solidões que a vida encerra
Ha muito soffrimento acerbo e fundo,
Ha muita sorte equal.

Quem lagrimas occulta em brando riso
Não julgues que é feliz, porque se esconda
A dor, que muda está;

Tambem se mostra o mar sereno e liso,
Porém, se o norte irrompe... erguendo a onda
Aos ceus a arrojará!

Tem contudo consólo as magoas de homem
Que sente a desventura por instantes,
E cujo pranto é
Como gotas de orvalho, que lhe somem
As ancias do viver com mais brilhantes
Lampejos d'alma fe;

Mas tão pallido sempre como a lua
Que desmaia no ceu ao vir da aurora,
Assim teu rosto vi,
Sem que nunca um sorriso a face tua
Viesse illuminar: quem póde agora
Levar-te allívio, a ti?!

Se divagas perdida em mil anceios,
Correndo apos visão fagueira e linda
De imaginario bem,
Quem ha de, pois, seguir-te os devaneios,
Eternos como essa alma que não fluda,
Nem laços ja detém?!

D'ahi vem teu soffrer. Sonhaste a vida
Nuvem tenue, subtil, que te velava
So mysterios de amor;
Depois rasgou-se o veu... desvanecida
A candida illusão, caiste escrava
De interminavel dor!

E assim te vejo agora pensativa
E triste, como archaújo que tombasse
Das regiões da luz;
Se é mais tranquillo o gesto, é menos viva
A côr tão branca e pura d'essa face,
Que teu penar traduz.

Não ha, não ha conforto que te abrande
O férvido scismar, d'onde em tu'alma
A dúvida brotou!
Se descreste do amor, que é forte e grande,
E fonte que so ella a sede acalua,
Que esp'rança te restou?!

(Do Instituto)

LUIZ CARLOS

A UNS ANNOS

Se os sentimentos que agitam,
Que me abraçam o coração,
Poderse exprimir em versos
De celeste inspiração,

Na lyra de ouro tangêra
Um canto novo, immortal,
Que eternisasse na fama
O dia do teu natal.

Mas, pobre, nada te offerto;
Que póde um pobre offerlar-te?...
Não tenho as galas do genio,
Nem sei as pompas da arte.

Porém, se a expansão sincera
De uma sincera amizade
Póde ser grata a teus olhos,
Póde dar-te f'licidade,

Acceita 'nestes meus versos,
'Nesta singela canção,
Os votos puros, sinceros,
Da minha pura afeição.

A. A. F. P.

É condição de um pastor vigilante não
se engolfar de modo no gôsto de um bem
conseguido, que perca de vista alguns dos
males que restem e a que se deva e possa
applicar remedio.

A. CARTANO DE SOUSA

AMOR COM AMOR SÊ PAGA

VI

Passou um anno.

No tempo dos banhos encontrei-me de
novo na Figueira com Pedro Sanches. Al-
guma cousa nos divertimos então: houve
até momentos de verdadeiro prazer, e em
que eu sobremodo folguei, com quanto de
minha natureza não seja eu muito para fol-
guedos: mas nem sempre podemos viver na
tristesa e abatimento; alguma vez ha de a
alegria vir deleitar-nos a alma e desterrar
paixões.

E não era por de todo me haver esque-
cido D. Anna que eu assim passava alegre
esse tempo dos banhos, pois nuvem negra
e triste me cobria o rosto, quando uma vez
por outra me recordava d'ella; mas eu fa-
zia por me vir a sua imagem á lembrança
o menor número de vezes: o estado de mi-
nha alma outro era que o do anno anterior,
e por isso pedia mais folgares e prazeres
que 'nesse tempo em que não era senhora
de si. Para 'dizer a verdade foi até aquelle
o em que melhor me souberam as ferias:
se me pareceram curtas!

Talvez se diga que so assim obrava para
me atordoar e deslembra de D. Anna; não
sei: o que sei é que é tarde, e que vou
acabar com a *historia*.

Um dia, e era domingo, ia eu meu passo
pela rua de S. Antonio acima para a missa,
quando dei de cara com Pedro Sanches.

— Ainda bem que te encontro aqui,
disse elle.

— Aconteceu-te alguma cousa?

— Não: acabo de ler agora uma carta
de Manuel de Castro, sabes? que recebi
ainda ha pouco: faz agora um anno exacto
que nunca mais o vi, nem d'elle tornei a
ter noticias: pois eu dou-te um doce se
adivinhares o que me elle manda dizer;
dou-lhe uma, dou-lhe duas... nada, toma
la a carta e le.

Peguei d'ella e li; dizia elle la pelo meio
da carta, e era ao que Pedro se referia,

que na terça feira se tinha baptisado um filho d'elle, que lhe puzera o nome de Pedro, que tinha havido festa rija, que D. Anna estava boa, etc. etc.

Não quiz ler mais; entreguei a carta, e elle disse-me:

— E então que te parece ésta? feito padrinho do pequeno sem ter vontade, nem ser convidado por uma carta em fórma! aonde é que isto se viu! *Ó tempus, ó mores!* ó tempo das amoras! Mas elle emfim é meu amigo, e então passe. Se lesse tudo verias que Manuel de Castro parece estar agora de outros humores: o nascimento do tal pequerrucho grande abalo lhe fez! veremos o que succede; o que ja estou vendo é que elle mostra agora estar doudo de todo por D. Anna, mas doudo de amores, que é a peor de todas as doudices; ella por um lado, e elle por outro, ha de ter que ver! nem duas rolinhas! Mas vamos indo para a missa que são horas.

Com quanto ja um anno se houvesse passado sôbre aquella venturosa noite de Luso, em que pela vez primeira tivera a dita de ver e fallar com D. Anna, no emtanto sempre que Pedro d'ella acertava de fallar, eu sentia ca no interior um não sei que de afflictivo, como que ciume, que bem a entender dava qual fôsse a impressão que ella no meu espirito fizera. O que é certo é que a noticia do nascimento de um filho de D. Anna, dada assim de chofre, me deixou aturdido.

Quinze dias depois recebe Pedro uma outra carta de Manuel: 'nesta lhe dizia que, attendendo, ja ao nascimento de Pedrinho, ja ao amor que ia começando com mais força de sentir por D. Anna, a quem mais prêso cada vez se via pela sua ternura e affeição, havia decidido tomal-a para espôsa, pois que assim tambem se congratava com uma familia que elle presava por ser a de D. Anna, e se descarregava de um pêso que tinha na consciencia, pagando assim o amor extremo que lhe ella tinha com outro não menos extremo; portanto lhe participava que, dentro de oito dias,

se recebia com D. Anna, e, logo depois, partiam ambos para Vizeu, onde os paes d'ella os esperavam alvoroçados para lhes darem sua paternal benção e para beijarem o seu querido netinho. Acabava emfim por se confessar o mais ditoso dos homens, e por dizer que ninguem possuia uma mulher como elle.

E eis aqui está como finda a historia do meu primeiro amor; se eu algum dia poder contarei tambem a historia do meu segundo amor, que ainda é mais divertida, e mais instructiva; ora verão.

E disse por hoje.

SEBASTIÃO VICTORINO

A C...

(NO DIA DE SEUS ANNOS)

Perfeito amor que amor jura

A. F. DE CASTILHO — *O Outono.*

Formosa c'roa de flores
quizera hoje p'ra ti;
mas n'alma so tenho dores
d'ausencia sentida aqui.

E eu hei de off'recer-te espinhos
'num dia que é so d'amores,
quando ventura e carinhos
refletem d'aurora as côres?

Ou com saudades myrradas
adornar-te a fronte pura?
seria em horas doiradas
lançar flores de sepultura.

Ao martyrio, que n'ausencia
sem piedade me flagella,
tenho prêsa a existencia,
não quero mandar-t'o oh bella!

Outra flor guardo no peito
que sem perdela t'offereço:
é um puro amor perfeito,
o mais puro que eu conheço.

Nos teus afagos mimosos
que ella possa refflorir,
possam dias mais ditosos
com ésta flor nos unir.

Lisboa, 13 de junho de 1863

HENRIQUE FREIRE

ERMELEINDA

V

Pois, meus caros leitores, vou dizer-vos
Que isto de verso solto é ja massada.
Safa! que estou ja farto! Se não rimo,
Não acabo o poema. Dão licença?
Alguns até sei eu que estão achando
Estes versos eguaes... eguaes á prosa.
E se alguém se zangar com tal mudança
(Que as opiniões emfim sempre variam)
Fico que a maioria approva a ideia.
Vamos pois a rimar. Principiemos.

VI

1

Não sei se invoque a musa... Irei ao Pindo
Chamar uma das nove... a que ama as danças.
Ella ahí vem cantando e vem sorrindo.
É Terpsichore bella! Em vão te canças
Innovador espirito, se curas
Supprimir tão sympathicas figuras.

2

Não ha ahí podêr que a tal se atreva,
Nem que o houvesse o faria; e hoje mesmo,
Inda que alguém seus nomes nunca escreva,
E invocações, se as faz, as faça a esmo,
Verão comtudo os taes, se bem reparam,
Que as não extinguiram, não; so as chrismaram.

3

E que embaraços tiram! que surpresas
Doces á phantasia ellas nos trazem!
Por isso tu, meu estro, as não desprésas,
Pois conheces o bem que inda te fazem.
Vem pois, ó Musa do festim, do baile,
Trajando o manto grego, ou fino chaile,

4

Vem-me contar o que essa noite viste,
Quando Ermelinda delicada e esbelta,
Dançando aquella valsa, alegre e triste,
Descrevia com os pés na sala um della.
(Não porque a sala fôsse algum triangulo,
Senão porque impedido estava um angulo).

5

E ella na valsa, delirante e ardente,
Sôbre o meu hombro reclinava a testa;
E o braço nu, que me perdia a mente
No meu pousava com doçura honesta:
E o levê sôpro, que exhalava a espaços,
Mais me apressava com o delirio os passos.

6

Eu amo a dança muito! Se soubesse
Vossa excellencia o gôsto que me causa,
Quando comigo dança!.. até parece
Vir do ceu, quando a musica faz pausa!
E quando de manhan a casa volto
Não sonho em mais, que no dançar revolto.

7

Inda mais que o theatro, eu amo a dança!
E para adoçar penas e esquecer-me
Das magoas que na vida a sorte lança,
E que affligem o triste, humano verme,
Quizera allí passar a vida toda,
Viesse embôra a estar fóra de moda!

8

Ah! meus bons corybantes! o que eu sinto
É turdes todos vós o mesmo gôsto!
E não posso tornar-me aqui distincto,
So se gostar das danças... em Agosto!
Mas 'nesse mez, em que se abraça o polo,
Quanto mais quedo estou, mais me consôlo.

9

Ia-se á noite em amorosas lidas,
Fallei-lhe muita vez, e fallou-me ella:
Fez promessas e juras esquecidas,
Eu prometti tambem... em Agosto!
E contente por ver que inda era amado
Fui p'ra casa e dormi mais descansado.

10

Ommittiram-se aquí muitas miudezas
Que eram bons episodios para a obra;
Tal era a descripção d'essas bellezas
Que nos salões havia, até de sobra:
E as censuras mordazes, que faziam
Umas ás outras, quando bem podiam.

11

Podera aproveitar os grandes lustres
Que pendiam dos forros estucados,
Ou as figuras dos barões illustres
Que andavam por allí embasbacados,
E os mil casos ridiculos e serios
Que davam p'ra dez poemas *megatherios*.

12

Podia eu pois aquí fazer um canto
De novecentos versos, pelo menos;
Mas 'neste assumpto tem-se escripto tanto,
E ha versos tão mimosos... tão amenos...
Que quando o estro a graça me não arme,
Dos lugares communs quero escapar-me.

13

No outro dia morreu um homem grande.
(Não é jornal, bem sei, este poema,
Mas dado mesmo que a arte tal não mande,
E se me altere assim da obra o systema,
Quando o altera um homem d'este lote,
Não temo que a censura me amarrote.)

14

Morrêra Xisto Camara. As ideias
Sei que fazem esquecer quem as prepara.
Vão-se as abelhas, ficam as colmeias;
Morreu o lavrador, fica a seara.
O mundo é uma officina. Os homens veem
P'ra cumprir a missão e a cargo têm.

15

Cada um trabalha um pouco; depois parte.
A ideia ca nos fica, essa não morre.
Mas quem 'nella tomou mui grande parte
Sempre ás abas da ideia prêso corre.
Assim vemos dos genios a memoria.
Cercada do esplendor da eterna gloria.

16

A tua ideia é grande: um geuio accusa!
Espirito inquieto, ardente e ousado,
A nenhum duro risco o peito excusa,
Não teme a morte, não receia o fado.
A ideia é grande; mas (mortaes enganosi!)
Será talvez ideia muitos annos!

17

Não me quero metter na embruhada
Da questão da Iberia. Isto que digo
Se pensam referir-se a essa alhada
Desde ja promptamente me desdigo,
Pois em obras, como ésta, mal parece
Que eu me metta em questões de alto interesse.

18

É bem simples o fim com que fiz isto.
Notou sem dúvida o leitor benigno
(Se com um relance de olhos o tem visto)
Que é de perdão e de indulgencia diguo.
E até avanço mais, embora riam;
Se gostassem, favor lhes não fariam.

19

Serve isto de prefacio. Este poema
Foi feito para rir. Ha uns momentos
Em que dos nervos por subtil systema,
Ou outras causas, outros temperamentos,
Ou quando a gente quer fazer o chylo,
Ninguem ama sisudo e grave estylo.

20

Le-se então o jornal, le-se o romance,
Obras feitas 'num dia, e para um dia;
E eu conhecia um velho (em paz descanse!)
Que lia a *Batrachomyomachia*,
Poema, que, como é fama, fez Homero,
P'ra animar a fazer... cousas sem esmero.

21

É d'estas a presente. O bom Virgilio
Do genero sabia e escreveu 'nelle;
E o suavissimo Ovidio antes do exilio
Não menos o tractou, que durante elle.
Se eu nos exemplos protecção buscára,
So com cital-os me saía cara.

(Continúa)

A. L. SANCTOS VALENTE.

Expediente

Com o n.º 24 completa-se o 1.º anno, e por conseguinte o 1.º volume dos Hymnos e Flores. Com este numero findam tambem a maior parte das assignaturas do nosso jornal. Fiados porém na protecção que os srs assignantes nos têm dispensado, não duvidámos que, no 2.º anno em que os Hymnos e Flores vão entrar, esses senhores nos continuem favorecendo com a sua assignatura, concorrendo assim para o augmento e prosperidade d'este jornal; mas no caso que, por este modo, nos não queiram obsequiar, os srs. assignantes terão a bondade de participar, impreterivelmente, a esta Redacção, até o dia 10 de Novembro, que não desejam continuar a sua assignatura.

Como poucos senhores têm acudido a satisfazer o importe da sua assignatura, apesar dos continuados pedidos que 'neste jornal e por cartas lhes temos feito, por este meio os avisámos que lhes não sera remetido o volume que se prometteu emquanto não satisfizerem toda a sua divida a ésta Redacção.

Esperámos que nos não levem a mal o tomarmos ésta medida.



NUNCA MAIS!

A ***

Em tudo se me afigura escripto o
lemma terrível — Nunca mais!

C. CASTELLO-BRANCO

Quem vae no ermo lamentar saudades,
Tristes verdades, pungitiva dor?
Quem vae vertendo de illusões perdidas
Gotas sentidas em myrrhada flor?

Quem vae, se o fogo nos escalda a mente
Resplandecente de fatal condão?
Funesta imagem de illusão perdida
La está cingida de infernal clarão!

Quem vae, se as flores de veneno eivadas,
Mesmo regadas ja não vão florir?!
Que vale o pranto quando a dor ateia?
Fatal cadeia quem a vae partir?

Se nos embala com mentida esp'rança
Triste lembrança de um passado vão,
Mais alto falla a realidade fria
Com voz sombria doloroso — não!

«Oh! nunca mais essa illusão tão q'rida
P'ra ti com vida tu verás voltar!
Immenso abysmo se interpõe no meio
Que a dor te veio com punhal cravar.

«Oh! nunca mais essa risonha imagem!
Fugiu na aragem que t'a trouxe aqui!
Funesto sonho! nunca mais um riso
Triste, indeciso, raiará em ti.

«Buscaste a vida 'num fogoso aneio,
Nunca um receio teu desejo eivou;
Queimou-te o fogo do teu estro ardente,
Nem cinza quente do que foi restou.

«Sonhaste muito! mas teus sonhos bellos
Loucos anhelos, quem podéra ver?
Amor e gloria, tudo te sorria,
Deu-te a ironia seu fatal descrer!»

Ai! flicidade, se tu es da terra,
Quem te desterra d'aqui longe, assim?
Triste destino que me rouba os annos?
Nos desenganos de uma dor sem fim.

Embora! ao menos que eu a veja uma hora
A linda aurora que te viu nascer;
Passou qual nuvem que a tormenta arrasta
Depois afasta p'ra não mais volver!

HENRIQUETA ELYSA

SEMPRE?...

Que dor ésta de saudade e
recordação para infelizes!

D. ANNA FLAGIDO

De que serve a memoria, se mata
Quando a crença p'ra sempre acabou?
De que serve, se em tudo retrata
Doce encanto
Que em pranto
Findou?

Se recorda so triste passado
Que um futuro d'esp'ranças roubou!
Se nos diz que o soffrer é baldado,
Que esquecido,
Perdido
Finou!

Se eu podéra esquecer esse transe
Que de gelo minh'alma tornou!...
Do passado no livro que lance
Negro traço
No espaço
Deixou!

De que vale dizer á memoria
Não te lembres, que a dita passou?
Se foi escripta com fogo essa historia
Expressiva,
Bem viva
Ficou!

Lodeiro, 10 de Outubro de 1862

HENRIQUETA ELYSA

RECREIO PARA INSTANTES

Parece que alguma cousa de extraordinariamente espantoso e incredulo se desenhou no formoso rosto da menina, ora envolto de uma pallidez mortal. E muito dolorosa e terrivel devia de ser a d'úvida que lhe atravessou o espirito, para que seus labios balbuciassem éstas palavras, como se de manso fallassem á alma:

— É impossivel, é impossivel!!

— Impossivel?! que significa essa affirmativa, Leonor? interrogou Cecilia com voz já algum tanto alterada pela suspeita.

Leonor estremeceu, como se de subito saísse de uma abstracção dolorosa, mas compondo o rosto com ar risonho respondeu:

— Significa que se espanta o meu espirito com a reserva que tens até hoje guardado comigo! Estranho o mysterio com uma cousa, que, visto ter a approvação da tua familia, não devia nem podia ser um segredo para a tua particular amiga, como me chamas!

— É uma accusação que me fazes, mas que recae sôbre ti mesma: ainda ha pouco me confessaste um segredo, que foi quasi preciso arrancar-t'o do coração á fôrça.

— Ah! sim, a respeito do meu casamento? hei de pensar mais detidamente, e talvez que sempre me resolva a fazer a vontade a meus paes.

— Sim?! exclamou Cecilia sem poder occultar um raio de satisfação indizível que subito lhe brilhou nos olhos. Então deixa-me abraçar-te por tão bem procederes.

— Que quer isso dizer?

— Que por um instante suspeitei de ti uma infame deslealdade.

Ao ouvir éstas palavras Leonor levantou a fronte com nobre orgulho e respondeu:

— Se ha deslealdade neste negocio recae toda sôbre ti: se eu amasse Fernando, pois foi este o alvo a que lançaste a vista não podias fulminar-me com o labeu de infame. Ha tres mezes que elle frequenta a

tua casa todos os dias, e nunca uma palavra tua me deu a suspeitar que entre ambos houvessem relações mais estreitas do que as de amizade, ou as que a civilidade nos manda usar uns para com os outros. A tua revelação de ha pouco veio muito tardia para prevenir uma deslealdade infame da minha parte, como tu chamas, provavelmente, a uma inclinação pelo homem que havias escolhido sem o eu suspeitar! Socega, Cecilia, o meu coração está perfeitamente tranquillo, e completamente exempto de todo o sentimento que não seja uma profunda veneração pelos meus, e inteira amizade por ti, que, não obstante a tua reserva, não pôde esfriar. Não podêmos continuar agora, Cecilia, por isso que, se me não engano, Fernando é aquelle cavalheiro que vejo vir alem, alegre e risonho, pensando quiçá no futuro, ou na agradável surpresa que vem fazer á sua amada. Eu vou retirar-me, minha amiga, para te deixar conversar em liberdade com elle: mais tarde fallaremos nós sôbre este assumpto, que sobremodo nos interessa.

Leonor beijou com ternura a face da sua amiga, e retirou-se.

IV

Não pôde a donzella evitar o encontrar-se com Fernando, pois não tinha outro caminho a seguir alem d'aquelle por onde o mancebo vinha: portanto viu-se obrigada a parar e complimental-o: 'neste acto o mancebo offereceu-lhe um ramo de violetas que trazia, ramo que ella acceitou sem muito saber porque nem para que.

Como caminhava ligeira, alguma cousa do ramo caiu no chão: baixou os olhos, e viu um pequeno bilhete cuidadosamente dobrado em fôrma de laço.

A primeira ideia que teve foi de voltar atraz, dizer a Fernando que se havia enganado na escolha da pessoa a quem offerecera o ramo; mas, pensando um momento, mudou de resolução, e, desdobrando lentamente o papel, leu o seguinte:

Anjo

«Não posso dizer-lhe por escripto o que tenho a revelar-lhe; preciso de dizer-lh'o com a mão sôbre o coração, e que o ouça palpitar para não descrever da lealdade das minhas confissões.

«Peço-lhe portanto uma hora so de conversação íntima e secreta, hoje ou ámanhan, quando julgar opportuno conceder-m'a.

Fernando de Magalhães»

Leonor amarrotou entre os dedos aquelle tão querido e ao mesmo tempo tão detestado bilhete: mas levada repentinamente a sentimentos mais brandos, e como que accommettida de tristes e saudosas lembranças, começou de chorar, encostando-se a uma árvore para não cair com o violento palpitar do coração, que ameaçava asfíxial-a, tolhendo-lhe a respiração.

Passados que foram os primeiros momentos de desafogo tão necessario áquella alma, ferida por decepção mortal, a menina escreveu no verso do bilhete éstas poucas palavras:

«Ámanhan, ás onze horas da noite, na fonte do cedro, espera-o

Leonor.»

Findo isto, dobrou-o cuidadosamente, e embrulhou-o na ponta de um lenço onde se viam bordadas as iniciaes F. M., e retirou-se. No decorrer d'essa noite teve a joven occasião de entregar o lenço a Fernando, mas não o fez com tanta cautela, que Cecilia o não percebesse, mesmo sem a pobre menina dar por isso.

Infeliz criança, que sera de ti sem a experiencia do mundo, e demasiado confiada na dedicação de uma amiga! Não sabes tu, donzella, que a amizade pura e sincera é flor que raro se encontra nos desertos areas da vida, e que se la veceja é para logo murchar?

Ai! que o amor venda-te os olhos, e leva-te a um precipicio, onde, chegada que sejas, é forçoso resvalar!

V

Era uma noite formosa como um sonho de anjos, ou um sorriso de Deus!

Mais fadada para amores nunca a lua surgira para allumiar de espaço a espaço com pallidos reflexos a crista dos robles, ou a copa dos salgueiros e carvalhos. Não devêra de ter tantos encantos e suavidade o despertar do primeiro homem, com toda a innocencia e púreza de sua alma, nos braços da mulher que Deus pozera a seu lado durante o somno! A lua apparecia com todo o seu magico esplendor; mas de instante a instante veu diaphano como o das virgens do Senhor lhe escondia a face de leite, para depois mais bella ainda destacar no azul do firmamento.

Éstas alternativas de luz clara ou branda convidavam os amantes a procurarem-se no silencio da noite, e conversarem na solidão dos campos, sob a rama do arvoredado prateada pela lua. O ligeiro ciciar da brisa ensinava a conversar baixinho, como suspirar da alma, que morre á flor dos labios, em murmurio tão brando que so ouvido de amante escuta.

Na quinta de Cecilia reinava absoluto silencio, e uma como meia obscuridade, pois a lua perdia sua luz no verde-negro dos cedros e outras arvores que não conhecem primavera nem outomno, e que alli foram plantadas profusamente.

Sob a copa de um mais elevado e antigo caía com gemebundo som, sôbre leito de fina relva, uma fonte, que, como fio de prata, corria por sôbre o campo, esmaltando-o de mil brilhantes lumes.

Era alli a chamada — fonte do cedro — a que Leonor alludira no seu pequeno bilhete dirigido a Fernando.

O mancebo la estava, havia boa meia hora, esperando Leonor com signaes de

visível impaciência, pois ésta faltava á hora aprasada. Porque seria ésta demora? que-ria a donzella não cumprir a sua palavra e fazer desesperar o pobre moço? Quem sabe? e o coração de Fernando com éstas e quejandas conjecturas, estremecia assaltado pela dúvida, que, como sombria nuvem, lhe obscurecia a frente depois de lhe ter alanceado o espirito.

De repente, e quando o mancebo mais desalentado se via, uma figura branca e aeria como visão, formosa como fada, mas pallida como virgem do martyrio, veio de manso encostar-se ao tronco do cedro, e murmurou baixinho:

— Aqui estou, sr. Fernando.

— Tardou tanto, Leonor, que começava a descrer de tanta felicidade! fui injusto, não é verdade? exclamou o mancebo levantando-se com precipitação e vindo junctar-se á donzella

Ésta, trémula e interdicta, redarguiu recuando dois passos:

— Falle mais baixo, sr. Fernando; aqui não ha paredes a que possa ser applicado o axioma: mas podem as árvores tambem ter ouvidos.

— E que me importa que os ellas tenham, formosa virgem? não queira envenenar com vãos temores o primeiro instante de felicidade que em minha vida hei tido! Oxala que todas as árvores, todas as plantas e todos os astros que d'aqui se avistam, tivessem ouvidos para escutar meus protestos e bocca para os repetir baixinho ao coração de Leonor!

— Leonor!... e porque não Cecilia? Se em vez da primeira fôsse a segunda que ora estivesse neste lugar, que lhe diria? interrogou a donzella.

— Dir-lhe-ia o mesmo que lhe vou dizer.

A joven fez um gesto desdenhoso, ao passo que ironico sorriso lhe crispava os labios.

— Então está visto que ha a mesma linguagem para todas, não é verdade?

— Não, Leonor; não comprehendeu bem, minha amiga; a mesma linguagem para

todas não póde ser, mas uma confissão para ambas, sim:

— Como se entende isso?

— Muito bem: a uma e outra eu diria: Amo Leonor!...

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA

A JULIA

(A pedido de uma dama)

Tu ja viste, minha Julia,
Terna, fagueira rolinha,
Quando morre a companheira,
Como a triste se define?...

Tu ja viste la no prado
A bonina emmurhecida,
Quando o sol lhe nega os raios
Que lhe alimentam a vida?...

Viste ja o tenro arbusto,
Todo florido e viçoso.
Quebrar, sumir-se nos ares
Pelo vento furioso!...

Se ja viste, apenas viste
Da minha vida metade;
São maiores minhas dores,
Mais flua minha saudade.

A rola triste e sosinha,
A bonina desbotada,
O tenro arbusto sem folhas,
Não me egualam desgraçada!

Perdi, assim como a rola,
Minha terna companheira:
Ja no mundo não conheço
Amizade verdadeira.

Como a bonina do prado
Longo do sol definiu,
Perdida a fe que me tinhas,
Minha alma tambem murchou.

E como o arbusto virente
Foi do vento desfolhado,
Tua cruel indiferença
Infeliz tornou meu fado...